

Fazendo merkadorias, transformando relações: um estudo sobre a expansão da produção para o mercado em Ataúro, Timor-Leste.

Ana Carolina Ramos de Oliveira





Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

**FAZENDO *MERKADORIAS*, TRANSFORMANDO RELAÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE A EXPANSÃO DA PRODUÇÃO PARA O MERCADO EM
ATAÚRO, TIMOR-LESTE**

Ana Carolina Ramos de Oliveira

**Brasília
2019**

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Monografia de Graduação

ANA CAROLINA RAMOS DE OLIVEIRA

**FAZENDO *MERKADORIAS*, TRANSFORMANDO RELAÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE A EXPANSÃO DA PRODUÇÃO PARA O MERCADO EM
ATAÚRO, TIMOR-LESTE**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva (DAN/UnB)

Profa. Dra. Teresa Cunha (CES/Universidade de Coimbra)

Prof. Dr. Alberto Fidalgo Castro (DAN/UnB) – Suplente

Brasília

2019

*Aquela que me gerou a vida
E à espiritualidade que me guia*

O CICLO DA VIDA

Pode parecer estranho, mas iniciarei esta seção de agradecimentos sendo grata ao rio de surpresas que é a vida. Sempre me considerei uma pessoa determinada e focada nos objetivos, mas, ainda assim, não escapei dos desvios que a correnteza da vida, de repente, me colocava. Foi assim quando percebi que talvez fosse melhor estudar em Brasília, do que em São Paulo; quando identifiquei que gostaria de trocar do curso de Relações Internacionais para Ciências Sociais/Antropologia e quando Timor-Leste apareceu na minha vida.

Antes de contar um pouco da minha trajetória e agradecer àqueles que me acompanham durante muito tempo, é aos leste-timorenses os quais me abriram um pouco das suas vidas a quem devo o principal agradecimento. O método de pesquisa etnográfico, ao meu ver, é a imensa esfera do acaso, em certo sentido, orientado. Eu tinha um projeto de pesquisa que me indicava, em partes, quais eram as interlocuções e contatos que eu deveria realizar. Por outro lado, eu também estava vivendo outras esferas do cotidiano leste-timorense que aparentemente não estavam diretamente relacionadas com a minha questão de pesquisa – a universidade, os espaços de almoço locais, dentre outros – que me renderam boas amizades. Assim como a vida, podemos tentar traçar e delinear alguns percursos no trabalho de campo, mas tendo a consciência de que apenas o momento será de fato o delineador daquela rota.

À família Pacheco de Makili, do Sr. Marcos e da Sra. Tomásia, meus sinceros agradecimentos. Se sentir acolhida e em casa mesmo distante da minha terra natal foi algo que facilitou e potencializou a minha pesquisa. Da mesma forma, agradeço à mulheres e homens que compõem os grupos de produção de Ataúro, com os quais tive maior contato: *Hakusara*, *Haburas Homan* e *Estatua Manukokorek*. Vocês abriram um pouco da produção e da vida de vocês para mim. Ainda em Ataúro, sou muito grata à família da Sra. Graciana e da Sra. Albertina, que enquanto eu estava em Arlo, sempre se dispôs a me auxiliar. Na verdade, em nome dessas pessoas e grupos, deixo aqui o meu sincero agradecimento a todos os *atauro oan* – filho/filha de Ataúro – por terem cruzado a minha vida.

Esta pesquisa não teria ocorrido de forma tão proveitosa se não tivesse recebido o apoio logístico da ONG Empresa Di'ak; se não tivesse sido recebida com extrema abertura e paciência. Obrigada Mana Eduarda, Mana Martin, Maun José, Maun Ed, Mana Lala, Mana Joana e Mana Yareisy. A vocês obrigada por me ajudarem e terem tido paciência no meu aprendizado do tétum. E não esquecerei as caminhadas matutinas que fazia em conjunto com o Maun José, as cores do céu, do mar e o café quentinho do Maun Ed.

Apesar da Maria Amado não ser leste-timorense de nascença, mas sim portuguesa, o trabalho que ela realiza como diretora da ONG possui um impacto excepcional na vida tanto do restante da equipe, como daqueles com os quais a ONG trabalha. Obrigada, Maria, por ter me aberto as portas da Empresa Di'ak. Além disso, agradeço por ter realizado a revisão do artigo escrito, em conjunto com a Profa. Kelly, em 2018 sobre a atuação da ONG. Foi um momento de intensa expectativa. Colocar a pesquisa, os dados, as análises de frente com os nossos interlocutores de campo – com aqueles os quais escrevemos sobre – é uma experiência excepcional e muito engrandecedora dentro do projeto de ciência que busco realizar. Acredito que a Antropologia é a zona de desconforto que precisamos habitar durante um tempo; é o espaço que nos colocamos em questionamento, para conseguir “compreender” a visão do outro.

À Rede Feto, em especial à mana Judith Ximenes, à mana Dinorah Granadeiro, à mana Cecília Fonseca e à mana Laura Abrantes, meus sinceros agradecimentos. Sou muito orgulhosa de ter conhecido parte de como se desenrola a dinâmica de organização política e social das mulheres em Timor-Leste. Aproveito para agradecer ao maun Benny, funcionário da Rede Feto, e à mana Della, que são dois amigos queridos que realizaram graduação sanduíche no Brasil em 2015 e que me auxiliaram em diversos momentos do campo.

Outro amigo a quem devo meu sincero “Muito Obrigada” é o maun Zenóbio, da ONG Timor Aid. A sua dedicação em me ajudar a descobrir outras formas de produção tradicionais e modernas das cerâmicas *sana rai* em Manatuto e em traduzir a entrevista com a Sra. Maria, a quem também agradeço, foi essencial. Ao Kiko e ao Zenilton, da ONG AMKV, também sou grata por terem me ajudado a compreender holisticamente como ocorre algumas práticas de difusão dos programas de empoderamento econômico feminino.

Aos alunos do curso de Desenvolvimento Comunitário da UNTL, como poderia deixar de agradecê-los por terem me proporcionado um pouco da vivência dos jovens estudantes leste-timorenses. Acredito que ter transitado entre as diferentes gerações me proporcionou ampliar e compreender como o processo de transformação que tem ocorrido em Timor-Leste está impactando diferentemente esses dois mundos geracionais. Ao corpo docente, no nome do Prof. Antero, do Prof. Januário e da Prof. Therese, muito obrigada pelos aprendizados.

Terminando a parte direcionada à Timor-Leste, ainda gostaria de agradecer a Fundação Oriente, em especial a Sra. Graça, que me auxiliou durante o campo com acomodação e promovendo diversas atividades culturais que foram importantes para a minha pesquisa. Por fim, não poderia esquecer da mana Berta, uma das fundadoras do grupo feminista em Timor-Leste. Foi muito importante para mim, mais do que para a pesquisa, ter conhecido um pouco das transformações que o movimento feminista tem proposto e se engajado em termos políticos,

sociais e culturais no país. Com ela, conheci uma rede de jovens internacionais que têm atuado em prol das mudanças e do que se considera desenvolvimento do Estado de Timor-Leste. Muito obrigada por ter confiado e me aberto parte da sua vida.

Esta foi uma parte dos que conheci em Timor-Leste. E as dúvidas que me rondavam ao iniciar esses novos rumos – em Timor-Leste ou em Brasília – poderiam ter sido um empecilho de vivenciar essas experiências se eu não tivesse ao meu lado uma pessoa tão forte e que já teve que lidar com essas mudanças durante muito tempo: minha mãe, Dona Lili, como carinhosamente a chamo. Agradeço a ela por ter acreditado, junto comigo, nos meus sonhos, por mais destoantes que eles fossem das expectativas dos outros a minha volta. Agradeço por ser uma das minhas fontes de força e na qual eu me espelho, já que criar uma filha como “mãe solteira” é um enorme desafio. Caso meu pai estivesse vivo, não tenho dúvidas de que também seria outro a embarcar nas minhas peripécias. Mesmo com a sua ausência física a partir dos meus 14 anos que não significa, ao meu ver, desconexão total, o agradeço por ter me gerado a vida e por, junto com a minha mãe, ter empreendido esforço, dedicação, amor e firmeza para o meu crescimento.

Outras pessoas, familiares ou não, também foram responsáveis por quem eu sou hoje. Ao meu avô Mirim, meu agradecimento por ter sido um exemplo de profissional que eu gostaria de ser. À família da minha madrinha e padrinho, Nazareth e Leonardo, que sempre foi um porto seguro e um lugar de conforto para mim, o meu muito obrigada. Em Timor-Leste, eu aprendi muito sobre o valor de *ham e hemu hamutuk* – comer e beber junto, em tétum – para a reprodução das relações entre eles e com os ancestrais. Mas nos momentos com as famílias em Timor, eu percebia que eu já experienciava isso, mesmo que de outra forma, no Brasil, nos deliciosos almoços que você, madrinha, nos oferece, recheados de um tempero tradicionalmente goiano.

Apesar de não ser tão saudosa do meu período de adolescência estudantil, três preciosas amizades desta época me acompanham até hoje: Lara, Dani e Lucas. Vocês são a comprovação de que a distância não é um empecilho. Pelo contrário, acredito que foram os diversos “vai e vem” que a vida nos colocou que fortaleceu a nossa relação. À Lara e à Dani, preciso agradecer principalmente por sempre terem me acudido e acalmado nos meus mais intensos prantos e não terem me deixado fraquejar por medo.

Igualmente, agradeço ao Cauê Campos, que ao conhecer, ainda com 15 anos, já foi plantando, mesmo inconscientemente, a sementinha de cientista social em mim. A nossa amizade é fruto de um encontro súbito, repentino da vida, mas que se faz duradouro já há mais de 10 anos. Não esqueço como o admirei quando me contou que cursava Ciências Sociais na

UNICAMP. Hoje você já é doutorando, professor do ensino público e continua sendo um exemplo.

Desde o ensino médio, sabia que era a área de humanidades a que me encantava. Apesar do apreço pelas ciências sociais, afirmar, naquela época, que era este caminho que eu pretendia seguir não era algo fácil no meu meio social. A maioria dos outros colegas estavam se preparando para serem médicos, advogados ou engenheiros e acredito que eu não seja a única que passou pela situação de ser silenciosamente desmerecida por almejar um curso que supostamente não dá grande retorno monetário. As angústias relacionadas à graduação só foram sanadas em 2011, quando descobri que Relações Internacionais parecia corresponder às minhas expectativas de futuro profissional e só existia nas universidades públicas fora de Goiás.

Foi aí que começou a minha história nesta universidade, que me acolheu e a qual sou imensamente grata. Durante estes 5 anos, percorri diversos departamentos e secretarias, solicitando declarações, buscando informações, dentre outros, e apesar das dificuldades burocráticas, preciso reconhecer e agradecer aqui o corpo administrativo que não só possibilita, como é a base para o andamento de todos os cursos desta universidade. Um agradecimento especial à Rosa, ao Jorge, à Thaís, à Laise e à Carol, que são as peças fundamentais da gerência do Departamento de Antropologia e me ajudaram em diversos momentos. E, claro, à querida Branca, que sempre com um sorriso imenso me recebe e me oferece o seu café.

Durante um tempo me culpei por não ter seguido a minha intuição e vontade e ter prestado vestibular direto para Ciências Sociais, mas hoje, aceitando melhor os percursos e desvios que a vida dá, não mudaria nada. Aprendi muito em Relações Internacionais, principalmente com o professor Fidel Flores, na matéria de metodologia e como orientador do PIBIC que realizei em 2015. Além do mais, sou grata pelas trocas de experiência nos projetos de extensão AMUN, AMUN Kids, SiNUS e Domani Consultoria Internacional, que percebo como extremamente enriquecedores para a formação universitária e pessoal. Agradeço também à equipe do UNODC, em especial à Vivi, que me auxiliou no estágio, me acompanhou e me deu forças para a mudança de curso.

Em REL foi o período que conheci pessoas que se transformaram em amigos e amigas que carrego para toda a vida. Paulo Ximenes e Killian Grippon, a nossa república será sempre única. Não teria como mensurar o quão forte e divertido foi compartilhar a minha intimidade, o meu jeito ranzinza, as minhas manias, com vocês. Muito obrigada. Osny, agradeço por ser essa pessoa excepcional e que com o jeito mais diverso de todos, me ensinou sempre a levar a vida com leveza, respeitando os momentos de maior e menor intensidade. Obrigada por sempre ouvir as minhas histórias e se engajar nelas como se estivesse vivendo junto. Victor, você sabe

que a decisão de mudar o percurso e transferir para Ciências Sociais/Antropologia também é resultado das conversas e reflexões que tínhamos e em toda a relação que construímos. Bel, você é uma companhia que apesar dos distanciamentos esporádicos, nunca deixa de trazer alegria e diversão.

A mudança para a Antropologia teve duas peças essenciais: o Guilherme Moura, na época doutorando e que ministrou a matéria de Introdução à Antropologia e a Profa. Kelly Silva. Agradeço ao Guilherme por ter sido tão solícito quando comentei sobre a minha vontade de trocar de curso; por ter me apresentado o texto “A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações” da Profa. Kelly; e por ter me impulsionado a mandar e-mail para ela, já que esse artigo tinha impactado fortemente a minha visão sobre o suposto mundo internacional.

Acredito que a minha história com a Antropologia e o papel da Profa. Kelly nesse processo é uma pequena parte de todo o impacto positivo que ela tem feito no mundo ao seu redor. Obrigada por ter me acolhido tão bem quando eu ainda estava em Relações Internacionais e por constantemente me ensinar um pouco sobre o que é ser professora. Aprendi muito contigo em termos antropológicos e sou grata por isso. No entanto, gostaria de enfatizar que, além dos estudos, com você e com o Daniel eu aprendi sobre a disseminação, expansão e entrecruzamento de conhecimentos, algo que considero fundamental no âmbito acadêmico. Obrigada pela oportunidade de estar junto com vocês nos bastidores do Simpósio Internacional “Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste” e na Primeira Conferência Brasileira da Timor-Leste Studies Association (TLSA).

Agradeço a todo o corpo docente do DAN, em especial às professoras e professores Marcela Stockler, Carla Teixeira, João Miguel Sautchuk, Carlos Alexandre, Luis Cayón e Cristina Patriota, com os quais tive o prazer de conviver em sala de aula. À Marcela, ao João Miguel, à Juliana, e ao José Pimenta, reservo um agradecimento especial em decorrência de um ano e meio de trabalho conjunto no Anuário Antropológico. Obrigada pelos diferentes ensinamentos.

A universidade nos reserva um mundo diferenciado de conhecimentos e o círculo de relações criado com os participantes do Laboratório de Estudos sobre Economias e Globalizações (LEEG) é outra confirmação disso. Além de agradecer a cada um pelas reflexões teóricas, produto dos encontros quinzenais que temos durante o semestre letivo, sou imensamente grata à Rê e à Deza. Nas conversas que tínhamos antes, durante e depois do campo, diversas reflexões, principalmente do nosso local profissional como mulheres, foram cruciais para diminuir e racionalizar algumas das minhas angústias em relação ao trabalho

antropológico. A vocês – e também à Prof. Kelly – agradeço por sempre terem me lembrado que o trabalho que fazemos é *com* e *por* humanos e que os afetos e emoções que temos não devem ser minimizados em prol de um suposto projeto de pesquisa previamente idealizado. Deza, agradeço em especial pela sua paciência e abertura em compartilhar um pouco das suas diversas experiências em Timor-Leste, mas não só, e por ter me aceito na sua vida como alguém para além de colega de curso. Nunca esquecerei quando me ajudou na revisão de um artigo, que por sinal, se tornou o meu primeiro artigo oficialmente publicado. Muito obrigada!

“O que te faz ser antropóloga não é aquilo que estudas, mas o olhar que destinas”. Essa foi uma das primeiras frases de impacto proferida pela Rê, com quem eu tive o prazer de conviver durante três meses em Timor-Leste. Agradecer-te sem dúvida não é fácil, já que a relação que construímos vai além do que eu poderia imaginar. Mas eu queria focar, aqui, em agradecer por toda a sensibilidade espiritual e energética que você demonstrou nos meus momentos de desespero e de intensa dúvida durante e depois do campo. Sei que a nossa conexão é de outras vidas e agradeço às nossas deusas e deuses que proporcionaram essa vivência.

Do LEEG, também agradeço ao Alexandre e ao Carlos que também estiveram comigo durante o campo e me auxiliaram em diversos sentidos. Ao Miguel e ao Alberto também devo meus agradecimentos. Vocês sempre se mostraram muito solícitos para me auxiliar nas minhas dúvidas. Ao Alberto agradeço também por ter aceito fazer parte da minha banca de defesa, junto com a Profa. Teresa Cunha e Profa. Kelly. Você foi uma peça crucial durante esses meses de escrita. À Teresa, agradeço não só pelo aceite, como também pela paciência, compreensão e palavras de força. Os diálogos presenciais e virtuais que tivemos me demonstraram a sua sensibilidade e reforçaram como tenho sido presenteada por conhecer mulheres guerreiras e que têm agregado muito na minha vida.

Além da convivência mais próxima com a Renata, o Alexandre e o Carlos, Timor-Leste também colocou na minha vida a família da Alessandra Quines, defensora pública brasileira em serviço por projeto de cooperação com o Estado leste-timorense. Alê, como agradecer a acolhida que você me deu no final da viagem? Retornar para casa é um processo dolorido em diversos sentidos, mas me senti pisando aos poucos no Brasil quando nas duas últimas semanas convivi com você, sua mãe e sua irmã. Fui, aos poucos, me sentindo em casa. Obrigada Sandra, Isa e Alê.

Adentrar no curso de Ciências Sociais por transferência, faz com que não tenhamos todo o processo ritual comum como os que entram por vestibular. E isso, direta ou indiretamente, me fez criar poucas amizades que extrapolassem o LEEG. O Vinícius, ou John, foi uma das amizades que veio e ficou. Apesar do nosso relacionamento ser bem esporádico, você sempre

me proporciona várias reflexões recheadas de risadas e eu valorizo a permanência da nossa amizade mesmo na inconstância dos nossos encontros.

À rede de amigas e amigos que venho construindo e ampliando principalmente desde 2016, um agradecimento mais que especial. Clara ou melhor, *bicha doida*, se tem algo que eu preciso agradecer é por sempre ter sido uma das amigas mais sinceras que eu tive. E a sinceridade que cultivamos tem relação com o fato de você nunca ter deixado de me ver como uma mulher forte e que conseguia fazer tudo que me propunha; por nunca ter passado a mão na minha cabeça; por sempre ter sido verdadeira nos seus sentimentos, mesmo que eu não compreendesse isso no momento. Muito obrigada, também, por ter aberto a sua casa, a sua família, a sua espiritualidade, para mim. Se hoje conto com mulheres fortes ao meu redor, parte disso advém da relação com você. E como não é diferente, mulheres fortes são frutos de mães fortes, por isso, agradeço também à Cris por me acolher hoje na sua casa e se tornar uma amiga. As nossas conversas e divagações sobre se auto conhecer me engrandecem e me colocam de frente comigo mesma, algo que venho aprendendo também na Antropologia. Muito obrigada.

Heloísa, Inayara, Marcelle e Júlia, os meus dias com certeza seriam bem menos divertidos se não fossem vocês. A cada uma, obrigada pelas risadas. Acredito que somos a comprovação de que diferentes pessoas, com realidades extremamente distintas, podem se tornar mais que amigas. Ina, agradeço em especial por ter me acolhido durante quase quatro meses na sua casinha em 2018, junto com a Bri – sua gatinha. Você aceitou o desafio e o resultado disso foi uma amizade que quero levar para toda a vida.

À Helô e à Rhaquel, preciso reconhecer que para essa etapa final, vocês duas foram fundamentais como pontos de força diários. As nossas tardes/noites na biblioteca, entre cigarros, cafés e conversas, me ajudaram a não ceder ao sentimento de que não conseguiria dar conta de tudo. Ver que estávamos no mesmo barco, navegando juntas, não me dava a opção de parar e, por isso, considero a nossa amizade um dos presentes de 2019. Agradeço também à Érica, que recém chegou na minha rede de mulheres, mas já embarcou na aventura e transformou em traços o que eu escrevi em palavras. Obrigada.

Clair, um dia serei como você: direta e objetiva, já que essas são algumas das habilidades que você tem me ensinado com muito amor. Você acreditou em mim e na minha responsabilidade ainda sem me conhecer e sou grata por ter me dado essa abertura. Estas são algumas das pessoas que me acompanharam e às quais eu sou imensamente grata. Pretendendo demonstrar, no restante da monografia, como se reproduzir no mundo não tem a ver apenas com ganhos monetários, outros regimes ordenam a reprodução social no mundo e as relações com as pessoas são essenciais. Desta forma, não poderia ter deixado ninguém de fora...

O recado de Exu¹

- Exu, o que devo fazer nas poucas horas vagas que tenho? Como posso aproveitar meu tempo tão curto?

Exu escutou o mercador, tirou do bernal uma flauta, tocou o instrumento e respondeu:

- Passe a trabalhar nas horas vagas [...] Passe a fazer isso [trabalhar] nas horas em que você costuma trabalhar e trabalhe apenas nas horas que hoje são vagas.

[...]

A lição de Exu – trabalhe apenas nos tempos vagos – soa como despropósito dentro da lógica produtivista das sociedades atuais. A resposta de Bará [Exu...] é incompatível com sociedades caracterizadas pelo desejo e consumir. Estamos, afinal, uma etapa adiante da sociedade de consumo. Somo a sociedade do desejo do consumo, sociedade que não ouviu o conselho de Exu e trabalha de forma alucinada para que o desejo seja saciado – e ele nunca é.

Tristes tempos em que um tênis de marca e um carro do ano viram totens e as árvores e pedras e rios, antes sagrados [...] são apenas coisas que podem ser modificadas, extintas, profanadas ou mantidas de acordo com a demanda da produção.

Ao não escutar Exu, corremos o risco de que Tempo – que haverá de nos julgar na Noite Grande – nos condene como o povo que sacralizou o carro e profanou os rios'

¹ Trecho do livro de Luiz Antônio Simas (2013), Pedrinhas Miudinhas.

RESUMO

O projeto de fortalecimento nacional por meio da modernização e desenvolvimento da economia tem sido um dos principais empreendimentos energéticos do Estado de Timor-Leste e de outros atores cooperantes nacionais e internacionais – dentre eles ONGs, agências de financiamento e coletivos da sociedade civil. Por meio do impulsionamento da produção dos artefatos da *kultura* como *merkadorias* para o *merkado*, principalmente, *turístiku*, as comunidades têm sido estimuladas, cada vez mais, a se engajarem em relações de troca monetárias no e com o mercado. Investigo, nesta monografia, os impactos desse engajamento com a expansão do mercado na dinâmica e nos modos de relação produtiva e social das comunidades. Contraponho a troca de mercado com a troca de dádiva, identificada nos rituais de reprodução da vida em Timor-Leste, a fim de estimular a desnaturalização do conceito de economia como relacionado somente ao mercado; ao dinheiro; e às relações mediadas por preço. Ao analisar o processo histórico das comunidades e o local social das potenciais *merkadorias*, que também circulam nas cerimônias da *kultura*, proponho que no engajamento das comunidades com o mercado existem expectativas econômicas e projetos de vida que estão relacionados com a reprodução das relações sociais e ancestrais e com a expectativa de riqueza e investimento em relações.

Palavras-chave: Antropologia Econômica. Mercado. Mercadoria. Nação. Timor-Leste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Timor-Leste.....	18
Figura 2 – Despedida com estudantes do curso de Desenvolvimento Comunitário da UNTL	37
Figura 3 - Produtos da Aroma Timor em exposição.....	57
Figura 4 – Vista de Ataúro dentro do ferry Laju-laju	64
Figura 5 - Mapa de Ataúro.....	69
Figura 6 - Ferry Laju-laju no porto de Díli	72
Figura 7 - Crianças brincando no ro ki'ik estacionado em Makili	73
Figura 8 - Ecoresort Barry's Place	75
Figura 9 - Entrada do mercado de Beloi, Ataúro	76
Figura 10 - Preparação do peixe previamente à chegada do ferry.....	77
Figura 11 - Katupa pronta antes da chegada dos turistas.....	77
Figura 12 - Parte coberta do mercado de Beloi.....	78
Figura 13 - Vista de Ataúro	80
Figura 14 - Entrada da loja da Empresa Di'ak em Beloi	81
Figura 15 - Painel com expressões sobre as atividades da ONG.....	82
Figura 16 - Entrada do Sentru Ataúro Di'ak	83
Figura 17 - Merkadorias expostas na loja da Empresa Di'ak	85
Figura 18 - Mana Ed seleciona os sanan rai a serem adquiridos pela ONG.....	87
Figura 19 - Merkadoria codificada na loja da Empresa Di'ak	89
Figura 20 - Mulheres produzem enquanto os produtos são analisados pela ONG	94
Figura 21 - Mana Ed preparando o sanan rai em conjunto com a Avó Joana	96
Figura 22 - Sanan rai expostos na Empresa Di'ak	99
Figura 23 - Família Pacheco indo para a Igreja em um típico domingo.....	106
Figura 24 - Makili durante o período de seca	109
Figura 25 - Jovens durante a viagem de Díli para Makili.....	117
Figura 26 - Sr. Marcos fabricando uma estátua	119
Figura 27 - Estátuas 'o casal' durante o processo de fumo de definição de cor	120
Figura 28 - Sr. Marcos finalizando as estátuas 'o casal' com o fumo	121
Figura 29 - Modelo de estátuas modernas do Sr. Leonardo produzidas com tinta.....	123
Figura 30 - Compilado de presentes recebidos em troca do celular	129
Figura 31 - Eu e a Sra. Tomásia preparando o prato Tuku Bela.....	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMKV – Asosiasaun Mane Kontra Violensia
AMUN – Americas Model United Nations
AID – Assistência para o Desenvolvimento Internacional
APSC-TL – Asian Pacific Support Collective Timor-Leste
AULP – Associação das Universidades de Língua Portuguesa
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDAW – Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher
CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
DAN – Departamento de Antropologia
HIKHMOR – Hikis Kosar Hadia Moris
IADE – Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial
IRD – Institut du Recherche pour le Développement
LEEG – Laboratório de Estudos sobre Economias e Globalizações
ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ODS – Objetivos e Desenvolvimento Sustentáveis
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
OXFAM – Oxford Committee for Famine Relief
PARCIC – PARC Interpeoples’ Cooperation
PED – Plano Estratégico de Desenvolvimento
PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POT – Plano de Ordenamento Territorial
REMAJELEJU – Regolinda, Emiliana, Margareta, Amélia, Jefina, Leonia, Leonora, Juliana.
SEIGIS – Secretaria de Estado da Igualdade do Gênero e Inclusão Social
SEII – Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão
SEM – Secretaria de Estado para o Apoio e Promoção Socio-Econômica da Mulher
SiNUS – Simulação das Nações Unidas para Secundaristas
TOMAK – To’os Ba Moris Di’ak
UnB – Universidade de Brasília
UNODC – Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime
UNTAET – United Nations Transitional Administration in East Timor
UNMISSET – Missão das Nações Unidas de Apoio a Timor-Leste

UNTL – Universidade Nacional Timor Lorosa'e

ZEEMS – Zona Especial de Economia Social de Mercado

SUMÁRIO

O CICLO DA VIDA	5
RESUMO	13
LISTA DE FIGURAS	14
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	15
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
Desvios de campo	23
Economia ou economias?	26
De qual valor estamos falando?	32
CAPÍTULO 01 – O GOVERNO DA ECONOMIA PARA CONSTRUÇÃO NACIONAL “A nossa cultura deu-nos a Independência e irá agora assegurar o nosso futuro”.....	38
1.1 O Estado do <i>Merkado</i>	44
1.2 Como engajar as populações no e pelo <i>merkado</i> ?	53
1.3 Desenvolvendo o <i>merkado</i> pela <i>kultura</i>	59
CAPÍTULO 02 – MANEJANDO ARTEFATOS E TROCANDO VALORES.....	65
2.1 Ataúro ou <i>Manukoko</i>	69
2.2 Empresa Di’ak: um negócio social.....	81
2.3 Se é para o <i>merkado</i> , por que diferente?.....	99
2.4 Considerações finais	103
CAPÍTULO 03 – (RE)INVESTINDO EM RELAÇÕES	107
3.1 Makili.....	110
3.2 Conexão pelas trocas.....	114
3.3 Eu e o Sr. Marcos. O celular e as estátuas	127
3.4 E a Sra. Tomásia?	129
3.5 Considerações finais	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
Fazendo <i>merkadorias</i> para expandir o <i>merkado</i>	138
A comunidade e o mercado: uma relação tática	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

Bem-vinda e bem-vindo a Timor-Leste



Figura 1 - Mapa de Timor-Leste

Fonte: <https://media1.britannica.com/eb-media/33/61833-073-93A0087A.gif>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Mulher é quem tem a grande responsabilidade de gerir a casa todo dia. Vocês [mulheres] é que são o motor para a economia. Mas não apenas como consumidoras. Tem que ser produtora para a economia caminhar. [...] Tem que mudar a mentalidade de economia de subsistência para economia de mercado”²

O trecho do discurso do Primeiro Ministro de Timor-Leste entre setembro de 2017 a junho de 2018, Mari Alkatiri, parece-me melhor do que quaisquer palavras de minha autoria para introduzir o teor desta monografia. No fragmento, demonstra-se um dos principais projetos de governo que diferentes instituições do Estado de Timor-Leste, desde a independência, têm abraçado: o desenvolvimento econômico do país por meio da consolidação, fortalecimento e modernização da economia de mercado nacional, a partir de um maior envolvimento das mulheres.

Intensificar e diversificar práticas de produção é um dos eixos discursivos mais acionado pelo Estado, Organizações Não Governamentais (ONG), agências de financiamento internacional e outros atores de governança quando se referem às mudanças necessárias para que esse projeto seja implementado. Atribui-se às mulheres grande responsabilidade para o incremento dessas práticas pela suposição de que elas são melhores gestoras domésticas. Como tem se estruturado esse projeto de transformação econômica, por meio do foco na expansão da economia de mercado, analisando as práticas tanto dos atores de governança como das próprias comunidades, foi a problemática central da minha pesquisa em Timor-Leste nos quase cinco meses de campo durante o segundo semestre de 2017.

Timor-Leste, situado na região do Sudeste Asiático, entre Bali (Indonésia) e Austrália, com 15.000 km², povoado com pouco mais de 1.000.000 de habitantes e dividido em 13 distritos e 67 subdistritos³, encontra-se geográfica e socialmente submerso em um mar de diferentes influências. De colonização portuguesa, o país se tornou independente apenas em 1975, porém, logo em seguida, passou por uma longa e violenta invasão indonésia, a qual teve seu fim apenas em 1999 com o plebiscito a favor ou não da independência. O plebiscito foi realizado graças à ativa atuação das frentes de resistência leste-timorenses à ocupação.

² Fala do Mari Alkatiri, Primeiro Ministro de Timor-Leste em vigor durante o meu período de pesquisa de campo, em um *workshop* sobre papel das mulheres na produção agrícola, nutrição e acesso ao mercado.

³ Segundo o site oficial de Timor-Leste, nesses 13 subdistritos, ademais do tétum, existem outras 15 línguas nativas. Em alguns momentos do campo, pessoas me informavam que existiam mais de 30 línguas nativas.

Desde 1991, com a divulgação internacional do massacre de Santa Cruz, setores da sociedade civil internacional e organizações internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) começaram a estar atentos à condição dos leste-timorenses. Em 1999, com a vitória do voto pela independência, iniciou-se o processo de restauração da soberania do Estado que ocorreu em 2002, depois de pouco mais de 2 anos de administração transitória da UNTAET (Missão das Nações Unidas no Timor Leste)⁴.

Desde então, o país conta com uma rede de atores nacionais e internacionais que têm se empenhado na estruturação e aperfeiçoamento do aparato administrativo estatal. Estes processos implicam não só o fortalecimento das instituições governamentais, como também da economia nacional – como identificado nos Programas dos Governos Constitucionais desde então. Em todas as dimensões concernentes à construção e solidificação da nação, o processo de reacomodação e ressignificação dos saberes e práticas locais de reprodução social, denominados pelo Estado *kultura*⁵, usos e costumes, tradição, entre outros, está implícito.

O recorte escolhido coloca em análise o projeto de modernização econômica leste-timorense através do envolvimento com o mercado, no seu âmbito discursivo e prático, refletindo como os diferentes atores de governança têm manejado e organizado as comunidades, e como estas têm recebido essas mudanças. Resolvi refletir sobre esse projeto por meio dos manejos e reordenamentos relacionados, principalmente, à dimensão do turismo, eleito como principal potenciador da diversificação da economia nacional nos Programas e Planos de Governo. Nesse sentido, o enfoque central está na disseminação do *merkado turístiku* e no processo de produção de *merkadorias* consideradas da *kultura*.

Por que seria por meio da produção de *merkadorias*, seja ela de qual natureza for, para o *merkado*, que se desenvolve e moderniza o país? como se realiza, na prática, a ideia de mudança de mentalidade para a economia de *merkado*? como se organizam as comunidades ao produzirem *merkadorias kulturais* para o *merkado turístiku*? quais são as expectativas relacionadas à produção de *merkadorias* pelos artesãos? Essas são as questões que norteiam o objetivo geral desta monografia.

Os termos *merkado* e *merkadorias*, assim como as derivações *merkado turístiku* e *merkadorias kulturais*, são grafados na sua forma local, no idioma tétum⁶, ao longo da

⁴ Timor-Leste contou com quatro missões da ONU até 2005.

⁵ Esta grafia diferenciada de *kultura* decorre do fato de estar me referindo ao uso nativo deste termo. Baseando-me nos estudos de Kelly Silva (2014), ao manter o termo *kultura*, segundo a sua forma escrita no idioma local, vislumbro priorizar tanto os usos locais, como as disputas concernentes à definição do que é ou não da *kultura* entre os diversos atores locais de governança.

⁶ Idioma local, que junto com o português, é considerado oficial pelo Estado. Na minha experiência, o tétum era a principal forma de comunicação com os leste-timorenses. Com o intuito de realizar uma antropologia que

monografia sempre que se referirem à categoria de governo, com o intuito de buscar os arranjos, disputas e discursos locais em torno dessa questão. A fim de desnaturalizar e descentralizar narrativas capitalcentradas (GIBSON-GRAHAM, 1996) do que seria e de como operaria o *merkado*, acredito que esta escolha metodológica corrobore com esse objetivo⁷. A categoria *merkadorias culturais*, em especial, utilizo para me referir aos produtos que são vendidos no espaço do *merkado turístiku* e foi definida por mim como uma forma de dar sentido ao modo como as comunidades com as quais mantive contato se referiam a esses artefatos⁸.

As *merkadorias culturais*, por estarem presentes nas cerimônias rituais de troca, são um dos meios pelos quais a reprodução dos vínculos sociais ocorre, e nelas estão acopladas outras identidades que não apenas a de *merkadorias*. Como será observado na terceira seção desta introdução, esses artefatos se configuram muitas vezes como dádivas, indicando que fatores externos à negociação também estão envolvidos na troca, dentre outras questões (STRATHERN, 1992).

Diversas ações pedagógicas por diferentes atores têm sido engendradas para mudanças principalmente nos objetos da *kultura*, implicando, em muitos casos, na comodificação da *kultura* e na sua inserção na esfera da economia de mercado (GREGORY, 1982; POLANYI, 2000). Entendo que a transposição desses artefatos, como *merkadorias*, para o *merkado* e para uma relação de produção capitalista se conforma em meio à tensão entre as práticas ditas modernas e as locais. Nessa dinâmica, as pedagogias econômicas (SILVA, 2016) são acionadas pelos diferentes atores de governança a fim de transformarem o modo de produção local.

Essa tensão se reflete, em Timor-Leste e alhures, em governanças híbridas, definidas como uma convivência cotidiana de “dispositivos de poder e fontes de subjetivação originários, de um lado, de estruturas estatais coloniais e nacionais (seculares e religiosas) e, de outro, de dinâmicas e instituições indígenas de organização social” (SILVA, 2014, p. 129). Nessa governança, abordo também o caráter híbrido presente na administração da economia leste-

consequisse captar as expectativas locais em torno da questão do *merkado*, tomei o desafio de aprender a língua em campo. Em menos de dois meses, lá estava eu, rodeada apenas de falantes de tétum e conseguindo, além de pesquisar, dar boas risadas. Nesse ponto, encaro o espaço das *feiras* e do mercado local como singulares e essenciais para conseguir falar o idioma, mesmo que de forma incorreta em termos gramaticais. Talvez isso nos apresente algum indício de como o *merkado* pode estar relacionado com várias dimensões da vida social para além da econômica (HICKS, 2012).

⁷ Agradeço ao colega de estudos, Miguel Antonio dos Santos Filhos, que na sua monografia “A Conformação de uma Sociedade Civil e a Consolidação da *violensia domestika*” (2016) me alertou sobre a potencialidade de manter os usos nativos, inclusive na escrita, de categorias que em Timor-Leste e alhures podem ter conformações distintas.

⁸ Ao longo do texto, utilizarei artefatos e objetos como sinônimos. Priorizo o termo artefato por uma questão pessoal e por perceber na própria definição do termo no dicionário Michaelis, uma proximidade maior com a ideia de artesanato e de presença humana na produção: “1. produto ou obra do trabalho mecânico; objeto ou artigo manufaturado; [...] 3. objeto que sofreu alteração provocada pelo homem, em oposição àquele que é resultado de fenômeno natural”. Objeto será utilizado por uma questão puramente linguística e de melhora da escrita.

timorense, inspirada, dentre outras, pela etnografia de Mayfair Mei-hui Yang (2000), em pequenos vilarejos rurais da China, e de J.K. Gibson-Graham (1996), sobre a ilusão de um sistema econômico capitalista impenetrável e unificado.

Destrincharei melhor essa concepção nas próximas páginas, mas para este início é importante ter em conta que um dos fundamentos centrais desta monografia se baseia na ideia de que, ao invés de uma avalanche impulsiva e destrutiva, o sistema econômico capitalista, com o pressuposto de economia de mercado como seu principal meio de reprodução, na verdade existe em meio à convivência cotidiana com práticas econômicas heterogêneas e ansiedades econômicas ancoradas em pressupostos não-capitalistas (GIBSON-GRAHAM, 1996). Concordo também com Michael Herzfeld (2016), que enxerga o capitalismo como um sistema local, ou seja, o seu caráter universal e único pode e deve ser contestado.

Outra dimensão importante está no fato de que em praticamente todas as ações dos atores de governança com as comunidades, a monetarização da economia é incentivada por meio da venda para o *mercado* de algum artefato, produto alimentício, dentre outros, que já fosse produzido, que já fosse da *kultura*, como indiquei acima na categoria *merkadorias kulturais*. A noção de uma conveniência da cultura, destrinchada por George Yúdice (2006), cabe nesta análise de forma potente ao pensarmos sobre o local que a categoria *kultura* tem exercido no processo de construção nacional leste-timorense.

Parto do princípio de que em Timor-Leste convivem cotidianamente diferentes arranjos econômicos, administrados e negociados a depender de cada situação e discutirei as conjunturas e características do campo de práticas e discursos organizados em torno da produção de *merkadorias* e da consolidação de um *mercado* em Timor-Leste.

Na seção seguinte desta introdução, apresentarei algumas expectativas de investigação pessoais pré-campo e como, de fato, se desenvolveu a pesquisa. Além disso, apresento como estou trabalhando com o conceito de gênero. Em seguida, na seção “Economia ou economias?”, apresento o que o senso comum advindo de parte dos estudos das Ciências Econômicas entende por economia. O intuito é, ao longo da monografia, desconstruir a visão homogênea das práticas econômicas e utilizarei os conceitos de regime de troca de mercado e de dádiva (SILVA, 2016) para essa proposta, que estão destrinchados também nessa seção.

Por fim, observo como na prática a transição e transformação dos objetos em *merkadorias*, seja pelas ONGs ou pelas próprias comunidades, também está agindo na questão do valor destes objetos. Apresento como estou analisando as ideias de valor de uso, valor de troca e mercadoria na seção “De qual valor estamos falando?”. Apesar de me ancorar na ideia de que o valor de troca é o valor mais evidente de uma mercadoria (MARX, 2013), utilizo as

compreensões de Kopytoff (2008) e Appadurai (2008) sobre mercadoria, para desnaturalizar e melhor compreender como um objeto pode transitar entre as identidades de mercadoria e de dádiva, por exemplo, a depender do intuito e do objetivo geral da troca – troca entre os objetos apenas (mercadoria) ou troca dos objetos que envolva as pessoas (dádiva).

Desvios de campo

Acredito que muitas antropólogas e antropólogos passaram pela situação que descreverei agora e que se tornou crucial para o recorte de análise escolhido nesta monografia. Ao projetar o meu campo e os meus estudos em Timor-Leste, ainda no Brasil, tinha como objetivo compreender a dinâmica e os impactos dos programas de empoderamento econômico feminino fortemente impulsionados por atores de governança como ONGs nacionais ou internacionais. A relação entre mulheres, produção, poder e recursos monetários presente nas ações – mas não só – me deixava extremamente intrigada e esperava, com o campo, perceber melhor quais eram os fundamentos, impactos e reflexos, principalmente, nas comunidades.

O que me chamava bastante atenção era a ligação quase linear e direta entre desenvolvimento econômico das mulheres, produção para o *merkado* e fortalecimento da economia de Timor-Leste. Grande parte desses atores apostam nessa relação como uma forma de modernização econômica do país. Incentiva-se cada vez mais a produção local das mulheres, com o intuito de que isso contribua para a superação de suas condições de vulnerabilidade econômica e social, e de violência de gênero. Era essa conexão entre vulnerabilidade econômica e social, violência de gênero, poder econômico, venda para o mercado e desenvolvimento e fortalecimento econômico de Timor-Leste que me motivou a tomar estes programas como questão de pesquisa.

E foi essa a associação, a afinidade eletiva imaginada, que observei durante todo o campo. Inicialmente a minha pesquisa decorreu em dois eixos complementares. O primeiro se desenvolveu com a ONG Empresa Di'ak nas comunidades de Arlo e Makili na ilha de Ataúro, a 25km da capital, Díli. A ONG atua com base no princípio de transformar tradições em meio de sustento⁹ e proporciona às mulheres leste-timorenses – mas não só, de comunidades consideradas vulneráveis, por dificuldades infraestruturais, treinamentos e um conjunto de práticas que supõem potencializar o acesso dos seus artefatos da *kultura* ao *merkado turístiku*, como *merkadorias kulturais*. O objetivo final é a superação das situações de violência e

⁹ “Ajudar a tornar tradições em meios de subsistência e empoderar vidas” é uma das expressões presentes nos diversos banners e no site da ONG. Destrincharei melhor a sua atuação no segundo capítulo, mas caso você esteja ansiosa ou ansioso para descobrir um pouco mais, pode acessar o site: <http://empresa-diak.com/>.

vulnerabilidade, a melhora da qualidade de vida das suas famílias, bem como a preservação das suas próprias *kulturas*.

O segundo alicerce estava no acompanhamento de determinadas situações de encontro entre os grupos de produtoras e os consumidores – algumas denominadas de *feira*, outras de *shopping*/loja, organizadas e impulsionadas principalmente por atores como o Estado, por meio da Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão (SEII)¹⁰, as agências de financiamento internacional, as ONGs e a Rede Feto (ou Rede Mulheres). Nesses espaços, as divulgações, por meio de banners e/ou etiquetas, tinham o inglês e/ou o tétum como as principais línguas. A presença, e em alguns casos, prevalência, da língua inglesa indicava para mim que um dos principais alvos daqueles espaços era os estrangeiros residentes no país e turistas internacionais, colocando o *merkado turístiku* como central.

Outro indicativo desse enfoque internacional me veio à tona por meio do conteúdo de diversas etiquetas que traziam informações como: “Maravilhosos produtos feitos a base de *tais*¹¹ por mulheres de Timor-Leste. A renda gerada por esta atividade contribui para a subsistência de centenas de famílias.”¹² A identificação de uma produção feminina leste-timorense, que possibilita a melhora na qualidade de vida das famílias envolvidas, é um dos principais artifícios de sensibilização aos consumidores, que neste caso não são apenas leste-timorense, e que têm a possibilidade de melhorar a vida das suas produtoras por meio da compra.

As surpresas encontradas na trilha do campo antropológico, os diferentes espaços que percorri, assim como as diferentes mulheres e homens que conheci, ao final de campo, me mostraram que era possível que esta monografia tratasse de outro tema, que ultrapassa a questão dos programas de empoderamento econômico feminino. Ao perceber que diversas *merkadorias*, eram antes de tudo, artefatos da *kultura*; que esses saberes estavam sendo remanejados com o propósito de construção e fortalecimento do *merkado turístiku* internacional; e que as mulheres, neste processo, eram agentes importantes, decidi ampliar e entender a questão de como a produção de *merkadorias* se torna o meio para desenvolver a economia do país, assim como de seus residentes; e o que está em jogo quando se trata da transformação dos artefatos em *merkadorias*.

¹⁰ Durante o campo, a secretaria era nomeada como Secretaria de Estado para o Apoio e Promoção Socio-Econômica da Mulher (SEM).

¹¹ Tecido tradicional leste-timorense, produzido principalmente por mulheres, e utilizado prioritariamente em rituais da *kultura*.

¹² Esta etiqueta se referia a bolsas, porta copos, estojos, brincos, dentre outros produtos, produzidos pelo Grupo *Halibur*, organizado pela ONG Empresa Dia’k, na Feira Natal promovida pela Fundação Alola em dezembro de 2017.

Mulher e *merkadoria* apareceram para mim, a partir dos discursos e práticas dos atores de governança, como intrinsicamente relacionadas. Não excluo a agência masculina nessas produções e mostrarei isso ao longo da monografia. No entanto, destaco o componente feminino por ser uma das células embrionárias dos discursos em torno da consolidação da economia em Timor-Leste.

Pensando em termos da etnobotânica, a prática da ONG Empresa Di'ak e as *feiras* se conformaram como a raiz do meu campo, fonte da qual jorrou a maior parte dos nutrientes para a análise que aqui empreendo. No entanto, como todo sistema dinâmico, apenas funcionou devido a outros canais de comunicação estabelecidos. Assim, *workshops* promovidos para mulheres sobre produção para o *mercado*, convivência com comunidades diversas, planos e entrevistas com instituições governamentais, momentos de compra nos mercados locais, relação com os estudantes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, dentre outros, são os ramos complementares.

Um dos principais ramos é o qual percorre a relação que construí com a família de um artesão das estátuas de Ataúro, *merkadorias culturais* com grande expressão no mercado internacional, originário do *suku* de Makili, Sr. Marcos Pacheco. Foi, ao acompanhar como a organização familiar era administrada e negociada com o trabalho das estátuas e o papel da sua mulher, que o enfoque desta monografia se desviou do projetado inicial. O papel das mulheres na produção continua sendo importante, no entanto, optei por expor outro conjunto e arranjo de produção possível que não aquele disseminado pelos discursos.

Ancoro-me na difícil tarefa de rever os conceitos de gênero que também interferem nas noções de desigualdade, violência de gênero e poder, assim como proposto por Shelly Errington em "*Recasting sex, gender, and power: a theoretical and regional overview*" (1990). Na sua revisão sobre os termos sexo, gênero e poder, a autora faz uso de estudos no Sudeste Asiático Insular com o intuito de demonstrar como essas categorias podem ter diferentes inflexões e se organizarem em pressupostos diferentes a depender do contexto local. Uma das maiores contribuições do texto para esta monografia é o contraste proposto entre poder na Europa e Estados Unidos e na região do Sudeste Asiático. Segundo a autora, enquanto no primeiro contexto, poder e prestígio estão relacionados com controle econômico e coerção, em parte do Sudeste Asiático Insular, o exercício explícito da força e de um certo controle podem resvalar em menor prestígio (ERRINGTON, 1990).

As dissonâncias em torno desses conceitos serão melhor destrinchadas adiante. No entanto, acredito que essa primeira indicação já coloca em questão a racionalidade segundo a qual o acesso ao dinheiro seria o meio principal de empoderamento das mulheres. Argumento

que parte das atividades que disseminam essa racionalidade estão condicionadas a preceitos e pressupostos culturais de sexo e gênero ancorados em concepções modernas de indivíduo e economia de mercado (DUMONT, 2000), que se pressupõem em muitos casos universais (WORTHEN, 2011)¹³.

Economia ou economias?

Ao me dar conta da questão mais abrangente com a qual todos os meus estudos e percursos de campo estavam dialogando, percebi que o meu tema estava mais correlacionado com a área de estudos das Ciências Econômicas do que eu imaginava e, a partir daí, engatei em leituras que interligassem as duas áreas. Em termos etimológicos e segundo Aristóteles (CARVALHO DE FRANÇA, 2007), economia significa a ciência da gestão ou administração da casa ou, como indica França, das condições materiais de existência. Vários são os desdobramentos e entendimentos, entre as disciplinas, de como se dá essa gestão.

A construção dos axiomas e dos fundamentos basilares de cada campo científico é um processo que, como nos mostrou Pierre Bourdieu (1983), envolve várias lutas e reivindicações do monopólio da autoridade científica. A definição da categoria economia, bem como dos seus pressupostos elementares, é uma das questões dentre as quais as divergências epistemológicas e ontológicas entre algumas disciplinas geram arcabouços teóricos distintos, como pode ser percebido no tratamento diferenciado dado por economistas clássicos das Ciências Econômicas¹⁴ e pela Antropologia.

Utilizar a proposta de campo científico de Bourdieu (1983), ou até mesmo de *paradigma* assinalada por Thomas Kuhn (1997) implica em dois pontos. Primeiro, a definição e delimitação de qualquer categoria estão imersas em uma luta mais ampla que não se limita ao âmbito apenas científico. As práticas presentes nesses campos não são desinteressadas e são direcionadas para a aquisição de prestígio, reconhecimento, bem como para a imposição da visão do agente de acordo com os seus interesses (BOURDIEU, 1983). Ou seja, os campos científicos se constituem por um conjunto de teorias e dispositivos metodológicos paradigmáticos orientadores das pesquisas científicas e permeados de implicações políticas (KUHN, 1997).

¹³ Não pretendo com isso afirmar que não existe violência ou desigualdade de gênero em Timor-Leste ou em outros contextos. Ao contrário, proponho que analisemos essa questão deslocando não só o nosso aporte teórico, como a nós mesmas e as nossas angústias, para contextos onde a identificação como mulher (em termos de sexo e gênero) possa não ter os mesmos significados que para nós, como nos alerta Errington (1990).

¹⁴ Utilizarei o termo economia clássica para me referir aos pressupostos que norteiam a compreensão sobre economia no senso comum e que impera, não sem desafios, nas Ciências Econômicas.

Em segundo lugar, como todo campo científico, fissuras ocorrem no decorrer do desenvolvimento da ciência. Bourdieu (1983) e Kuhn (1997) demonstram que a ciência e seus fundamentos são frutos de momentos históricos, sociais e políticos e se desenvolvem de acordo com o processo histórico. Desta forma, acredito que a Antropologia tem o potencial de fragmentar e expandir os paradigmas que norteiam a definição da categoria economia, concordando com a Mariza Peirano (1995, p. 22): “a Antropologia não se reproduz como uma ciência normal de paradigmas estabelecidos, mas por uma determinada maneira de vincular teoria-e-pesquisa, de modo a favorecer novas descobertas”.

Considero um dos objetivos gerais desta monografia apresentar elementos que nos permitam repensar o que vem sendo chamado de economia no senso comum dos atores de governança operantes em Timor-Leste e contrapor a como as comunidades se engajam nessas pautas econômicas. A partir da análise dos discursos e práticas em torno do processo de desenvolvimento econômico contemporaneamente em Timor-Leste e mais fortemente de como as comunidades se engajam no projeto de produção para o *mercado*, buscarei dar indícios de que outras formas econômicas e pressupostos podem orientar as decisões econômicas daqueles envolvidos em atividades de produção remuneradas monetariamente. Buscarei expandir o termo economia.

Reconheço que o campo teórico das Ciências Econômicas não é unívoco e existe uma diversidade de teorias a fim de definir o que é economia, como ela pode ser estudada, etc. No entanto, acredito que o paradigma econômico que permeia grande parte das ações políticas, análises de mercado, e está presente nas previsões, por exemplo, das bolsas de valores pelo mundo, dentre outros, agregam alguns pressupostos que em muitos casos, no cotidiano, não nos questionamos e apenas universalizamos. Chamarei esse conjunto de entendimento do senso comum sobre economia de economia clássica.

A orientação da visão desse campo científico se fundamentou partindo de metodologias, principalmente quantitativas e definidas pelas consideradas ciências naturais, propondo leis universais independentes do contexto e ahistóricas. Disto decorre a principal questão, a saber, a suposição da existência de uma razão humana suprema e universal que orienta o modo como as pessoas se relacionam com os recursos disponíveis. A busca pelas leis gerais que coordenam a ação humana, principalmente quando se trata de decisões econômicas, preocupação jusnaturalista, chegou aos pensadores econômicos clássicos – Smith, Ricardo, dentre outros – que postularam que o “homem econômico” seria um dado da razão (COUTINHO, 1993) e que teria como objetivo maximizar seus ganhos, por meio de uma alocação dos recursos de maneira

eficiente. Essa seria a razão instrumental fundamental para o que foi desenvolvido como individualismo econômico.

Pode ser que até aqui isso seja generalizável. No entanto, o sistema econômico capitalista que passou a orientar tanto as análises científicas, como políticas, da economia clássica, acabou por monetizar a ideia de ganhos, relacionando-a principalmente à aquisição de dinheiro. Dessa forma, estudar como as pessoas alocam seus recursos de maneira mais proveitosa parece estar relacionado, na verdade, com a racionalidade de que o objetivo maior é alocar os recursos para conseguir maior quantidade monetária em troca, mais dinheiro. É importante expressar que a moeda como instrumento para mediação das trocas não é algo legado apenas ao capitalismo (POLANYI, 2000; GRAEBER, 2016). De certa forma, como demonstra Polanyi (2000), o que ocorre nas sociedades de mercado é a transformação destas moedas em mercadorias, que poderiam ser acumuladas e a partir das quais a mais-valia poderia ser gerada. Este seria o problema da ideia de maximização de ganho ligada ao dinheiro.

Para a maximização e acumulação, é fundamental, segundo esses pensadores, que a sociedade humana tenha, no âmbito das relações econômicas, o exercício da liberdade. No que tange à dimensão política da sociedade, apesar de afirmarem que o Estado também é um elemento importante, há a pressuposição da liberdade como fundamental para o progresso (COUTINHO, 1993). Isto posto, percebe-se como esses pensadores acreditam que a chave para o bem individual e coletivo é a busca, livre de restrições, pelos benefícios pessoais. No limite, a economia clássica leva à pressuposição de que os “indivíduos [estão] instalados fora de relações comerciais complexas. Naturalizam o homem econômico para depois inseri-lo nas instituições sociais burguesas” (COUTINHO, 1993, p. 25-26).

Na economia clássica, que se alimentou fortemente dos postulados de Adam Smith e François Quesnay, o Estado se subordinaria às leis econômicas naturais. Esse é um dos pressupostos do liberalismo econômico que coaduna com a ideia de que a sociabilidade humana seria plena na dimensão econômica da vida. Nas palavras de Coutinho (1993, p. 34), “há, todavia, um campo específico da ação humana – a economia, o campo da produção, da troca, da riqueza – onde regras naturais (e privadas) emanadas das leis naturais, conduzem a sociedade à harmonia”. Ademais, a partir do avanço do mercantilismo, o debate sobre a economia ficou centrada nas noções de juro, preço, câmbio, riqueza, tributação, dinheiro, dentre outros (COUTINHO, 1993). Esse movimento ocorreu muito devido à intensificação do comércio intermarítimo e da consolidação do Estado.

Gregory (1982) ao comentar sobre o eixo teórico intitulado *Economics*¹⁵, nos fornece outros indícios de como a economia tem sido encarada atualmente. Neste segmento, aquilo que é produzido e circula na sociedade é chamado de bens e o foco está no estudo da escolha individual. “O problema econômico foi redefinido como o problema de entender como o ‘homem’ econômico universal alocava seus recursos escassos com base nas suas necessidades competitivas e ilimitadas (GREGORY, 1982, p. 26 – tradução nossa)”. Em suma, centraliza-se o indivíduo e não a sociedade; os bens e não as relações; a escassez ao invés da reprodução, no intuito de, a partir de noções subjetivas das escolhas humanas, prever o futuro.

Com os apontamentos acima, percebemos que na economia clássica a reprodução da vida do ser humano se daria principalmente por meio da produção de bens que possam ser trocados retornando o máximo de ganho monetário. A dimensão que o sistema econômico capitalista tomou, principalmente a partir do século XIX, norteando fortemente as relações econômicas internas e externas dos países principalmente do ocidente, fez com que o discurso econômico se tornasse cada vez mais capitalocentrismo e androcêntrico, como conceitua Gibson e Graham (1996). Um processo similar ocorreu com o espaço de troca do mercado, que passou a ser identificado como operador de trocas, necessariamente, capitalistas, sendo que, na verdade, este já existe há mais tempo que o próprio capitalismo (POLANYI, 2000). Nesta monografia, inspira-me o projeto de repensar a visão econômica clássica que, junto com o discurso capitalocêntrico, invisibiliza outros modos de organização econômica; outras noções de mercado (POLANYI, 2000; GIBSON-GRAHAM, 1996)¹⁶; outros formatos que não necessariamente monetizam a reprodução da vida.

Apesar das autoras indicarem o capitalismo como um “sistema de produção de mercadorias generalizado estruturado por forças (industriais) de produção e relações de produção exploradoras entre capital e trabalho [... e que] é animado pelos imperativos gêmeos da competitividade empresarial e de acumulação de capital” (GIBSON-GRAHAM, 1996, p. 21), o intuito delas é desconstruir o imperativo genérico de que este é o único modelo de produção possível. É deixar de enxergar o capitalismo como metonímia de economia, o mercado como sinônimo de capitalismo, e, com isso, expandir a visão para outras economias.

¹⁵ Mantenho o termo em inglês para evitar que a grafia de Economia com E maiúsculo seja confundida com a categoria economia que estou buscando desconstruir neste trabalho.

¹⁶ Em uma breve pesquisa que realizei pelos *websites* de algumas universidades públicas brasileiras, o curso de economia ou ciências econômicas estava de alguma forma relacionado com o capitalismo e este sistema de produção se apresenta como o que deve ser entendido e como uma das únicas alternativas. Para maiores informações, ver a definição do site da Universidade de São Paulo: <<https://www.fea.usp.br/economia/graduacao/o-que-e-economia>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

Para refletir sobre o conceito de economia, ao longo da monografia utilizarei como auxílio o conceito de regimes de troca (SILVA, 2016), “categorias analíticas cunhadas para dar sentido às diversas regras, expectativas e efeitos por meio dos quais pessoas e coletivos sociais transacionam bens, direitos sobre pessoas ou sinais de reconhecimento”. Aproximo economia de regimes de troca – sem igualá-los, por entender que uma das dimensões da prática econômica de gerir os recursos disponíveis (CARVALHO DE FRANÇA, 2007) é a transação de objetos, direitos, dinheiro, dentre outros, para a reprodução da vida. Dois são os regimes que apresento e que nortearão a minha análise ao longo da monografia.

O regime de troca de dádiva¹⁷ está ancorado nos pressupostos analíticos de Marcel Mauss (2003), construídos a partir da sua análise de dados sobre as trocas na região da Melanésia e Polinésia. Segundo o antropólogo francês, a troca pela dádiva se constitui de três obrigações básicas, a saber, dar, receber e retribuir, bem como da noção de inalienabilidade dos objetos trocados. Essas obrigações mostram como as trocas são orientadas no sentido da construção e da consolidação dos vínculos sociais. Uma das chaves dessas trocas é a dualidade de serem, ao mesmo tempo, voluntárias e obrigatórias, assim como a inalienabilidade dos objetos trocados e a relação de codependência entre as partes.

Nesse regime de transações de dádivas, por meio de objetos, um importante elemento é o tempo. E com o tempo aparece também outra categoria desse regime, a saber, a dívida (GRAEBER, 2016). Estar em dívida com alguém significa não retribuir ou pagar o que lhe foi ofertado no mesmo momento. Em geral, se isso é feito instantaneamente, entende-se que não existe a intenção de se criarem relações. O efeito tempo também impacta em outra questão nessas trocas: além da demora necessária e esperada, é importante que, ao retribuir, o valor devolvido seja maior que o que foi ofertado. Encara-se como falta de respeito, ao mesmo tempo em que potenciais desavenças podem ser geradas, se esta regra também não for cumprida.

A especulação de Claude Lévi-Strauss (2003; 1976) sobre o ensaio de Mauss (2003) também nos propõe estender a compreensão sobre o regime de troca de dádiva. Aquele sugere que o que está por trás do caráter voluntário e obrigatório é a noção de que a troca se constitui, na verdade, como o fenômeno máximo de todas as sociedades. Não pretendo me alongar na observação da contribuição lévi-straussiana, mas faz-se importante expor como o autor chega

¹⁷ O termo dádiva, como um modelo de regime de troca, é um conceito analítico cunhado pela própria Antropologia a fim de melhor compreender as ações práticas de troca de alguns grupos, que destoam dos postulados do senso comum sobre regras de troca das ciências econômicas. Este é entendido como um *tipo ideal* (WEBER, 1991) e que não necessariamente se conforma como regra intransponível na ação individual.

nesse ponto: por meio da sua teoria da proibição do incesto, que pode ser lida também como teoria da aliança. Nas palavras de Simone de Beauvoir:

Mas quer seja indireta ou direta, global ou específica, concreta ou simbólica, é sempre a troca que nós encontramos na base das instituições matrimoniais. Vê-se então se confirmar a idéia de que a exogamia visa assegurar a circulação total e contínua das mulheres e das filhas; seu valor não é negativo, mas positivo: [...] um benefício social resulta do casamento exogâmico. **A proibição do incesto é por excelência a lei do dom: é a instauração da cultura no seio da natureza.** Grifos próprios. (BEAUVOIR, 2007 [1949], p. 187).

Desta forma, a lei do dar, receber e retribuir da dádiva também impera na instituição do matrimônio e isso demonstra que o foco das prestações matrimoniais está no potencial da relação a ser construída, colocando em dependência assimétrica aqueles que estão trocando. Na dinâmica econômica da dádiva há também um outro ponto interessante: a agência não é relegada apenas às pessoas. Os objetos, que são entendidos como dádivas, também possuem agência, demonstrando uma diferença em termos ontológicos da divisão entre pessoas e coisas. O valor do que é trocado não é medido em preço, mas em *rank* (SILVA, 2016). Desta forma, palavras, gestos, rituais são importantes para o modo como a troca vai se dar, já que o que está fora daquela relação, também está sendo negociado (STRATHERN, 1992).

O outro regime de troca conceituado é o de mercado. Gregory (1982) nos oferece indícios de como funcionam essas trocas ao descrevê-las como teoria das mercadorias, identidade assumida pelos objetos nesse regime. Segundo Marx, mercadorias são objetos com tanto valor de uso, como valor de troca, e que está incluso no modo de produção capitalista.

A troca nesse modelo de mercadorias se dá por objetos alienáveis entre agentes que estão em situação de recíproca independência e o processo de produção e consumo, visto de forma circular, é focalizado nos objetos, sem considerar as pessoas. Ligada ao método histórico-lógico, este regime se fundamenta em estudos a partir das economias europeias dos séculos XVIII e XIX e, nesse sentido, em contextos nos quais as categorias de propriedade privada, classes, abordadas por Marx (2013), fundamentavam fortemente a organização social.

Em geral, no regime de mercado, há uma suposta simetria entre as partes envolvidas e a troca é experimentada como uma relação entre os objetos, sendo a equivalência entre o que é trocado o principal foco deste regime e o seu valor é medido em termos de preço (SILVA, 2016). Não há continuidade entre o objeto e as pessoas envolvidas na troca, o que torna as mercadorias bens alienáveis.

Como tipos ideias, os regimes de mercado e da dádiva aqui expostos nos auxiliam a compreender por meio de quais expectativas as trocas estão sendo realizadas, o que não implica

dizer que não há intersecção entre os dois e que um mesmo objeto não possa ser trocado como dádiva e mercadoria (APPADURAI, 2008). Em alguns casos, uma mesma troca pode transitar entre esses regimes (VALERI, 1994). A análise de como as pessoas realizam suas trocas, com base em quais expectativas e fundamentos, pode nos dar indícios de como é a visão econômica desta sociedade e auxiliar na proposição de desmembrar e fragmentar o termo economia.

Dito isto, sigo agora a reflexão sobre o termo mercadoria, que em diversos momentos é colocado como sinônimo de uma troca operando no regime de mercado. Como tem sido a disseminação da produção de mercadorias o principal norte de atuação de atores de governança em Timor-Leste, acho importante indicar o que estou entendendo por mercadoria e o que está implicado nas transformações às quais as populações estão se engajando.

De qual valor estamos falando?

Em Timor-Leste, assim como em outros contextos de contatos interculturais, a análise dos resultados desses encontros na dimensão econômica costuma pressupor o que já foi aqui contestado, a saber, a penetração fugaz, avassaladora e destrutiva da lógica capitalista. Assim como proponho desconstruir os termos gênero, sexo e economia, atento-me aos usos locais e às definições do termo mercadoria no debate desta monografia. Percebo o anseio local, por parte de diversos atores de governança e da própria comunidade, para que os artefatos produzidos sejam trocados como mercadorias. É a partir da produção e troca dos objetos os quais eu analisei – principalmente as estátuas e os *sanan rai* de Ataúro – e a definição de identidade destes como mercadoria ou não, que buscarei refletir.

Para isso, gostaria de indicar uma breve discussão sobre os conceitos de valor de uso e valor de troca. Em primeiro lugar, considero valor algo que não é intrínseco ao objeto, mas sim uma construção social e cultural “que não se pode considerar objetivo e universal. [...] Os valores preferenciais que aumentam a utilidade total estão associados ao que a sociedade considera desejável e, dentro dela, cada grupo ou classe social” (DEL HOYO; MADARIAGA, 2015, p. 126 – tradução nossa). O valor de uso se refere a quanto este objeto atende às necessidades e o valor de troca a quantidade de algo que se recebe em troca de outro. Segundo Narotzky (2004), o preço, quase sempre relacionado a dinheiro, apenas é o resultado direto do valor de troca em sociedades de mercado. Indico, por isso, que em outros contextos com a presença de diferentes regimes de troca, o valor de troca pode não estar na quantidade monetizada.

De toda forma, o valor de troca relacionado ao dinheiro tem sido algo disseminado pelas práticas políticas de atores de governança em Timor-Leste e alhures. Não obstante essa visão, Appadurai (2008) e Kopytoff (2008) corroboram para a desnaturalização da fixação da identidade mercadoria *a priori*, e expõem o seu caráter contingente, relativo à cada situação, e processual. Contribuem, assim, para a transposição do termo mercadoria para contextos nos quais a suposta estrutura de produção capitalista não é o imperativo operante e nos quais possuem “formas sociais nativas de mercantilização” (APPADURAI, 2008, p. 30).

Kopytoff (2008) vê a mercadoria como um dos estados de ser possivelmente definidos (i) pela possibilidade de o objeto ser trocado por dinheiro, (ii) pelo valor de uso e (iii) pela operação de troca ocorrer em uma transação descontínua, com um valor equivalente. A sua maior contribuição, ao meu ver, está na identificação da identidade mercadoria como um estado transitório (KOPYTOFF, 2008), e na indicação de que a mercantilização resulta na tentativa – na maioria das vezes falha – de homogeneização e desconexão dos objetos com seus produtores. Ademais, Michael Herzfeld (2016, p. 141) afirma que “os estudos mostram que as mercadorias são ‘apropriadas’ pelas pessoas para diversos desígnios culturais, diferentes de lugar para lugar, e entre grupos sociais” (p. 141).

Christopher A. Gregory em “Gift and Commodities” (1982), Ann Stoller (1995) no livro “Capitalism and Confrontation in Sumatra’s Plantation Belt, 1870-1979”, dentre outros estudos, demonstram que a pressuposição da mercantilização como ligada ao capitalismo é um dos braços discursivos da ficção do sistema capitalista como homogêneo e onipresente.

Na tentativa de compreender melhor a produção de *merkadoria* como impulso para a consolidação da economia nacional leste-timorense e buscando uma abordagem que entrelace os discursos de atores de governança com as formas práticas e concepções daqueles que as produzem, parto do princípio que estátuas, cerâmicas, porta objetos, dentre outros artefatos, não são *merkadorias*, mas carregam o potencial de se tornarem.

Dessa forma, a fluidez do conceito de *merkadoria* aqui embasa também o olhar para o sistema econômico operante tanto por instituições, como pelas comunidades. E, com isso, direciono esforços, ancorados em autoras como J.K. Gibson-Graham (1996), Lamin Karim (2008) e Michelle Murphy (2017), dentre outras, para reinterpretar as práticas econômicas institucionais – suas fantasias retóricas e seus pressupostos. Assim como Karim (2008) sobre os programas de microcrédito em Bangladesh e a retórica neoliberal que os embasa, proponho uma monografia que tenha como fio condutor as contradições entre os discursos e as “verdades” construídas acerca da produção de artefatos *kulturais* como *merkadoria* – e o papel das

mulheres e as realidades e obrigações cotidianas nas quais não só elas, como os artefatos, estão inseridas.

Entendi que precisava percorrer, na monografia, um caminho, que pode ser visto mais como um espiral do que como uma linha. No primeiro capítulo, intitulado “O governo da economia para construção nacional. ‘A nossa cultura deu-nos a Independência e irá agora assegurar o nosso futuro’”, inicio apresentando o projeto de governo do Estado e de ONGs nacionais e internacionais acerca do fortalecimento da economia leste-timorense, por meio do Plano Estratégico de Desenvolvimento (2001), dentre outros documentos, e das ações da Rede Feto e de seus parceiros da sociedade civil. Analiso os discursos indicando como os conceitos de desenvolvimento econômico, produção para o mercado, disseminação do mercado, *kultura* e turismo se relacionam. Neste caso, pretendo apresentar o que é dito sobre o projeto de fortalecer o Estado pela economia.

Neste primeiro capítulo, argumento que a pauta de desenvolvimento econômico e fortalecimento do Estado leste-timorense, no limite, intui modificar os modos de organização produtiva e social das comunidades, propondo transformar tanto os artefatos produzidos localmente em mercadorias, como a forma de trocar das comunidades.

E, para entender esse *gestar e gerir* (SOUZA LIMA, 2002) leste-timorense, o segundo capítulo, “Manejando artefatos e trocando valores”, adensa a reflexão expondo como alguns desses discursos ocorrem na prática. Seria aquela junção entre o *dito* e o *feito* (PEIRANO, 2001). Todas as seções são permeadas por análises teóricas e dados etnográficos, mas aquilo que chamei de raiz do meu campo, está de forma mais presente neste capítulo. Demonstro como os atores de governança, por meio do estudo de caso da ONG Empresa Di’ak, buscam impulsionar a noção de produção de *merkadoria*, focalizando no valor de troca monetário, nas comunidades Makili e Arlo de Ataúro.

O processo de enrijecimento da identidade mercadoria dos objetos da *kultura*, que transitam das comunidades para a região mais urbanizada da ilha, para o *merkado turístiku*, será analisado nesse capítulo. Argumento que o processo histórico e principalmente as adesões a diferentes vertentes cristãs – catolicismo e protestantismo – em cada comunidade interferem, mediam e são importantes elementos para o processo de negociação que a Empresa Di’ak empreende com as comunidades.

O terceiro capítulo, “(Re)Investindo em relações”, continua a busca por expor cada vez mais as multiplicidades de perspectivas. Com a relação construída com o Sr. Marcos Pacheco

Noronha, artesão das estátuas de Ataúro, e a Sra. Tomásia Pacheco, sua esposa, apresentarei reflexões sobre como a organização local da unidade doméstica e os rituais da *kultura*, principalmente os matrimoniais, se relacionam com a produção de *merkadorias*. Eu estive em busca, durante o campo, de famílias em que as mulheres fossem as produtoras e as responsáveis diretas pela relação com o *merkado turistik*. Das surpresas da vida, apareceu-me uma situação ao contrário. Poderia ter ficado frustrada, mas, ao invés disso, entendi que o não trabalhar com produção de *merkadorias* também era uma possível realidade para as mulheres leste-timorenses e investigar essa situação poderia trazer outros frutos para entender o processo de desenvolvimento econômico pelo *merkado*.

As noções de investimento e riqueza são os principais conceitos trabalhados nesse capítulo. O intuito é desconstruir a forma monetizada que permeia a compreensão dos atos de investir e de acumular riqueza. Argumento que o investimento realizado com o dinheiro advindo das *merkadorias* vendidas pelo Sr. Marcos no *merkado turistik* tem como principal norteador a construção de relações a longo prazo, criando relações de débito, como ocorre no regime de troca de dádiva. Decorre disso que a noção de riqueza que permeia as decisões de investimento se ancora, antes de tudo, na noção de riqueza em pessoas e em relações, e não necessariamente em riqueza monetizada. Não dividirei a forma de troca de dádiva e de mercado como intangível. Ao contrário, buscarei demonstrar que há um trânsito constante entre essas duas formas de troca, sendo uma a nutrição para a outra.

Por fim, na conclusão, articularei os principais pontos apresentados na monografia a partir do conceito de economia de Gudeman (2001), que deixei reservado para esse momento. Focarei principalmente nas diferenças entre a ideia de economia de subsistência e de mercado, demonstrando como em algumas situações a análise da relação econômica das comunidades precisa levar em conta outras formas de enxergar e entender economia e riqueza.

Um eixo paralelo da minha estadia em Timor-Leste, mas de suma importância, diz respeito a convivência com algumas estudantes do curso de Desenvolvimento Comunitário da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). O programa CAPES/AULP (Associação das Universidades de Língua Portuguesa) foi o que possibilitou a minha ida neste campo. Além da pesquisa, para estudantes de graduação, é obrigatório cursar disciplinas de algum curso na Universidade local. Pelo método de ensino diferenciado e pela inexistência de um curso de Antropologia em Timor-Leste, o ambiente universitário não me parecia tão instigante no início. Com a dificuldade de comunicação, o contato inicial foi feito com poucos estudantes e o meu objetivo era apenas cumprir o que fosse necessário.

Uma das obrigações da matéria de Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o Prof. Antero Silva, foi a viagem de dois dias ao distrito de Manatuto, subdistrito Laclubar, para conhecer um pouco mais da história da resistência leste-timorense. Depois desse evento, que ocorreu em outubro de 2017, a minha percepção e engajamento na universidade mudou drasticamente. Grande parte do que relatarei no terceiro capítulo é fruto da aproximação com a colega de classe Ingracia de Sousa Pereira, que para a minha surpresa, é cunhada do Sr. Marcos. Parte do sustento dela na capital para continuar os estudos advém da venda das estátuas, e a partir deste e de outros fatores, reflito sobre o conceito de investimento. O conceito de riqueza, que subjaz a ideia de investimento, reflete uma outra perspectiva: a ideia de riqueza em pessoas e relações. Ao invés do enfoque material da riqueza, que tomou conta de parte da visão econômica sobre o que é ser rico/possuir riqueza, pretenderei demonstrar como existem investimentos que se norteiam pela noção de angariar riqueza em relações.

Seguimos o desafio...



Figura 2 – Despedida com estudantes do curso de Desenvolvimento Comunitário da UNTL

Fonte: Arquivo pessoal da autora

CAPÍTULO 01 – O GOVERNO DA ECONOMIA PARA CONSTRUÇÃO NACIONAL

“A nossa cultura deu-nos a Independência e irá agora assegurar o nosso futuro”¹⁸

Na minha experiência estudantil pessoal, de alguém que nasceu em um país com colonização portuguesa e com independência há mais de cem anos, a categoria nação aparecia como uma questão dada, neutra e naturalizada. O encontro com a Antropologia, no entanto, mudou a minha percepção sobre esse termo. Naturalizar a nação é desconectá-la do processo histórico e das articulações que, a longo prazo, tornam possíveis essa comunidade imaginada, limitada e soberana (ANDERSON, 2008, p. 32). É desconsiderar as disputas e arranjos existentes a fim de conformar um discurso que represente e legitime o Estado.

Benedict Anderson (2008) oferece alguns indícios de como essa nação se conformaria. É central, na sua análise, o papel da técnica da escrita e da unificação da língua para uma identificação nacional. O capitalismo editorial, com jornais e romances, é um forte operante na proposição do que seria essa comunidade nacional e na conexão de pessoas que dificilmente se imaginariam enquanto pares. Em uma perspectiva antropológica, o autor demonstra como o Estado, que se tornou um dos principais conceptores e articuladores da consciência moderna, busca impô-la por meio da língua, assim como da delimitação de fronteiras.

A consciência nacional e a subjetivação moderna, de forma entrelaçada, propõem o projeto de que uma população pertencente a determinada comunidade política se reconhece enquanto igual e é conformada por indivíduos (ANDERSON, 2008; MAUSS, 2017). O discurso nacional, desta forma, se alimenta da proposta moderna do individualismo que tem suas raízes também nos argumentos econômicos de Adam Smith, como analisado por Dumont (2000).

O século XX trouxe consigo um novo espaço para a economia no discurso nacional de instituições compositoras do Estado. Esta tornou-se cada vez mais uma esfera autônoma e imprescindível, com verdades muitas vezes indecifráveis e incontestáveis (HERZFIELD, 2016). Perceber como diferentes processos históricos de longa duração refletem uma tentativa de consolidar a nação e o local do componente econômico é uma chave importante para compreender os caminhos de construção e consolidação do Estado leste-timorense. Assim, inicio a monografia com este capítulo que analisa, destrincha e articula os discursos – a gramática – que norteiam os posicionamentos de alguns atores de governança quando o assunto

¹⁸ Trecho retirado do Plano de Desenvolvimento Estratégico (PED) de 2011 do Governo de Timor-Leste, página 76.

é a consolidação da economia nacional de Timor-Leste para modernização e fortalecimento da nação.

No Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) de 2011, proposto pelo IV Governo Constitucional, sob a vigência do então Primeiro-Ministro Kay Rala Xanana Gusmão, este objetivo tem sido relacionado, dentre outros componentes, com a necessidade de diversificação econômica, impulsionamento da produção local de *merkadorias* para o turismo, e potencialização de setores como da economia criativa. De diferentes formas, vários atores de governança têm caminhado pela linha que conecta a diversificação econômica e a potencialização da produção local de *merkadorias*, de um lado, com modernização e fortalecimento da nação, do outro. Pode-se dizer, assim, que a comodificação para o mercado do tipo capitalista, dentre outros, é um dos sustentáculos da nação que se propõe moderna.

Instituições do Estado, agências de cooperação internacionais, coletivos da sociedade civil e organizações sem fins lucrativos (ONG) são os atores cujos discursos e práticas discuto neste capítulo. Não são únicos, mas por terem sido expressivos e ativos durante o meu campo, focalizo os seus discursos e práticas. Estou de acordo com estudos em Timor-Leste que apontam como a construção desse Estado nacional tem implicado um manejo e reordenamento dos modos de produção e reprodução das comunidades (SILVA, 2016). Argumento neste capítulo que no discurso contemporâneo de construção da nação moderna em Timor-Leste, as práticas de governo para a concretização deste projeto têm na dimensão econômica um dos pilares essenciais de transformação. Assim, o regime de troca de mercado é uma dentre as possibilidades de troca e o contraponho com o regime de dádiva, abordado analiticamente como o forte operador na reprodução das vidas dos leste-timorenses.

Uma das formas de conectar essas duas pontas – economia desenvolvida e nação moderna – é por meio do envolvimento das comunidades, mas, principalmente das mulheres, na produção para o *merkado*. Estas ganham especial atenção por parte desses atores. Empoderar e desenvolver a nação emergiria também de um empoderamento das mulheres, o qual tem o poder embutido na ideia de independência financeira. Estar independente financeiramente significa, dentre várias coisas, conseguir autonomia tanto na produção como na venda para o *merkado*. A racionalidade implicada nessa relação de causa e efeito reside no preceito de que poder está relacionado com aquisição e manipulação de dinheiro, o quê, por sua vez, é tomado como indicador de independência financeira.

Inspirada pela perspectiva foucaultiana do poder representativo do discurso, o que pretendo analisar neste capítulo é como se articulam as categorias nação, modernização, economia robusta, mulheres e produção de *merkadorias* para o *merkado*, nas práticas de

governo de vários atores. Esforço-me para compreender como essas categorias se combinam no plano do discurso para, nos capítulos seguintes, discutir e entrelaçá-los com as práticas orientadas por ele. Para abordar esta problemática elegi para análise a práxis de dois agentes: Instituições estatais leste-timorense e a Rede *Feto*¹⁹. Minha escolha foi orientada por duas grandes variáveis: 1. essas são instituições que lideram os projetos de mudança social que desejo compreender; e 2. ao longo do meu trabalho de campo, estas foram as instituições com as quais mais interagi.

Antes da análise dos discursos, começo o capítulo com alguns achados etnográficos sobre a dinâmica do *merkado* durante o Timor Português. Ainda nesta parte, procurarei dar visibilidade para o modo de atuação das instituições de cooperação internacional em Timor-Leste a partir da restauração da independência. Abordo a agência mediadora da ONU em torno da construção do Estado Nacional percebendo uma atuação similar ao que ocorre atualmente em relação à questão da expansão da economia de *merkado* para o desenvolvimento. É importante mencionar que os funcionários leste-timorenses, tanto dessas agências como das instituições do Estado, fazem parte das elites locais, sendo as práticas dessas elites mediadoras centrais no processo de desenvolvimento econômico nacional.

A seção seguinte, “O Estado do *Merkado*”, está dividida em duas partes e apresenta primeiro os discursos e argumentos contemporâneos presentes nos documentos de Estado, Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) de 2011, e Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017) da Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão (SEII²⁰). Logo em seguida, “Da subsistência para o *merkado*”, é a segunda parte desta seção e apresenta o discurso de Mari Alkatiri, então Primeiro Ministro em vigor durante meu trabalho de campo. No PED, focalizarei nos capítulos Capital Social e Desenvolvimento Econômico.

“Como engajar as populações no e pelo *merkado*?” é a segunda seção deste capítulo a qual constam os discursos da Rede Feto, com a diversidade de ONGs e agências de financiamento que atuam sob o seu guarda-chuva. Optei por apresentar as ações e discursos durante o ano de 2017 da Rede Feto, em conjunto com outras agências financiadoras, acerca da correlação entre empoderamento feminino e produção agrícola para o *merkado*.

¹⁹ Ou Rede Mulheres, em português.

²⁰ Os diferentes nomes os quais a secretaria já teve refletem, de certa forma, como o Estado de Timor-Leste tem se engajado nas pautas relacionadas à gênero e inclusão social. De SEPI – Secretaria de Estado para Promoção da Igualdade, mudou para Secretaria de Estado para Apoio e Promoção Socioeconômica da Mulher (SEM) e, em seguida, para Secretaria de Estado da Igualdade do Gênero e Inclusão Social (SEIGIS), nome em vigor quando estava em campo. Neste ano, a secretaria foi renomeada para SEII - Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão.

Por fim, a parte final “Desenvolvendo o *mercado* pela *kultura*” agrega as reflexões que podemos gerar a partir dos discursos apresentados. Nomeadamente, discutirei os modos como estas instituições articulam construção do *mercado*, produção de *merkadorias*, e (des)envolvimento das mulheres e das comunidades.

Apesar da centralidade das ações da ONU para o início dos projetos de construção do Estado leste-timorense, evito cristalizar o decurso de consolidação econômica, de construção de um *mercado* e de envolvimento das mulheres – e comunidades – como singular ao período pós-colonial. David Hicks (2012) e Lúcio Sousa (2018)²¹ demonstram como os espaços do *mercado* e de bazares²² já eram manipulados pelas administrações coloniais portuguesas a fim da projeção de uma certa ordem e controle por parte da metrópole. Os dois estudos nos trazem importantes contribuições para estender o processo de consolidação de uma economia e *mercado* nacional para além do período pós-independência e compreender como o *mercado* operava localmente, deixando de lado teorias econômicas universalistas sobre o *modus operandi* deste espaço.

Sousa (2018) demonstra parte das mudanças da performance administrativa colonial em relação ao *mercado* e bazares entre o século XIX e metade do século XX. O maior controle português, por meio do estabelecimento de dias específicos para o *mercado* em cada região e de um administrador colonial presente, estava ligado ao intuito de implementar uma ocupação efetiva do território, ampliar a política de impostos, e propor um maior controle das estruturas indígenas locais (SOUSA, 2018; HICKS, 2012). Ademais, essas novas rotinas e a própria disseminação dos bazares, eram apresentadas como um símbolo de desenvolvimento.

Com o campo na década de 1960, no distrito de Viqueque, Hicks (2012) abordou, por meio do *mercado* semanal, como espaço e tempo demarcavam a identidade social entre os residentes. Extrapola-se a ideia do *mercado* como um espaço de pura realização de trocas independentes, explicitando como o fator das diferenças sociais étnicas, de gênero, de nacionalidade também interferiam nas relações e trocas durante esse dia. A própria organização espacial, assim como o que cada um ofertava, tinha os marcadores identitário como norteadores e definidores.

²¹ Ainda como um *working paper*, o texto foi apresentado no Simpósio Internacional “Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste” ocorrido, em 2018, na cidade de Brasília.

²² Bazares como sinônimos de *mercados*.

Por um lado, Sousa (2018) indica as tentativas de interferência e agência da administração do Timor Português na dinâmica dos bazares com o argumento de que o novo ordenamento refletia o desenvolvimento das comunidades locais; de outro, Hicks (2012) nos propõe uma compreensão detalhada de como as comunidades nativas se articulavam e organizavam nesse espaço e tempo, com as identidades sociais locais operando e controlando a dinâmica dos *merkados*. É a expressão da conformação híbrida dessas diferentes formas de controle que operavam – e ainda operam – na administração leste-timorense.

Grandes transformações na dinâmica operativa dos espaços de venda, devido à urbanização e às políticas de infraestrutura e de manipulação da mobilidade das comunidades ocorreram durante a administração indonésia (HICKS, 2012). O escudo português foi trocado pela moeda indonésia, *rupiah*, e grande quantidade de comerciantes migrou para o país, instalando *warung* (pequenas lojas) e *kiosques* por praticamente todas as regiões do país. Esses diferentes espaços de venda se fazem presentes até hoje em Timor-Leste e são responsáveis pelo abastecimento das comunidades rurais²³. Além disso, Hicks (2012) vê uma relação com a chegada dos comerciantes indonésios e a diminuição gradativa do uso do espaço do *mercado* tradicional²⁴.

A partir de 1999, com o referendo de independência, houve a intensificação da presença de um novo elemento em Timor-Leste: a cooperação internacional, por meio da Assistência para o Desenvolvimento Internacional (AID) e da Administração Transitória das Nações Unidas em Timor Leste (UNTAET). Este conjunto de atores se capilarizou de diferentes formas, impactando, até hoje, na conformação das pautas de construção nacional. Nessas conjunturas pós-coloniais, a AID, como um complexo institucional, articulou atores como Estados Nacionais, Banco Mundial, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher, organizações sem fins lucrativos da sociedade civil²⁵ de outros países, etc²⁶.

Diversas práticas atuaram de forma pedagógica (SILVA, 2016) a fim de promoverem a inserção e difusão de tecnologias e subjetivações ancoradas em fundamentos civilizatórios em contraposição ao modo de organização local. Em suma, levo adiante a ideia de que os fluxos globais de disseminação do desenvolvimento em Timor-Leste e alhures trabalham a médio e

²³ Nos *kiosques* das comunidades se vende uma diversidade de produtos industrializados, como café, açúcar, doces, cigarro, bolachas, óleo, dentre outros, e alguns produtos locais a depender de cada região.

²⁴ A interferência econômica indonésia modificou de tal forma a dinâmica cotidiana das comunidades que até hoje os valores monetários dos produtos, em quase todos os espaços de venda locais, são expressos no idioma indonésio

²⁵ Em entrevista, Laura Abrantes, uma das líderes da Organização Asian Pacific Support Collective Timor-Leste (APSC-TL), relatou-me que a própria ideia de ONG como uma forma de atuação da sociedade civil foi apresentada por esses grupos internacionais.

²⁶ Para maiores informações, ver Capítulo “Apresentação”, Silva (2012).

longo prazo para alterações na organização social das comunidades, com práticas pedagógicas civilizatórias e a favor de um livre trânsito do capital (ESCOBAR, 1995; RIBEIRO, 2009)

A pauta do neoliberalismo também passa a compor esse projeto desenvolvimentista a partir da década de 1980, sendo importante indicá-lo como pano de fundo para o modo como o processo de restauração da independência, fortalecimento nacional e o engajamento dos atores locais de governança vem ocorrendo no contexto leste-timorense. Ancoro-me na análise de Karim (2008), percebendo o neoliberalismo como uma ideologia que

baseia-se na ideia de que o bem-estar humano é melhor servido pela retirada do Estado das políticas de bem estar social (Harvey, 2005: 64). Estendendo essa definição econômica, Ong denominou o neoliberalismo como uma racionalidade de governança, declarando que ‘o governo depende de escolhas e técnicas calculativas no domínio da cidadania e do governo’. Ela sujeita os cidadãos a agir de acordo com os ‘princípios do mercado de disciplina, eficiência e competitividade’ (Ong, 2006: 4) (KARIM, 2008, p. 6).

Na análise de Silva (2012), sobre as formas locais de articulação, disputa e arranjo do sistema de doação durante a UNMISSET, percebe-se como a cooperação internacional se configurou como um fato social total (MAUSS, 2003), colocando em ação, na engrenagem formativa do Estado Nacional de Timor-Leste, instituições e dimensões sociais diversas. Compartilho com a autora o entendimento de que o Estado-Nação é um projeto constantemente inacabado e em movimento, configurando-se de diferentes formas e sob diferentes preceitos a depender dos processos históricos particulares.

Centrada no cotidiano de implementação do projeto de construção de capacidades – *capacity building* – para a construção de um funcionalismo público eficiente e responsável com a gestão pública do Estado, Silva (2012)²⁷ demonstra como esse projeto repunha “as categorias por meio das quais as Nações Unidas construíam a realidade timorense” (p. 205), consolidando visões unívocas sobre os próprios leste-timorenses. O corpo executivo da ONU, composto por internacionais e elites locais, informava que as dificuldades na implementação de um funcionalismo público eficiente estavam relacionadas com as práticas da *kultura* leste-timorense, inadequada, atrasada e desencontrada com a expectativa de um Estado moderno. Demonstra-se assim que a modernidade pressupõe um modelo de funcionamento que em muitas localidades pode ser ineficiente para os princípios organizacionais diferenciados que ali regem as relações.

Atualmente, o Estado leste-timorense arca com várias demandas de gestão nacional que no processo pré-independência ainda não estavam consolidadas. A interferência internacional

²⁷ Para maiores informações, ver Capítulo 3 e 4.

tem ocorrido por meio de acordos realizados e definidos pelo próprio Estado²⁸. Argumento que no cenário atual parte de como ocorria a dinâmica de construção de capacidade durante o período de gestão da ONU continua em relação à pauta de empoderamento econômico nacional, com a ideia de desenvolver habilidades econômicas nas populações, em especial nas mulheres. As agências internacionais e ONGs contém no seu quadro administrativo leste-timorenses que passam a ser os principais difusores das práticas e táticas pedagógicas para inserção da dinâmica do *mercado*.

As evidências teóricas apresentadas demonstram que as mudanças nas formas de organização das comunidades leste-timorense, é um processo que tem se dado à longo prazo, para além da data da independência. Percebe-se também como o argumento do desenvolvimento já mobilizava, anteriormente, manejos e ordenamentos na dinâmica de relação da comunidade com o *mercado*. Com o papel de auxiliar para o desenvolvimento e modernização, os atores internacionais de governança, por meio do financiamento e da ingestão de novas tecnologias – contábeis, de escrita, dentre outras – nas comunidades, continuam a agenciar e impactar os modos de gestões locais.

1.1 O Estado do *Mercado*

Nesta seção, abordo as instituições estatais pelos seus discursos e projetos norteadores das suas ações. Em termos de documento, analisarei o Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) de 2011, com metas previstas para até 2030, e o Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017-2021). O discurso do Primeiro Ministro em vigor durante o período que realizei a pesquisa de campo (agosto e dezembro de 2017), Mari Alkatiri, será apresentado na segunda parte desta seção.

1.1.1 Quais são os planos e como são ativados?

O PED de 2011 me pareceu uma importante chave para compreender melhor esses discursos quando o percebi sendo a principal referência para o Programa do VI Governo Constitucional²⁹ (2015-2017). Não só por isso. Quando o analisei, percebi a atualidade dos pontos nele levantados nas ações que acompanhei durante o campo; identifiquei como ele

²⁸ Austrália, Estados Unidos da América, Japão e Indonésia se mostraram durante o campo como os cooperantes centrais.

²⁹ Informações sobre este documento no site oficial do governo leste-timorense: <http://timor-leste.gov.tl/?cat=39>. Acesso em 19 de outubro de 2018.

cristaliza discursos e expectativas difusas; constatei que ele é mobilizado pelas instituições para legitimar e justificar suas práticas.

Este documento transita constantemente entre as instituições estatais e transnacionais, sendo mantido como mediador das relações entre o Estado leste-timorense e as agências de cooperação internacionais. Foi produzido de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) estipulados pela ONU para o período entre 2000 e 2015, e na agenda pós-2015, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), o PED aparece como veículo para a concretização dos ODS. Assim, o Plano está imerso em uma dinâmica de economia política internacional que classifica os países e a qual não foi objeto de estudo analítico nesta monografia, mas pode ser melhor apresentada em trabalhos posteriores.

O objetivo central para desenvolver o país é “passar Timor-Leste de um País com baixos rendimentos para um País com rendimentos médio-altos, com uma população saudável, instruída e segura” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 12). O PED expressa metas estratégicas para alcance dos objetivos que estão centralizadas principalmente na geração de empregos³⁰. Ao colocar o nível de rendimento como principal indicador de desenvolvimento, demonstra a importância de que os fatores de produção – como o trabalho humano, a terra, dentre outros – sejam remunerados monetariamente.

Reflito, a partir desse indicativo, que está no aumento da circulação de dinheiro oriundo de salários, da comodificação da terra ou mesmo da produção de *merkadorias*, um dos indicadores do crescimento da economia. Essas metas estão condicionadas à modificação do cotidiano das populações em termos de saúde, educação, modo de produção e relação com o meio ambiente.

O capítulo Capital Social, como nomeado no próprio PED, trata diretamente de estratégias para a população incluindo as subáreas de Educação, Saúde, Inclusão Social, Ambiente e Cultura e Patrimônio. Durante o campo, nas ações com as comunidades dos atores de governança, como as ONGs, a pauta da inclusão social e da preservação da cultura e do patrimônio se apresentaram como principais justificativa para impulsionar o engajamento com a produção de *merkadorias*, principalmente das relacionadas à *kultura*, e com o *mercado* em si. Por isso, deste capítulo, extraio as ações e estratégias nesses dois âmbitos – Inclusão Social e Cultura e Patrimônio.

³⁰ “Este plano visa desenvolver infra-estruturas fundamentais, recursos humanos e o fortalecimento da nossa sociedade, bem como, o crescimento do emprego no sector privado e nos sectores industriais estratégicos – tais como a agricultura, o turismo em crescimento e indústrias a jusante no sector do petróleo e do gás” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 13).

Define-se que "a curto prazo é vital que Timor-Leste continue a apoiar as nossas crianças, as nossas mulheres em risco de abuso, as famílias pobres, os idosos e outros grupos vulneráveis" (TIMOR-LESTE, 2011, p. 52). De acordo com o PED, a vulnerabilidade das mulheres é abordada como um dos pontos no qual o Estado precisa se esforçar para produzir mudanças. Os números referentes ao alto índice de violência física sofrida pelas mulheres são expressos como indicativos da necessidade de ações e estratégias com esse grupo³¹. Como tática para mitigar esse problema, a dimensão econômica está explicitada como uma ação necessária: "serão fortalecidos mecanismos para prestar apoio financeiro a mulheres que sejam chefes de família"; e "serão desenvolvidas políticas e quadros para autonomizar as mulheres a nível social e econômico, através de várias medidas de apoio à subsistência" (TIMOR-LESTE, 2011, p. 58).

Duas questões me chamaram atenção no ponto da vulnerabilidade e da desigualdade de gênero apresentada no PED. Em primeiro lugar, o documento indica a tradição como o problema para as questões de gênero:

"Por tradição, homens e mulheres têm tido papéis diferentes. Todavia a Constituição de Timor-Leste deixa claro que homens e mulheres devem ser tratados de forma igual em todos os aspectos da vida [...] O compromisso de Timor-Leste para com a igualdade entre os gêneros é refletido na forte proporção de raparigas e rapazes no ensino primário e na proporção de mulheres no Parlamento Nacional, Exército e Polícia, que está entre as mais elevadas em todo o mundo. **Todavia os preconceitos tradicionais sobre gêneros** continuam a afetar todos os aspectos da vida em Timor-Leste. As taxas de analfabetismo das mulheres adultas são mais elevadas do que as dos homens, e há mais homens do que mulheres no ensino superior (83 mulheres por cada 100 homens)". Grifos próprios (TIMOR-LESTE, 2011, p. 56).

Em seguida, ao propor soluções relacionadas ao aumento da circulação do dinheiro nas mãos das mulheres, o PED expressa que a racionalidade envolvida se ancora na ideia de que ao adquirirem dinheiro, o resultado seria maior a autonomia e independência na tomada de decisão. A igualdade de gênero no PED, apontada como compromisso nacional, possui no aumento do envolvimento feminino com a dimensão econômica monetária um dos pilares.

Adianto aqui como a categoria tradição, utilizada no PED inicialmente como um ponto problemático e potencializador da vulnerabilidade social e econômica das mulheres, é um pilar essencial que potencializa as ações e estratégias presentes principalmente na seção de Cultura e Patrimônio e no capítulo Desenvolvimento Econômico. Essa dualidade tem sido acionada nas políticas dos diversos atores de governança a fim de produzir resultados, como aumento de

³¹ "Quase 40% das mulheres em Timor-Leste, com mais de 15 anos, já sofreram situações de violência física. Entre as mulheres casadas, 34% sofreram violência doméstica por parte dos maridos e muitas não conseguiram obter justiça e compensações pelo seu sofrimento" (TIMOR-LESTE, 2011, p. 56).

valor monetário das *merkadorias* produzidas localmente (SILVA & SIMIÃO, 2016; SILVA & FERREIRA, 2016). Sigo para a essa análise agora.

“Cultura e Patrimônio”, no PED, refere-se principalmente às táticas que, como expresso no documento, pretendem preservar as “raízes culturais e históricas” componentes da identidade cultural única leste-timorense. “A fim de proteger a nossa identidade é necessário que encorajemos e promovamos a cultura timorense e que inculquemos as artes criativas no nosso desenvolvimento econômico” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 74)³². O envolvimento das comunidades com o *merkado*, principalmente *turístiko*, e com o campo da economia criativa³³ leste-timorense³⁴, são propostas baseadas na argumentação de que, assim, a tradição seria preservada.

A consolidação da indústria e economia criativa em Timor-Leste é uma das grandes apostas da seção. Este é um setor que envolve “o uso da criatividade e do conhecimento geral para gerar rendimentos e riqueza” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 75). Tecelagem, escultura, desenho e pintura, música, dança, filme, escrita, publicação e publicidade, dentre outras, são práticas que, no PED, compõem essa economia. A expansão da visibilidade leste-timorense no cenário internacional; aumento das exportações e do turismo; e o sentimento de identificação e orgulho nacional são outros efeitos desejados segundo o PED, do impulsionamento da economia criativa.

Dentre as várias estratégias de desenvolvimento da economia criativa, o PED propõe a priorização de ações para fortalecimento de dois segmentos: dos artesanatos e do turismo cultural. Os artesanatos são considerados como detentores de uma tradição única, sendo, assim, um diferencial no mercado internacional, potencializando o turismo cultural. Argumenta-se, no documento, que a produção desses artefatos deve seguir o modelo moderno e de alta qualidade para exportação, potencializando, assim, a economia e a preservação da *kultura*.

Sobre o turismo, este aparece tanto nesta seção, com o termo cultural adjacente, como no capítulo “Desenvolvimento Econômico”. Nas duas, percebe-se a continuação do argumento de potência da tradição para o desenvolvimento nacional. Nesse sentido, afirma-se no documento: “A nossa cultura tradicional, a história viva nas nossas comunidades rurais, o nosso

³² Não considero a preservação e proteção da *kultura* como resultado direto das ações propostas. Acredito ser necessário um trabalho etnográfico profundo para perceber se e como esses objetivos são alcançados. Aponto aqui, apenas, o que o Plano, enquanto documento estratégico indica como possíveis resultados das suas ações.

³³ De acordo com a ONU (2010), economia criativa é um conceito em evolução que relaciona ativos criativos em potenciais geradores de crescimento e desenvolvimento econômico.

³⁴ Apesar de não ter sido o termo economia criativa utilizado durante o campo, as ações, apresentadas no PED, cristalizadas nessa indústria, foram observadas durante as atividades e os acompanhamentos realizados.

artesanato, a nossa música e a nossa dança, darão aos visitantes experiências absolutamente memoráveis” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 80).

“Timor-Leste construirá uma economia moderna e diversificada com base na agricultura, turismo e indústria petrolífera, com um sector privado emergente e oportunidades para todo o nosso povo” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 127), abertura da seção “Desenvolvimento Econômico” do PED, que contém cinco subseções: Desenvolvimento Rural, Agricultura, Petróleo, Turismo e Setor Privado. A indústria turística aparece com grande importância para a economia nacional, tornando-se um âmbito de ação de diferentes atores institucionais³⁵. O espaço dedicado ao setor privado e o discurso em prol de uma industrialização desses segmentos econômicos demonstram, de certa forma, uma busca por independência financeira por parte do Estado.

“Para alcançar a nossa visão econômica, teremos de transformar a estrutura da economia de Timor-Leste - afastando-nos da tendência de sobrecarregar a agricultura e o setor público, e dirigirmo-nos em direção a um setor privado em crescimento, indústrias estabelecidas e um setor de serviços em expansão. Também será necessário um sector agrícola mais eficiente”. (TIMOR-LESTE, 2011, p. 248)

Ao se referir ao turismo, o PED expõe como a *kultura*, a história e as belezas naturais podem impulsionar que essa indústria se torne um suporte importante para o desenvolvimento econômico, atraindo visitantes em “uma experiência memorável” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 173). Para isso, o PED expõe metas para a melhora das rodovias, das telecomunicações, do transporte terrestre, marítimo e aéreo, e da rede de hotelaria. Nas comunidades locais, é necessário, segundo o PED, trabalhar para que estas tenham cursos de formação para oferecerem alojamento, alimentação e serviços de guia, intensificando, assim, um turismo local.

No PED, em conjunto com outras duas regiões turísticas – Tutuala, na zona oriental e Marobo, na zona ocidental – Ataúro se mostra como zona prioritária a ser desenvolvida. Além da beleza submarina ao redor de Ataúro, o PED expõe que a ilha é “conhecida pelas suas esculturas em madeira, podendo os visitantes ver (e comprar) estátuas, esculturas, talheres, decorações e barcos miniatura produzidos por artesãos locais”³⁶ (TIMOR-LESTE, 2011, p. 179). Além de comprar, no PED, inclui-se como possível experiência para aumentar o fluxo turístico o envolvimento dos visitantes com as comunidades, engajando no processo de produção de alguns artesanatos.

³⁵ O fato de Bali ser uma das províncias da Indonésia mais próxima de Timor-Leste e com um turismo de massa constante pode ser indicado como um elemento para a centralidade do turismo na pauta nacional leste-timorense.

³⁶ No período de pesquisa, identifiquei que esses artesanatos eram produzidos principalmente por homens, enquanto a maioria dos outros produtos – cerâmicas, artefatos trançados de palha, dentre outros – eram de responsabilidade feminina.

Em campo, foi observado que grande parte da produção de tecelagem, artesanato, dança e teatro, dentre outros, tem uma forte atuação feminina, assim como o processo de venda nos *mercados*. Desta forma, refletir e entrecruzar as diferentes relações entre mulher, tradição, violência e economia nos discursos de construção e desenvolvimento nacional é uma etapa importante para o objetivo fim desta monografia.

Evidencio novamente como os termos tradição e *kultura* geram relações diferentes a depender do referencial (SILVA & SIMIÃO, 2016; SILVA & FERREIRA, 2016). Ao apresentar as metas referentes à inclusão social, principalmente das mulheres, a *kultura* é apontada como limitadora. Enquanto, na parte referente ao desenvolvimento econômico e à cultura e patrimônio, mais especificamente à economia criativa, a *kultura* se apresenta como mola propulsora.

A essa ambígua relação das políticas de desenvolvimento com as práticas e as dinâmicas sociais chamadas tradicionais ou da *kultura*, agrega-se o vínculo, no PED, entre o desenvolvimento estatal e a melhora na qualidade das infraestruturas físicas – estradas, escolas, postos de saúde – das comunidades. A melhora das infraestruturas é abordada como condição para o engajamento das comunidades com o *mercado*. Essa relação mais intrínseca com o *mercado* se daria tanto em termos físicos, aumentando a circulação de potenciais *merkadorias* principalmente nas regiões turísticas, como na inserção das atividades e práticas cotidianas das comunidades no regime de troca do *mercado*, gerando rendimentos monetários.

Percebe-se como a expansão e desenvolvimento do Estado no PED ocorreria em decorrência, dentre outros fatores, de um intenso manejo e reordenamento dos modos de reprodução cotidiana das comunidades. É pela reorganização da relação produtiva das comunidades que o objetivo de diversificar a economia e aumentar os rendimentos nacionais seria alcançado.

O Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017), proposto pela Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão (SEII), destrincha como algumas metas propostas no PED serão implementadas e monitoradas e qual será o valor, no orçamento da secretaria, para cada atividade. Em 24 de agosto de 2017, encontrei-me com a equipe da SEII e me apresentaram o histórico de atuação nas questões em relação à igualdade e inclusão social e o plano em questão. Ficou evidente que as ações propostas no plano já possuíam uma trajetória e vinham sendo implementadas, através da secretaria e das parcerias com agências de cooperação internacionais e ONGs nacionais e internacionais, desde a restauração da

independência, em decorrência, principalmente, do compromisso firmado, por parte do Estado, no Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e na pauta dos ODMs.

No plano, além de uma breve contextualização estatística sobre a situação da questão de gênero em Timor-Leste, com base nas prerrogativas da CEDAW, uma das principais definições é a de violência baseada no gênero:

“Estes atos podem incluir mas não se limitam a: violência doméstica; abuso sexual; **violência relacionado com o barlaque**³⁷; [...] **práticas tradicionais e culturais específicas de gênero que causam dano**; [...]; **violência econômica** e qualquer tipo de violência que é praticada contra uma pessoa por causa do ou relacionado com seu gênero ou modelo percebido do papel do gênero ou o estereótipo do papel do gênero percebido”. Grifos da própria autora (TIMOR-LESTE, 2017, p. 11).

Reforça-se como as práticas tradicionais e *kulturais*, como o *barlake*, são postas como potenciais fontes de violência para as mulheres. O engajamento das mulheres em atividades econômicas que as retribuam com valor monetário, com dinheiro, é apresentada como tática mitigadora para a violência baseada no gênero. As estratégias do Plano possuem quatro pilares: (i) prevenção de violência baseado no gênero; (ii) prestação de serviços para vítimas/sobreviventes de violência baseada no gênero; (iii) acesso à justiça para vítimas/sobreviventes de violência baseada no gênero; (iv) coordenação, monitorização e avaliação. Dos quatro, os dois primeiros apontam questões econômicas como potenciais solucionadoras das violências³⁸:

PILAR I

PREVENÇÃO de violência baseada no gênero

Resultado 1: Transformar atitudes, comportamentos, práticas, normas e dinâmicas de poder que contribuem para a violência baseado no gênero

Resultado 1.4 – Mulheres são mais empoderadas economicamente.

Indicador de Resultados

1.4.1: O número de grupos de mulheres que recebem apoio econômico do Governo tem bom rendimento

1.4.3: % de participação de mulheres e homens na força de trabalho

Ações de Foco

1. Providenciar apoio financeiro para as redes de mulheres e grupos de negócios, com atenção particular a associações, organizações e grupos comunitários que apoiam e representam mulheres vulneráveis.

³⁷ Denominação referente às práticas para consolidação do compromisso e aliança matrimonial em Timor-Leste.

³⁸ Serão expostas aqui apenas os indicadores e ações relacionadas à dimensão considerada, no próprio Plano, como econômica, respeitando a formatação e numeração do documento. O modelo de tabela segue o formato proposto no Plano.

3. Capacitar as mulheres em cargos profissionais incluindo em posições de gestão, através de formação de liderança transformativa e habilidade de assertividade.
Fonte: Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017), p. 21.

PILAR II

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS para vítimas/sobreviventes de violência baseada no gênero

Resultado 2: Assegurar que as vítimas/os sobreviventes de violência baseada no gênero tenham acesso a serviços essenciais de saúde e apoio social de qualidade

Resultado 2.4 – Reforçar medidas para facilitar independência econômica recuperação e autonomia das vítimas/sobreviventes.

Indicador de Resultados

2.4.1: Número de vítimas/sobreviventes com acesso a programas de reintegração social em cada ano

Ações de Foco

1. Desenvolver uma política nacional para implementar as disposições da lei contra a violência doméstica em relação à manutenção econômica para a reintegração de vítimas/sobreviventes.
3. Apoiar ONGs para implementar projetos para geração de rendimento, com disposições específicas para vítimas/sobreviventes que recebe assistência do MSS (Ministério de Solidariedade Social).

Fonte: Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017), p. 21.

Na entrevista realizada em agosto de 2017 com a Sra. Olga Monteiro, que coordena as atividades para empoderamento econômico, ela me informou que desde 2008 a SEII tem parceria com grupos de mulheres e ONGs e destina uma quantia financeira, advinda do Fundo de Transferência Pública, para que estes aprimorem suas atividades. A Secretaria disponibilizou de 1.000 a 3.000 dólares para os negócios que fossem apresentados por grupos de mulheres e até 15.000 dólares para ONGs nacionais ou internacionais. Além disso, os grupos receberam treinamentos sobre gestão financeira e organização administrativa promovidos em parceria da SEII com instituições como o Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial (IADE).

Existe um processo para a seleção dos grupos que receberão o financiamento público. É necessário que o grupo tenha tanto a pauta do empoderamento feminino, como proponha um negócio rentável para a comunidade. Ficou explícito como a rentabilidade do negócio era mensurada de acordo com o potencial de inserção, no *merkado*, da *merkadoria* – artefatos, produtos agrícolas, etc – que o grupo apresentasse. Desde 2008, segundo Monteiro, 481 grupos receberam o apoio da SEII e, desse total, 399 foram considerados com sucesso. Sobre as ações que deram certo, grande parte envolvia (i) a produção de *merkadorias*, principalmente para o

merkado turístiku, a base de *tais*; (ii) a criação e gestão de *kiosque*; e (iii) a produção de *merkadorias* alimentícias.

Por último, agrego aos planos, o discurso do Primeiro Ministro em vigor no *Workshop* proposto pela Rede Feto em parceria com a organização To'os Ba Moris Diak (TOMAK), “Aumenta Visibilidade e Consciência Pública sobre Contribuição das Mulheres na Produção Agrícola, Nutrição e Acesso ao Mercado”, em 15 de dezembro de 2017. Além do enfoque na necessidade de mudança de mentalidade para o *merkado*, Alkatiri apontou outras questões que tangenciam o projeto de modernização nacional pelo governo da economia.

1.1.2 Da subsistência para o *merkado*

O Primeiro Ministro começou enfatizando o local da mulher, que, segundo ele, é um dos principais “motores” para o desenvolvimento econômico. É a energia feminina que pode alavancar o mercado timorense. “As mulheres que tem a maior responsabilidade de gestão do dia a dia na casa”, disse Alkatiri que justifica essa maior gestão feminina pelas migrações masculinas para a cidade “em busca de melhor condição de vida”.

Além dessa associação, o discurso contou com outra relação, encontrada também nos programas e projetos de outros atores locais – ou não – de governança: produção agrícola e mulheres. A agricultura, identificada como uma das bases para a diversificação da economia, foi considerada como uma das atividades nas quais a presença feminina é bem marcante.

Apesar de, em termos estatísticos, essa maior presença não ser encontrada – segundo o censo nacional de 2015, 57.5% das mulheres, em detrimento de 60% de homens, estão envolvidas em atividades agrícolas nas comunidades – o relatório da organização TOMAK³⁹, apontou que a atuação feminina é mais diversificada e abrangente do que a masculina, tanto na produção, quanto na venda.

“Há mais comerciantes mulheres do que homens e as mulheres dominam a economia informal em torno de produtos agrícolas de alimentos. Apesar disso, as mulheres não se beneficiam ou participam equitativamente das instituições, programas, tecnologia, liderança e governança da agricultura e do mercado” (TOMAK, 2016, p. 7 – tradução nossa).

³⁹ Enquanto uma organização não-governamental, a TOMAK se define como um programa de suporte ao setor de produção agrícola apoiado pelo Governo da Austrália em Timor-Leste. Investe-se, em conjunto com o governo leste-timorense, ONGs e o setor privado, em ações para o desenvolvimento da agricultura local. Para mais informações: <http://tomak.org/>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

Ao falar sobre essa atividade econômica, Alkatiri, dirigindo-se às mulheres, pontuou a necessidade de se mudar a mentalidade de uma economia de subsistência⁴⁰ para uma economia (social)⁴¹ de *merkado*. Segundo o que foi exposto, na de subsistência, as pessoas produziam apenas para o consumo próprio, comendo e bebendo, e aquilo que se gasta é maior do que se produz ou guarda. No seu discurso, é a produção para o *merkado* que traria mais riqueza: “Você é que é o motor para a economia. Mas não apenas como consumidora, tem que ser como produtora para a economia caminhar”, disse o então Primeiro Ministro.

Nessa mudança de mentalidade, o primeiro ponto evidenciado é a necessidade de cooperar com o *merkado*. Na visão de Alkatiri (2017), não é o *merkado* que tem que se adequar ao que se produz, mas as produtoras que precisam estar alinhadas com os anseios e desejos deste campo. Outra necessidade para o aceleração é a de serem criados espaços de *merkado* próximos às aldeias onde moram, para evitar que se gaste com o transporte.

1.2 Como engajar as populações no e pelo *merkado*?

Ao perseguir, durante o campo, os manejos e os modos de inserção das comunidades e principalmente mulheres no *merkado*, adentrei mais fortemente no circuito dos movimentos da sociedade civil e, mais especificamente, das ONGs que têm essa pauta na atuação. O primeiro contato foi com a Rede Feto, fundada a partir do I Congresso Nacional de Mulheres do Timor-Leste, em 2000, no período de transição e sob gestão da UNTAET.

Por diversas vezes, em campo, as minhas interlocutoras a definiram como uma Rede que media a relação das ONGs e comunidades com o Estado e agências de financiamento e fiscaliza se os governos leste-timorenses eleitos estão, de fato, cumprindo com os compromissos assumidos na CEDAW. Sob o seu guarda-chuva político, estão associadas oficialmente cerca de 18 ONGs que independente das pautas específicas, se conectam pela pauta geral das questões relacionadas à promoção da igualdade de gênero. Existe um consenso entre a Rede Feto, as ONGs, as agências de financiamento internacionais e o próprio Estado de que as ações com as mulheres têm um maior impacto, principalmente no que diz respeito à distribuição de recursos. Mesmo as ONGs não filiadas também se amparam embaixo desse guarda-chuva. Quando se

⁴⁰ Não obstante o debate teórico extenso, encabeçado por Sahlins (1972), acerca do modo de produção econômico de subsistência, apresento esta categoria, aqui, como nativa. Ou seja, estou utilizando economia de subsistência como os meus interlocutores e mediadores a definiram.

⁴¹ Alkatiri enfatizou a necessidade de manter o termo social entre economia e *merkado*. Em termos analíticos, a expressão nativa economia social de *merkado* se refere à economia de *merkado*, por isso optei por utilizar apenas economia de *merkado*.

refere a eventos, *workshops* ou outras atividades relativas às mulheres, a parceria com a Rede Feto estava sempre presente.

As ações com as comunidades não partem diretamente da Rede Feto. Esta se articula com as agências financiadoras e ONGs realizando a ponte e impulsionando ações em diversos âmbitos nas comunidades com as quais as ONGs trabalham. A mediação aparece como a forma mais próxima de definir a atuação da Rede. Desta forma, abordo os discursos da Rede Feto por percebê-los em concordância com a perspectiva tanto das ONGs nacionais e internacionais, agências de financiamento, como das comunidades engajadas com as ONGs.

Durante o ano de 2017, a Rede Feto e a TOMAK estiveram unidas para promover diálogos e um estudo comparativo com grupos de mulheres produtoras agrícolas com o intuito de aprimorar esse setor econômico gerando recomendações tanto para as organizações e os grupos de mulheres, como para o Estado. O investimento financeiro se deu por parte da TOMAK, que na sua atuação, focaliza na segurança alimentar, na boa nutrição e na capacitação familiar para se articularem com o *mercado* agrícola. A agência possui como pilares: igualdade de gênero e empoderamento econômico das mulheres; *mercado* para os mais pobres; e agricultura sensível à nutrição.

O *workshop* no qual Mari Alkatiri discursou em dezembro, apresentado acima, constituiu-se como evento final das atividades que começaram em março de 2017, com a conferência nacional “Empoderamento Feminino, Nutrição e Agricultura Comercial”. A partir da conferência, foi proposto um mapeamento do perfil de alguns grupos de produtoras agrícolas apresentado em 25 de agosto de 2017 no seminário “Reforçar a colaboração entre mulheres e sua participação na tomada de decisões na agricultura, nutrição e desenvolvimento do mercado de trabalho” para representantes de instituições estatais, ONGs e agências internacionais parceiras. Comecei a acompanhar as atividades a partir do seminário, quando cada ONG apresentou um grupo de produção com o qual trabalha e, dos oito, os dois considerados com maior sucesso foram escolhidos para a realização do estudo comparativo: HIKMOR do distrito de Aileu e REMAJELEJU de Cova Lima.

Como foco da análise, discutirei primeiro o processo de escolha dos grupos para participarem do estudo comparativo, no dia 25 de agosto, enfatizando em um dos grupos escolhidos, REMAJELEJU, e, em seguida, o discurso final, no dia 15 de dezembro de 2017, da Rede Feto. Apesar do enfoque no setor de produção agrícola, a pauta de acesso ao *mercado*, as dificuldades encontradas e as recomendações geradas, podem ser transpostas para outros setores de produção de *merkadorias*.

A escolha dos dois grupos foi resultado de um dia de apresentações, discussões e *networking* no salão da Fundação Alola⁴², uma das ONGs membros da Rede Feto. O evento seguiu o protocolo padrão em diversas ocasiões oficiais em Timor-Leste, com oração e canto do hino nacional como abertura e momento de lanches e almoço. Alguns dos itens que compuseram o lanche eram dos próprios grupos que foram apresentados. Representantes de quase todos os grupos de cada distrito se deslocaram até Díli para participar do seminário.

Além da TOMAK, outros cooperantes como os representantes do Gabinete do Primeiro Ministro, da UN Women, da Asian Foundation, da OXFAM, de supermercado locais e ONGs parceiras, como a Empresa Di'ak, também estavam presentes. Entendi o seminário como um momento não só a escolha dos grupos, como também de articulação entre os diferentes conjuntos de atores que atuam na esfera de potencialização da inserção das mulheres e das comunidades na dinâmica do *merkado*.

Os grupos encaminharam para a Rede Feto um documento com as seguintes informações solicitadas: estrutura e composição do grupo; o tipo de produção; o impacto nutricional dos seus produtos; como é o acesso ao *merkado*; missão e visão da respectiva instituição; as parcerias realizadas com outros atores; a quantidade produzida em média; e os desafios. Poucos foram os grupos que conseguiram apresentar todos os pontos indicados. Como um formato de organização específico, entendo que solicitar essas informações é uma forma tática de induzir que essas informações sejam produzidas. É uma forma de irradiar um modelo de organização específico.

Todos os grupos evidenciaram as seguintes dificuldades: condições básicas precárias para produzir – como a questão da água e do solo; armazenamento dos itens; processo de embalagem e deslocamento da produção para os *merkados* locais e de Díli. Alguns incluíram questões relativas à gestão administrativa. Neste ponto, a maioria dos grupos relataram que foi a partir do apoio externo que conseguiram aprimorar sua estrutura e gestão administrativa, assim como a contabilidade da produção.

Os dois grupos escolhidos no final, no entanto, se destacaram não exatamente pelo tipo de produção realizada, mas pela extensa rede de articulação criada com diferentes atores, que potencializa a inserção dos seus produtos como *merkadorias*. Os dois eram, também, os grupos

⁴² “A Alola é uma ONG sem fins lucrativos em Timor-Leste para melhorar as vidas de mulheres e crianças. Fundada em 2001 pela ex-primeira dama, Dra. Kirsty Sword Gusmao, a organização procura estimular mulheres líderes e defender os direitos das mulheres”. Informação na abertura do site oficial da ONG traduzida do inglês para o português pela própria autora. Maiores informações: <<http://www.alolafoundation.org/>> Acesso em 29 de outubro de 2018.

que proveram maior número de informação de acordo com o solicitado. Tanto REMAJELEJU como HIKMOR possuem parceria, mediadas por outras ONGs, com os supermercados de Díli e distribuem parte da sua produção para a capital. Ademais, também receberam apoio financeiro do governo, por meio do Ministério de Assuntos Econômicos, no caso do REMAJELEJU, e do Gabinete Presidencial, no caso do HIKMOR.

Exponho, agora, o perfil do grupo REMAJELEJU apresentado. Este surgiu em 2012 como reflexo das atividades no distrito de Cova Lima de prevenção da violência baseada no gênero, proposta pela APSC-TL e ONU Mulheres. Com apoio financeiro do Ministro Coordenador dos Assuntos Econômicos, as mulheres que já estavam envolvidas na agricultura começaram o negócio abrindo um *kiosque* que atualmente funciona como centro para recolhimento, armazenamento e distribuição de produtos de diferentes grupos.

Receberam apoio também de outros atores locais como o grupo Madres Canossianans, Centro Comunidade Suai, Grupo Brasil, Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial (IADE), OXFAM e Ministério de Agricultura e Pesca que as auxiliaram não só na gestão do negócio, com tecnologias administrativas e de contabilidade, como na diversificação dos itens agrícolas que elas plantam. Com o curso sobre indústria caseira contínua, ministrado por brasileiros, aprenderam a utilizar os itens agrícolas para produzir biscoitos, doces, banana e batata-doce frita, que hoje são vendidos principalmente nos supermercados e estabelecimentos da capital. Relatou-se, também, que as tecnologias adquiridas do contato com esses atores foram repassadas para outros grupos locais, criando uma rede de disseminação dos novos conhecimentos.

O maior sucesso apresentado pelo grupo foi a produção mensal de em média 8.000 biscoitos, que são distribuídos nacional e internacionalmente. Neste empreendimento, a parceria com a ONG internacional *PARC Interpeoples' Cooperation* (PARCIC), da cooperação japonesa, foi apontada como de grande impacto, já que esta é responsável por distribuir estes e outros produtos do grupo. PARCIC, com o foco de auxiliar as comunidades de países que passaram por desastres naturais ou extrema violência, atua em Timor-Leste desde 2002. Segundo o site da ONG⁴³, promove-se “a troca direta e o comércio com base na confiança entre as pessoas como um meio para o desenvolvimento autossuficiente, pacífico e humano”.

Ao promover as ideias de comércio justo nas suas atividades, PARCIC auxilia o grupo, realizando parceria com os comércios e supermercados locais e internacionais – principalmente japoneses – facilitando, assim, o escoamento da produção. Com o aparato técnico japonês, os

⁴³ Mais informações em: <<https://www.parcic.org/english/about/>> Acesso em 28 de outubro de 2018.

produtos possuem informações nutricionais precisas, o que na visão do grupo é uma grande conquista, haja vista a falta de tecnologias similares em Timor-Leste. Aprimora-se também o processo de embalagem e etiquetagem, essencial para a inserção das *merkadorias no mercado* nacional e internacional. Essa parceria, segundo o grupo, facilita por diminuir os custos, já que não precisam se encarregar do transporte das *merkadorias*.

Em outro momento do campo, ao comparecer a uma feira de produtos locais, conheci a marca Aroma Timor, desenvolvida pela PARCIC e que vende uma diversidade de produtos orgânicos produzidos por grupos de mulheres – chás, biscoitos, óleo de coco, banana e batata doce frita, mel, geleia, manteiga de amendoim, dentre outros. Dentre os grupos, REMAJELEJU era um deles. Percebi, então, que os produtos do grupo passavam pela transformação não só estética como identitária, deixando de serem identificados como REMAJELEJU, para serem apropriados como Aroma Timor.



Figura 3 - Produtos da Aroma Timor em exposição

Fonte: Arquivo pessoal da autora

As participantes do REMAJELEJU relataram que as principais mudanças com as atividades do grupo se referem primeiro à independência econômica adquirida, podendo auxiliar nos custos financeiros da casa e, em segundo, ao acesso a informações tanto sobre produção agrícola, como sobre o arcabouço jurídico acerca da violência baseada no gênero. Informaram também que pelas articulações conseguiram se conectar com outros grupos de outras comunidades, disseminando informações que receberam de outros parceiros.

Com o auxílio dos diversos atores de governança com os quais o grupo mantém relações, as mulheres expuseram ter aumentado a consciência sobre o papel delas no desenvolvimento nacional, finalizando a apresentação com a seguinte frase: “A participação de muitas mulheres em todas as áreas contribui para o desenvolvimento sustentável”. Ademais, por meio do *kiosque*, que também é um centro para outras atividades a comunidade, as mulheres vendem produtos de outros grupos.

O argumento para o sucesso na produção de *merkadorias* e inserção no *mercado*, desta forma, está implicado na habilidade do grupo em conseguir se articular com os diferentes atores de governança. As táticas para transformação dos itens em *merkadorias* surgem de agências externas nacionais e internacionais e são pedagogicamente inseridas nas dinâmicas locais de produção. A necessidade de que os produtos agrícolas passem por uma remodelação estética e identitária, como evidenciado nas ações da ONG PARCIC, fica em evidência. Como resultado do seminário, foi exposta a necessidade de que as práticas da PARCIC fossem replicadas por outras instituições para a potencialização da economia local e nacional.

O estudo comparativo possibilitou às representantes dos outros grupos que acompanhassem e conhecessem melhor a dinâmica de produção. O relatório com as recomendações apresentado no dia 15 de novembro de 2017 pela diretora da Rede, Dinorah Granadeiro, tinha como destinatário principal o Governo e as instituições parceiras, os quais estavam todos presentes. O *workshop* ocorreu no salão de eventos da SEII com uma formalidade diferenciada dos outros eventos acompanhados. Na chegada do então Primeiro Ministro, Mari Alkatiri, a Rede Feto contratou um grupo para realizar uma dança tradicional da *kultura*, além de ter entregue um *tais*, como símbolos de agradecimento à presença dele⁴⁴.

O evento transcorreu o dia inteiro com falas de cooperantes da agência de cooperação internacional americana, USAID, e do Ministério de Agricultura e Pesca, além da apresentação oficial dos resultados do estudo. Nas recomendações, solicitou-se a manutenção do apoio do governo e maior direcionamento no orçamento público para atividades nessas áreas. As questões mais práticas, como a necessidade de melhorias na estrada, no transporte público e no sistema de irrigação também foi levantada. Indicou-se também a necessidade de que o Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste (BNCTL) facilite meios de crédito e de que os supermercados potencializem as parcerias com os grupos locais. A saída de uma economia de subsistência para a de *mercado*, como indicado por Mari Alkatiri, é apresentada na fala da

⁴⁴ Durante o campo, em ocasiões e cerimônias similares a esta, a prática da dança tradicional da *kultura* e a entrega de *tais* em um cesto de palha usado em cerimônias locais para os principais participantes estava presente, como um símbolo da *kultura* leste-timorense.

Dinorah como uma responsabilidade compartilhada com os parceiros de desenvolvimento. Para o grupo em si, a recomendação esteve relacionada à higiene durante a produção.

Em resumo, o seminário de agosto e o *workshop* de dezembro condensam os principais discursos com os quais me deparei durante o campo: necessidade de potencializar o envolvimento das mulheres na produção de *merkadorias*; de diversificar a economia por meio de outros setores que não o petrolífero⁴⁵; de aprimorar a organização do negócio com novas táticas pedagógicas de gestão empresarial; de implementar meios para o armazenamento e transporte dos produtos; de implementar tecnologias de embalagem e identificação das *merkadorias*; e de estimular a distribuição dos produtos para *merkados* para além dos distritais.

Em todos os pontos, ficou evidente o engajamento de cooperante internacionais para a implementação dessas práticas. Identificados nos eventos como parceiros para o desenvolvimento, os atores de governança que compõem o cenário de cooperação internacional em Timor-Leste são identificados como essenciais para que as mudanças na relação com o *mercado* ocorra. O projeto de consolidação e fortalecimento nacional, que vincula práticas de produção locais e mulheres à dimensão econômica do *mercado*, está fortemente relacionado com as práticas e postulados da ONU. A ratificação do Estado leste-timorense em torno dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) se constitui como o norte central para todas as atividades que vem sendo desenvolvidas nesse campo.

1.3 Desenvolvendo o *mercado* pela *kultura*

Expostas algumas das engrenagens discursivas e formativas do projeto de desenvolvimento econômico em Timor-Leste, percebemos os modos pelos quais diferentes dimensões das práticas de reprodução social das populações locais têm sido plasmadas como objetos de governança. O cruzamento do PED com o Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (2017) e com os discursos e práticas da Rede Feto indica como o desenvolvimento tem implicado a transformação de uma mentalidade dita de subsistência para a de *mercado* (ALKATIRI, 2017) e, no limite, a intensificação de produção de *merkadorias*. Busquei demonstrar como tem se conformado a indústria do desenvolvimento e a existência de uma afinidade eletiva entre o processo de construção e desenvolvimento do Estado nação leste-

⁴⁵ A diversificação da economia para além do setor petrolífero por meio do impulsionamento das mulheres na dimensão de produção de *merkadorias* para o setor turístico, dentre outros, pode nos indicar, como sugeriu a Profa. Teresa Cunha, que exista uma desigualdade de gênero na definição de relação com cada setor. Enquanto o primeiro setor ficaria relegado aos homens, o segundo seria prioridade para as mulheres.

timorense e o engajamento das populações na dinâmica produtiva do *merkado*, por meio da transformação de artesanatos e outras produções locais em *merkadorias*.

Para alcançar este objetivo, o PED indica que o engajamento da população deveria estar focado, dentre outras coisas, na produção para o setor turístico com base nos fundamentos da economia criativa, que valoriza expressões locais artísticas e *kulturais*. A valorização da *kultura* viria a partir de um remanejo do que é produzido localmente, como os artesanatos, para os padrões do *merkado*, focalizando no seu valor de troca monetário. Aparece aqui a relação positiva entre a disseminação de uma economia de *merkado* e o uso estratégico da *kultura*, intensamente apontada no PED.

Sugere-se que as mulheres sejam as principais operadoras das mudanças econômicas do país, tanto por estarem mais envolvidas no setor de produção de *merkadorias*, como pela suposição de que pela aquisição de dinheiro e independência financeira, essas estariam empoderadas e poderiam lidar melhor com a violência baseada no gênero. Neste caso, os discursos dos atores de governança colocam a *kultura* e tradição em uma relação negativa: a organização social tradicional seria uma das responsáveis por minimizar a agência das mulheres no setor econômico.

Essa relação dúbia que o termo *kultura* assume relembra a análise de George Yúdice (2006) sobre a conveniência da *kultura*. Yúdice (2006) expõe como a nossa “era” observa a *kultura* como um recurso que pode levar ao crescimento econômico nacional, ao desenvolvimento político e social e ao avanço de setores industriais. É a forma utilitária da *kultura* que se coloca em jogo e que, segundo o autor “se deve em parte à redução da subvenção estatal direta de todos os serviços sociais, inclusive da cultura, o que requer uma nova estratégia de legitimação na era pós-Ford e pós-Direitos Civis [...]” (YÚDICE, 2006, p. 28).

Preocupo-me com o argumento de que a economia de *merkado* seria o meio seguro para o desenvolvimento e com a contradição retórica que o termo *kultura* assume a depender do referencial, acima exposta. Ao meu ver, essa ambivalência é característica do projeto de desenvolvimento leste-timorense. Para entender melhor, o meu olhar etnográfico focou no direcionamento dos artefatos para o *merkado*, como *merkadorias*; e as práticas de governo a que as populações são expostas, que continuarei analisando nos próximos capítulos. Por ora, destrincharei o que significa essa ideia de economia de *merkado*.

Em termos teóricos, Caio Prado Jr. (1979) e Celso Furtado (1970), no contexto brasileiro, nos ajudam a melhor compreender as bases da noção de economia de subsistência. Segundo os autores, este modelo teria três eixos principais: (i) o que se produz possuiria apenas valor de uso, com o fim último de se autossatisfazer; (ii) não haveria, assim, geração de

excedente na produção que possa ter um valor de troca monetário para o *merkado*; e (iii) existiria uma baixa qualidade tecnológica no modo de produzir.

O *merkado*, na fala de Alkatiri (2017), em contraposição, requer a produção de excedentes, para que estes possam ser trocados por dinheiro. O valor de troca dos artefatos, então, é o que se torna central. Outra evidência, a partir desse primeiro ponto, é a de que a reprodução da vida se dá por meio do dinheiro e esse é um dos principais fundamentos do regime de troca do *merkado*, e do modelo de produção e reprodução capitalista.

O *merkado* impõe a necessidade de que a população poupe os recursos monetários ao invés de gastá-los. Neste ponto, a mentalidade do *merkado* sugere que as despesas as quais não tem como fim a produção e reprodução para o *merkado*, podem e precisam ser limitadas. Em campo, a necessidade de retenção de gastos para as comunidades se fazia presente no discurso dos atores de governança em relação às cerimônias da *kultura*.

Elizabeth Traube (1986) entre os Mambai, grupo linguístico leste-timorense⁴⁶, demonstra como a organização social da vida se dá em ciclos rituais de trocas recíprocas. O nascimento e a morte representam dois polos desse mesmo ciclo que se complementam e que se relacionam por prestações e dádivas envolvendo humanos e os cosmos (TRAUBE, 1986). A vida coletiva se organiza, dessa forma, por trocas rituais. Dada as devidas diferenciações, exponho esta análise acerca dos Mambai por compreendê-la como representativa de outras situações as quais foram relatadas e presenciadas durante o campo.

Nascimento, casamento, falecimento e outros rituais de celebração do ciclo da vida em Timor-Leste, colocam em agência a rede de parentesco local com o objetivo de proporcionar o que se expressou em campo como “comer e beber junto”⁴⁷, que significa também, o ritual de troca da *kultura*. Para isso, café, chá, açúcar, cabrito, vaca, galinha, arroz, *bua malus*, cigarro, dentre outros, precisam ser adquiridos em grande quantidade para que a cerimônia de troca ocorra. Grande parte desses itens são adquiridos com dinheiro nos *merkados* e supermercados, enquanto outros chegam por meio das famílias. O dinheiro também é utilizado para os deslocamentos.

Na dinâmica do *merkado*, a retenção dos gastos com essas situações aparece como necessária, haja vista o argumento dos atores de governança de que essas situações não

⁴⁶ Nesse período, vigorava certa antropologia de cunho estruturalista que classificava as comunidades a partir de características linguísticas. Ciente das críticas a esse respeito contemporaneamente, utilizo as terminologias etnolinguísticas adotadas pelos autores somente para apresentar as ideias dos mesmos.

⁴⁷ Em diversas situações, quando questionava os meus interlocutores sobre essas cerimônias, a resposta era que o momento era para “*ham e hemu hamutuk/comer e beber junto*”. Esse junto não incluía apenas os seres humanos, mas também os espíritos dos antepassados daquelas famílias.

proporcionam a reprodução material da vida. Argumento, assim, que o processo de desenvolvimento pelo *merkado* em Timor-Leste contemporaneamente tem sugerido a centralidade das trocas com o *merkado*, em detrimento a outras trocas, como as rituais e da *kultura*.

O que os discursos acima apontam parece ser a manifestação, no Timor-Leste contemporâneo, da grande transformação retratada por Polanyi (2000) para os contextos europeus, guardadas as devidas mediações e contextualizações. O estudo histórico e antropológico de Polanyi (2000) sobre o desenvolvimento da economia de mercado nos alerta como as questões de interesse pela geração de lucro e riqueza foi colocada acima de todo e qualquer outro aspecto da vida social. Na definição do autor, o termo economia de mercado se refere ao:

sistema econômico controlado, regulado e dirigido apenas por mercados; a ordem na produção e distribuição dos bens é confiada a esse mecanismo autorregulável. Uma economia desse tipo se origina da expectativa de que os seres humanos se comportem de maneira tal a atingir o máximo de ganhos monetários (POLANYI, 2000, p. 89).

Demonstra-se como a ascensão da economia de mercado é fruto, na verdade, de uma intrínseca relação com as políticas implementadas historicamente desde o século XVIII, que conduziram as chamadas “mercadorias fictícias”, a saber, a terra, o trabalho e o dinheiro, para serem reguladas pelo mercado. Todos os componentes do processo de produção passaram a ser regidos pelas leis do lucro, inclusive o trabalho humano, sendo esta a grande transformação relatada.

Na perspectiva do autor, o mercado é, na verdade, “um aspecto acessório de uma estrutura institucional controlada e regulada, mais do que nunca, pela autoridade social” (TIMOR-LESTE, 2011, p. 88). As relações sociais, mostram-se, para o autor, não só importantes, como regentes das relações econômicas. Ao reconhecer a prevalência da dimensão social frente à econômica, Polanyi (2000) defende que não é o interesse individual de possuir bens que movimenta as ações humanas, como postulavam os pensadores econômicos, mas sim o interesse na conservação e/ou aquisição do patrimônio social.

Polanyi (2000) nos ajuda a elucidar parte do que está em jogo na dinâmica de desenvolvimento leste-timorense apresentada acima. Entrelaçando o discurso estatal com o da Rede Feto, percebe-se que essa economia (social) de *merkado* seria resultado, dentre outras práticas, da produção de artefatos artesanais ou agrícolas de acordo com o seu valor de troca monetário para o *merkado*. Estimula-se que o que já é produzido nas comunidades e, pelas mulheres, seja direcionado para o *merkado*. Esses objetos que, em grande parte das situações,

estão envolvidas com as trocas (TRAUBE, 1986) da *kultura* passam a ter um outro capítulo na história: o de *merkadorias* (APPADURAI, 2008; KOPYTOFF, 2008).



Figura 4 – Vista de Ataúro dentro do *ferry* Laju-laju

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

CAPÍTULO 02 – MANEJANDO ARTEFATOS E TROCANDO VALORES⁴⁸

A modernização econômica e nacional por vias do *merkado* tem colocado em prática um conjunto de diferentes táticas pedagógicas voltadas tanto à domesticação da produção para produção de *merkadorias*, como ao espaço do *merkado* em si. Este capítulo versa sobre os manejos por parte da ONG Empresa Di'ak para a transformação de certos artefatos da *kultura* em *merkadorias*. Pretendo demonstrar como agem alguns atores envolvidos no projeto de fortalecimento da economia nacional.

Os seguintes questionamentos direcionam o restante deste capítulo: o que significa “dar acesso ao *merkado*” aos artefatos? a qual tipo de *merkado* esses artefatos são direcionados? como as *merkadorias* são direcionadas para o *merkado*? quais são as transformações pelas quais os objetos promovidos ao *merkado* passam? qual o local social dos objetos transacionados pela Empresa Di'ak junto aos grupos de produção na história de cada comunidade? como produzir *merkadoria* se relaciona com a ideia de desenvolver uma economia de *merkado*?

Com isso, pretendo desvelar: 1. como as condições locais de produção dos objetos, e, mais fortemente, a trajetória histórica e religiosa de cada comunidade, não só impactam, como ordenam à ONG diferentes formas de manejo das suas intervenções. As visitas da ONG às comunidades, a seleção e compra de objetos, e o trabalho com grupos de produção são interpretadas, aqui, como práticas administrativas pedagógicas, ou melhor, como tecnologias de governo fundamentais pelas quais se dá a indução da participação das populações em uma economia de *merkado* e a potenciação da produção de *merkadorias*; 2. a transformação dos artefatos em *merkadorias kultureis* sugere que um novo espaço de troca seja criado, qual seja, o do *merkado turístiku*.

A Empresa Di'ak, ONG nacional que atua principalmente no subdistrito de Ataúro⁴⁹, ilha ligada administrativamente ao distrito de Díli, distante 25km da capital, tem promovido e intensificado a relação de algumas populações leste-timorenses com o *merkado*. As ações giram em torno do argumento de que os produtores possuem dificuldades para acessar o *merkado*, sendo necessárias intermediações. Espera-se que com o auxílio da ONG os artefatos cheguem

⁴⁸ Este capítulo é uma reflexão mais densa do que foi apresentado no International Symposium Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste, ocorrido em Brasília em julho de 2018. Agradeço a todas e todos presentes que contribuíram para potencializar a análise.

⁴⁹ Nesta monografia, quando me refiro à Ataúro, em alguns casos, utilizo apenas a denominação “ilha”, forma acionada também por alguns nativos.

aos consumidores principalmente estrangeiros correspondendo às expectativas destes e potencializando a aquisição de dinheiro para as comunidades⁵⁰.

Neste capítulo, as análises das práticas pedagógicas, que também podem ser interpretadas como disciplinadoras, estão concernentes especificamente aos artefatos comprados no *suku* de Makili – principalmente cestarias, chamadas localmente de *homan*⁵¹, e as estátuas de Ataúro; e na aldeia de Arlo, do *suku* Beloi – cerâmicas denominadas *sanan rai*⁵² e artefatos como as cestarias e outros feitos de bambu. Em geral, são objetos que congregam saberes e conhecimentos acumulados desde o “tempo dos avós”⁵³, com valor de uso diversos, e que circulam também no regime de troca de dádiva. Os rituais de troca da *kultura* (TRAUBE, 1986) que operam no ciclo de vida de algumas comunidades leste-timorense, por exemplo, utilizam desses artefatos como meios para a realização das cerimônias para conexão ancestral. Em decorrência dessa relação com a dimensão *kultural*, nomeio essas *merkadorias* como *merkadorias kulturais*.

Ademais, as estátuas de Makili e os *sanan rai* de diversas partes do país se apresentam como artefatos com identidade social diferenciada. Estes tomam espaço e se fazem presentes em instituições do governo, em fundações e em outras organizações como um item da *kultura* timorense de estética excêntrica. O *merkado turistik*, para além da Empresa Di’ak, também acopla esses itens como importantes *souvenirs*. Ao tornarem-se símbolos de uma identidade nacional supostamente unívoca, através do vocativo *kultura*, as práticas de ajustamento desses artefatos em *merkadorias* são cada vez mais impulsionadas pelos atores de governança.

As condições extra-econômicas que também impactam nesse processo nos rememora o que foi afirmado por Kopytoff (2008), isto é, o caráter homogêneo das mercadorias no processo de mercantilização é tencionado por outras características culturais que buscam singularizar esses objetos de alguma forma.

A construção de artefatos como *merkadorias kulturais*, focalizando em um público consumidor estrangeiro, pode ser abordada como um conduíte importante dos processos de transposição da modernidade em Timor-Leste e a comodificação – processo de transformação dos objetos em *merkadoria* – como um capítulo da biografia social desses artefatos (KOPYTOFF, 2008). Apesar de utilizar a definição de mercadoria segundo Marx – objeto que

⁵⁰ No site da ONG, esta frase representa bem a sua atuação: “Nós fazemos parceria com comunidades identificando oportunidades de subsistência, melhorando os produtos locais e fornecendo acesso ao mercado”.

⁵¹ *Homan* significa tecer, em tétum.

⁵² O termo em tétum significa pote/panela (*Sanan*) de terra (*rai*).

⁵³ *Tempo dos avós*, *tempo uluk* são expressões utilizadas pelos interlocutores para qualificar o fato de que os saberes envolvidos na produção de certos artefatos são imemoriais/ancestrais e não-escolarizados.

possui valor de uso e valor de troca – agrego à análise a construção teórica de Kopytoff (2008), que nos demonstra como a mercadoria é “[...] uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas” (p. 94). Isso significa dizer que os objetos transitam entre diferentes identidades durante a sua vida social; a identidade de mercadoria é uma delas.

Dessa forma, analisar como ocorrem as mediações realizadas pela Empresa Di’ak para a commodificação desses artefatos é um passo importante na compreensão das diversas forças que disputam espaço no processo de difusão da economia de *merkado* em Timor-Leste. As questões econômicas são, na verdade, questões da ordem social e, não obstante exista a tentativa, por parte de atores como o Estado, de encará-las enquanto autônomas, estudos como de Polanyi (2000), Gibson-Graham (1996), Mei-Hui Yang (2000), Hicks (2012) dentre outros, demonstram como o *merkado* é uma dimensão na qual as relações sociais operam e definem, em muitos casos, as condições e o tipo de troca a ser realizado.

Apesar da ONG ser aqui encarada como um dos agentes que têm promovido e difundido tecnologias de produção e organização econômica ligadas tanto ao sistema capitalista, como ao regime de troca de *merkado* (SILVA, 2016), não busco fixá-la neste lugar e papel. Como parte do complexo local de governança que opera em Ataúro, a Empresa Di’ak se articula com diferentes dispositivos e instrumentos de poder ligados à dimensão estatal, às práticas de governo internacionais e às instituições indígenas originárias. Parto do princípio de que a prática pedagógica da ONG também é impactada e transformada ao se encontrar com as dinâmicas locais de produção (SILVA, 2014). Deste modo, intento também discutir neste capítulo como isso ocorre.

Ainda que eu conhecesse a Empresa Di’ak desde o Brasil, não fechei meu campo apenas a esta atuação. Acompanhar os seus passos e sua relação com as comunidades e os artefatos foi de suma importância, assim como transitar em outras ONGs e coletivos que agem com uma pauta parecida. Essa foi uma opção metodológica de campo que possui diversas implicações. Por um lado, consegui perceber que a Empresa Di’ak não está sozinha nesse processo e a sua forma de atuação, por maiores diferenças existentes, não é singular e única. Opto, então, por evidenciar a Empresa Di’ak como um estudo de caso de um processo mais amplo presente no Timor-Leste contemporâneo.

Por outro, mais do que uma maior quantidade de dados, isso me impôs a necessidade de administrar um maior número de relações. Muitas ansiedades, frustrações e angústias poderiam ter sido evitadas. No entanto, estaria realmente fazendo uma etnografia? Como o campo e a personalidade da etnógrafa tem uma relação de mútua influência (PEIRANO, 1995), tentar

manter uma estabilidade e um total controle das situações, ao meu ver, seria tentar um controle também dos resultados e das hipóteses de pesquisa e deixar de encarar que a vida não está compartimentada em quadrados, como as divisões científicas, em alguns casos, apresentam.

De qualquer forma, resolvi arriscar e ter essa inserção multifacetada. Como etnógrafa, não deixo de ser Ana Carolina, e negar essa ânsia pessoal por percorrer a maior quantidade de espaços e conhecer e ouvir diferentes pessoas poderia ser mais violento, comigo, e, conseqüentemente, com a pesquisa. Deixar me *ser afetada* pelo campo (FAVRET-SAAD, 1990) significou em uma quebra do meu projeto inicial. Mas não seria essa uma das potencialidades da etnografia?

Em função dessa escolha metodológica, as práticas acompanhadas da Empresa Di'ak não podem ser enrijecidas. O campo é uma circunstância e um momento que possui variáveis diversas. As narrativas e práticas as quais eu tive acesso são produtos das pessoas e experiências com as quais me deparei naquele momento. Por mais que eu buscasse, de certa forma, controlar a efemeridade do campo com as entrevistas e conversas sobre o histórico da ONG, não podemos ignorar esse caráter do trabalho de campo.

Antes de engatar-me na apresentação da Empresa Di'ak, entretanto, faz-se necessário apresentar-lhes Ataúro e esta é a primeira seção deste capítulo. Tomarei como central nessa descrição a dinâmica de acesso, por parte dos habitantes, a diferentes tipos de mercadorias. Ou seja, a relação destes com o mercado. Como se constitui o mercado em Ataúro será o objetivo da primeira parte, com o intuito de contextualizar a diferença entre ele e o *merkado turístiku* proposto pela Empresa Di'ak. Argumento que apesar da existência residual do mercado em Ataúro, a institucionalização de uma economia de *merkado*, por meio do setor turístico, dentre outros, como proposto nos discursos apresentados no primeiro capítulo, sugere a necessidade de uma nova dinâmica.

Em seguida, apresento a atuação geral da Empresa Di'ak com as comunidades, expondo como ocorre a inserção dos artefatos na identidade de *merkadorias culturais*. Esta seção se subdivide em quatro partes, sendo que na primeira apresento o modo e a pauta da ONG, apontando o processo de compra como uma das principais práticas indutivas para o envolvimento com o *merkado*. A prática de seleção gerenciada pelos códigos, as planilhas do *excel* e os recibos se constituem como outro conjunto de dispositivos pedagógicos nesse processo de comodificação. Eles são discutidos na segunda seção do capítulo. A terceira e quarta parte apresentam tanto o modo específico de atuação em Makili e em Arlo respectivamente, como a trajetória religiosa de cada comunidade.

construído como um dos principais destinos turísticos do país⁵⁶, sendo considerado parte da Zona Especial de Economia Social de Mercado (ZEEMS)⁵⁷. Em 2015, foi formulado um Plano de Ordenamento do Território da Ilha de Ataúro (POT), o qual atribui importante espaço para o turismo.

A minha primeira visita a Ataúro se deu em 03 de setembro de 2017, um domingo comum em Timor-Leste, no qual um dos principais compromissos dos leste-timorenses é a ida à Igreja. A importância e centralidade da Igreja católica em todo o território é algo que impressiona. No entanto, em Ataúro, esta não é a Igreja com maior quantidade de adeptos. O protestantismo tem uma inserção muito mais disseminada, restando ao catolicismo famílias no *suku* de Makili, Villa e Makadade. Segundo Bicca (2011), a maior adesão ao catolicismo se faz no suku de Makili – 81% da população católica. E, na minha experiência de campo, Beloi e Bikeli são dois *sukos* nos quais há predominância protestante.

A geografia local era sempre apresentada como um limitador para uma atividade agrícola comercial e as plantações locais, principalmente de batata, mostarda e milho apareciam como direcionadas para o consumo familiar. Por outro lado, a ilha é conhecida por uma intensa e produtiva produção pesqueira, que, diferente da agricultura, é comercializada e referenciada nacionalmente como de sucesso. Quando viajava para Ataúro, colegas de Díli sempre me pediam para que trouxesse peixe quando voltasse, por serem considerados um dos melhores do país.

Pela impossibilidade de viver continuamente em Ataúro, já que tinha compromissos universitários em Díli, as minhas visitas eram intercaladas – em geral, metade do mês estava na capital e a outra metade em Ataúro – priorizando o acompanhamento da Empresa Di’ak durante as semanas de visita às comunidades. Esses trânsitos foram fundamentais para a minha pesquisa já que acompanhar os movimentos Ataúro-Díli, as diferentes formas de viajar, assim como os diferentes itens que circulavam entre esses dois pontos ampliaram o meu horizonte para entender melhor o que significava o acesso ao *merkado* em Ataúro.

Ademais, ir de Ataúro para Díli também era uma opção que na condição de mulher e *malae* – como os leste-timorenses se referem a alguns estrangeiros – me deixavam mais tranquila. Vivenciava na ilha algumas restrições alimentares e sociais. Apesar das diferenças de acesso a mercadorias para cada comunidade, a ilha como um todo possui um acesso

⁵⁶ Para maiores informações, acessar o Programa de Governo ou o Plano Estratégico de Desenvolvimento (TIMOR-LESTE, 2011). Disponíveis em: <http://timor-leste.gov.tl/?cat=32> Acesso em 15 de jul. de 2018.

⁵⁷ Segundo o governo, a ZEEMS tem como visão o “estabelecimento de zonas especiais de comércio de cariz social que permitirão o crescimento duma economia social de mercado, as quais podem servir de modelo em Timor-Leste”. Disponível em: <https://www.zeesm.tl/pt/visao-e-missao/> Acesso em 15 de jul. de 2018.

alimentício restrito, já que praticamente todos os produtos são adquiridos na capital. Uma maior oferta de frutas, verduras e legumes como banana, mamão, maçã, tomate, batata, cenoura, ocorre no sábado, dia do mercado de Beloi, no qual diversos comerciantes de Díli transportam esses produtos para a ilha e vendem.

As formas de trânsito para Ataúro são, ao mesmo tempo, limitadas e diversas, a depender da sua disponibilidade e condição financeira. O principal meio de viagem é através dos *ferrys* Nakroma (público) e Laju-laju (privado), dividindo espaço com diversos caminhões de carga, que abastecem os mercados locais de Ataúro, caixas, sacolas, materiais para construção, galinhas, cabritos, peixes, estrangeiros e leste-timorenses. Eu sempre buscava descobrir o que havia dentro daqueles compartimentos. No trânsito Ataúro-Díli, a maioria contém peixes que serão vendidos na capital. Já no caminho de volta, esses espaços estavam preenchidos com mantimentos, compras de supermercados, produtos que na ilha costumam ser mais escassos.

Em geral, toda quinta e sábado, no período em que os *ferrys* estavam estacionados no porto de Beloi, o movimento de caminhões de carga era grande. Uma grande quantidade de caixas chegava em direção ao mercado de Beloi, com produtos importados – bolachas, doces, refrigerantes, cigarros, etc – e ao *kiosque*, próximo ao porto, que funciona como um mini supermercado composto por itens de higiene, limpeza doméstica, chinelo, dentre outros, também, em sua maioria, importados. Este eu visitei apenas uma vez, quando precisei de uma presilha para o cabelo. Em geral, trazia tudo de Díli, assim como vários leste-timorenses que tinham acesso mais facilitado a capital. Em diversas ocasiões, relatavam-me como os itens na capital tinham um valor mais baixo e por isso preferiam comprar por lá.

O *ferry* Nakroma, no valor de 4 dólares⁵⁸, realiza a viagem todo sábado às 08hr da manhã, desembarcando em Ataúro por volta das 11hrs, e retornando a Díli por volta das 16hr. O Laju-laju, que oferece o serviço na quinta-feira, segue o mesmo princípio de horário, custando 6 dólares. Da mesma companhia que opera o Laju-Laju, o barco *Dragon Boat*, de menor dimensão e mais rápido, também era uma opção de quinta a segunda-feira, no valor de 10 dólares. Apesar de ser considerado como uma possibilidade de viagem para leste-timorenses assalariados e estrangeiros, ouvia várias histórias, durante o campo, de como este é o meio de

⁵⁸ Todos os transportes operados por empresas ou pelo Estado, exceto o *Compass*, tinham valores diferentes a depender da classe que se optava. Como estudante, escolhia sempre a opção mais barata, não possuindo, aqui, os dados financeiros das outras categorias.

transporte menos seguro, já que o barco tinha diversas restrições por ser direcionado para trânsitos em rios e não no mar⁵⁹.



Figura 6 - Ferry Laju-laju no porto de Díli

Fonte: Arquivo Pessoal

Questionava-me: como os leste-timorenses realizam o trânsito nos outros dias? Fiquei inicialmente bastante intrigada com a aparente limitação, já que o outro meio de transporte, o barco da companhia *Compass Diving*, uma espécie de taxi marítimo privado, custava 45 dólares por trecho. Este era utilizado principalmente por estrangeiros e pessoas ligadas a instituições internacionais por ser considerado o meio de transporte mais rápido.

Na convivência cada vez mais intensa tanto com os membros da ED, como com a ilha, fui descobrindo uma forma considerada mais local de realizar esse trânsito a qual adotei como prioritária. O *ro ki'ik*, como é chamado localmente, são os barcos de pescadores residentes

⁵⁹ Apenas o utilizei duas vezes. Logo no meio de setembro, o barco parou de operar devido a falhas técnicas, retornando a atividades regulares apenas em novembro.

principalmente em Villa e Makili, que realizam a travessia todos os dias, exceto domingo⁶⁰. Pelo valor de 5 dólares para locais e 10 para *malaes*, o barco, com potência de 15 ou 20 Hp⁶¹, parte de Ataúro – Villa ou Makili – por volta das 03hr da manhã, e chega em Díli entre 05h30 e 06hr. O retorno costuma ser às 09hrs. É importante evidenciar que a possibilidade de trânsito diário de Makili e Villa para a capital proporcionam a estas comunidades maiores possibilidades de estar em contato com as expectativas de potenciais consumidores dos artesanatos produzidos localmente, além do acesso aos itens.



Figura 7 - Crianças brincando no *ro ki'ik* estacionado em Makili

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na minha primeira viagem de madrugada, o medo era mesclado com a confiança. Eu ouvia, de diversas pessoas locais, que este era um transporte bem seguro, já que os navegadores eram os próprios pescadores, que conheciam os mares de Ataúro como ninguém. No entanto, pelo desconhecimento, ainda estava receosa. Fui agraciada por uma noite de lua cheia com um céu estrelado. O barco não tinha nenhuma cobertura me possibilitando acompanhar e

⁶⁰ Inicialmente, acreditava ser esta uma das opções menos viáveis, pela aparente insegurança que a estrutura do barco trazia – pequeno, de madeira e sem nenhuma cobertura. O espaço era dividido da seguinte forma: na parte de baixo ficavam os produtos, mochilas e outras bagagens de viagem, protegidos com uma lona de plástico e colocava-se uma espécie de esteira de madeira acima, onde ficavam os passageiros, sentados ou deitados – assim como os animais. Depois de perder o medo, este foi o meio de locomoção mais utilizado.

⁶¹ Sigla para o parâmetro de medida denominado *horse power* (*hp*).

vislumbrar, durante o trajeto, a luz da lua iluminando a água de um lado, e a luz da cidade de Díli iluminando as montanhas do outro. Foi o encontro de duas formas de iluminação – natural e artificial – que em conjunto proporcionaram uma memória de campo que guardo com muito carinho.

Neste *ro ki'ik*, percebia a mesma diversidade de itens encontrada nos *ferrys*, com exceção dos caminhões de carga e a presença estrangeira. Como quase todos os itens viajavam embalados, era necessária uma aproximação com as pessoas para descobrir o que estavam levando. Durante todas as viagens realizadas, eu era a única *malae* presente. Isso gerava uma sensação *a priori* de incômodo e incompreensão por parte dos outros viajantes, que me viam, de certa forma, inadequada àquele tipo de transporte pela minha condição *malae* e de corpo. Estruturalmente, meu corpo, em diversas localidades em Timor-Leste, era destoante do padrão local, de mulheres geralmente magras e de estatura mediana. Sentia-me como se o espaço ocupado fosse duas vezes maior que aquele dos leste-timorenses. Buscava sempre ultrapassar essa barreira, estabelecendo um diálogo em tétum sobre as motivações para essa viagem, estratégia de inserção de campo utilizada em diversos contextos⁶². Das diversas motivações para os trânsitos entre Ataúro e Díli, a aquisição de mercadorias por um preço mais acessível mostrava-se como adjacente ao objetivo principal – visita familiar, participação em algum ritual, dentre outros.

Principalmente nos sábados, a mudança do cotidiano tranquilo e silencioso da ilha era fortemente perceptível. Com os *ferrys*, mercadorias e visitantes (estrangeiros ou nacionais) chegavam em maior quantidade, transformando a parte do mercado em Beloi, paralelo ao porto, cotidianamente vazia, em um espaço de intensa circulação. Além do mercado, muitos visitantes também costumam fazer o percurso de conhecer o *ecoresort* Barry's Place, com oportunidade de realizar um mergulho; a Empresa Di'ak; o projeto Boneca de Ataúro; e o Restaurante *Manu Kokorek*. Esses costumam ser um dos principais lugares visitados por aqueles que passeiam aos sábados.

⁶² Em visitas posteriores, descobri que ainda é possível fazer o trânsito de Ataúro para outros lugares de avião através da *Mission Aviation Fellowship*, organização religiosa cristã que cobra um valor de 245 dólares entre Ataúro e Díli para organizações sem fins lucrativos. Para outras informações, acessar: <https://www.maf.org/>.



Figura 8 - *Ecoresort Barry's Place*

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O mercado é dividido em: 1. barracas na entrada, que ficam na areia, na beira da praia, feitas de madeira e cobertas com palha; 2. galpões de cimento depois da praia; e 3. barracas improvisadas com lona na parte de trás dos galpões. Como será exposto abaixo, a maioria dos *sukus* possuem seu dia de mercado, no entanto, o mercado de sábado, em Beloi, movimentava todas as comunidades, seja para vender ou para comprar, por ser um espaço com maior oferta e diversidade de mercadorias.



Figura 9 - Entrada do mercado de Beloi, Ataúro

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Coordenado pela administração pública de Beloi, o mercado apresenta uma divisão espacial que também está relacionada com o tipo de mercadorias vendida. Na parte inicial, ainda na areia, encontram-se principalmente as famílias do *suku* de Beloi e Villa, vendendo peixe fresco e assado, *katupas*⁶³ e água de coco, considerados como produtos típicos de Ataúro. Ao continuar a caminhada, inicia-se presença de bijouterias, principalmente colares e pulseiras, que ficam penduradas em hastes de madeira, confeccionadas e vendidas principalmente por pessoas do *suku* de Bikeli. Ainda nessa seção à beira mar, na parte mais afastadas da entrada, algumas mulheres de Makili e Makadade vendem seus produtos tradicionais trançados, os *homan*.

⁶³ Alimento típico de Timor-Leste feito de arroz temperado com coco, enrolado em palha de coco e cozido. É um dos sucessos turísticos.



Figura 10 - Preparação do peixe previamente à chegada do *ferry*

Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 11 - *Katupa* pronta antes da chegada dos turistas

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nos galpões, feijão, café, cenoura, batata, repolho, frutas da estação, batata doce, tomate, alho, folhas, como mostarda e alface, são alguns dos produtos agrícolas vendidos, junto com outras mercadorias industrializadas – cigarro, leite, refrigerante, bolos, doces, brinquedos,

roupas, itens eletrônicos, dentre outros. Na maioria das vezes, estava acompanhada por alguma pessoa local que me relatava que praticamente tudo que estava nesses galpões era adquirido em Díli, por famílias de comerciantes que tinham acesso facilitado. Durante os outros dias, uma média de apenas quatro bancas, na terceira parte do mercado, ficavam constantemente abertas vendendo os produtos não perecíveis e alguns itens agrícolas como tomate, alho, cenoura e folhas. A disponibilidade destes produtos dependia diretamente das viagens para Díli.



Figura 12 - Parte coberta do mercado de Beloi

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Como exposto no capítulo anterior, o mercado e o tipo de regime característico dele é anterior à independência de Timor-Leste. Mesmo transacionando bens, pessoas e valores como dádivas, em uma situação de dependência assimétrica e na qual os objetos servem para representar a continuação da relação entre os envolvidos, o regime de mercado também era acionado como uma forma de reprodução, apesar de não ter a centralidade proposta nos discursos (SILVA, 2016). Diferentes interlocutores me relatavam que alguns objetos presentes nas cerimônias foram adquiridos no mercado e não produzidos pela própria comunidade. Em muitos casos, então, no desejo de adquirir mercadorias estava uma intenção maior, a saber, a de responder às obrigações das cerimônias de troca ritual da *kultura* (TRAUBE, 1986).

A não centralidade do mercado como o objetivo fim de algumas operações de troca no cotidiano dos leste-timorenses torna as manipulações em torno do *merkado turístiku* uma das principais forças para o projeto de fortalecimento econômico nacional. Dessa forma, me

questionei, por que é preciso uma loja da Empresa Di'ak? Qual é o seu diferencial frente ao mercado de sábado? Argumento que esse novo espaço, com uma dinâmica e estrutura diferenciada, é um dos meios pelo qual o regime de troca de mercado tem sido impulsionado, e a identidade mercadoria dos objetos, purificada, estabilizada, diante de outras possíveis significações. Em certo sentido, a loja da Empresa Di'ak dá objetificação, dá concretude, ao que tem se denominado *merkado turistiku*.

Ataúro é encarada como um destino turístico não só por viajantes de passagem por Timor-Leste, como também por parte da elite leste-timorense e dos residentes estrangeiros. O turismo, como exposto no primeiro capítulo, tem sido uma das bases para a diversificação econômica do país. No *website* turístico oficial do Ministério de Turismo, Arte e Cultura, a ilha é apresentada da seguinte forma:

Ataúro tem a maior diversidade de peixes de recife e espécies de corais do que qualquer lugar do mundo e o mergulho [...] é excelente. [...] As colinas e o litoral oferecem ótimas caminhadas, desde uma escalada guiada ao Monte *Manukoko*, até caminhadas costeiras. Em Ataúro, há uma bela acomodação ecológica e uma boa variedade de artesanatos produzidos localmente. Estes incluem estátuas de madeira entalhada, bonecas, bolsas e esteiras e cestas de palha intrincadamente tecidas.⁶⁴

Além da geografia como argumento âncora, a produção de artesanato local também é apresentada como atrativo. No Plano de Ordenamento do Território de Ataúro (2015), uma das principais atividades de interesse turístico a serem desenvolvidos é a dos produtos locais, expostos com imagens da Empresa Di'ak, dentre outras. Isso nos demonstra como o *merkado turistiku* vem se afirmando como um espaço de troca diferenciado e que precisa de práticas de governo para a implementação. É nesse âmbito que a Empresa Di'ak vem atuando.

⁶⁴ Para outras informações, acessar: <<http://www.timorleste.tl/destinations/municipalities/atauro-Dili/>> Acesso em 20 de novembro de 2018.



Figura 13 - Vista de Ataúro

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em um dos momentos com a equipe da Empresa Di'ak em Díli, as dificuldades de venda das mercadorias, principalmente o *sanan rai*, para os próprios timorenses eram relatadas. Os turistas e estrangeiros residentes no país são os principais consumidores. Isso também foi confirmado na minha observação contínua, durante o campo, do livro de presença assinado por aqueles que visitaram a loja. Em geral, as origens dos visitantes eram na maioria das vezes internacionais: Canadá, Austrália, Estados Unidos, Japão e Holanda.

Silva e Sousa (2015) expõem como a apreciação por parte dos turistas das manifestações artísticas – artefatos, pinturas, danças, dentre outras – passou a condicionar a própria definição de arte leste-timorense e a acoplar, na narrativa nacional, esses itens como tradição ou *kultura*. Esse movimento tem sido fulcral no processo contemporâneo de fortalecimento e modernização da economia nacional e argumento que além da definição de arte, analisada pelos autores, a fixação do que são *merkadorias* e de como e onde elas devem ser vendidas também tem sido alvo de intervenção externa.

A Empresa Di'ak, dessa forma, ao se articular com as expectativas estrangeiras acerca do *mercado turístiku*, estabelece um modelo diferenciado de mercado em Ataúro. A loja possui uma infraestrutura a base de madeira, pintada nos tons de verde e branco e os produtos ficam expostos em móveis, também de madeira, divididos por comunidade, ou seja, cada comunidade possui um móvel com seus artefatos. O cuidado de limpeza com o espaço também é um

diferencial. A estrutura física e a organização diferenciada, frente ao mercado local, sugerem que a inserção das *merkadorias* em um contexto de modernização e impulsionamento turístico requerem também novas tecnologias de organização, disposição e higiene. Manejar as *merkadorias* é também transformar o espaço onde elas ficarão expostas, que impacta na expectativa de consumo dos visitantes.



Figura 14 - Entrada da loja da Empresa Di'ak em Beloi

Fonte: Arquivo pessoal da autora

2.2 Empresa Di'ak: um negócio social

Uma das principais pautas da Empresa Di'ak é a transformação do que é considerado tradicional – identificado em objetos e artefatos da *kultura* – em meios de subsistência⁶⁵, através da potencialização do acesso ao *merkado* desses itens. O *merkado* ao qual os objetos são direcionados é, prioritariamente, a loja da ONG presente em Ataúro e Díli, que tem como um dos principais públicos alvo turistas. Na fala da atual coordenadora do projeto, ela justifica a existência da loja pela seguinte referência: “nós não compramos da comunidade porque temos a loja. Nós temos a loja porque compramos da comunidade”⁶⁶.

⁶⁵ No caso desta ONG, meio de subsistência estava diretamente relacionado com dinheiro.

⁶⁶ Registro do diário de campo em entrevista realizada em novembro de 2017.



Figura 15 - Painel com expressões sobre as atividades da ONG

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O incentivo à circulação desses artefatos no *merkado* está correlacionado, nas ações da ONG, a outras práticas e pedagogias para com a organização produtiva das comunidades, como o incentivo à criação de grupos para a produção; busca por melhora da qualidade do produto, agregando maior valor de troca, com formação e mentoria⁶⁷; treinamentos sobre negócios e gestão econômica, incluindo formulário e dispositivos como lista de presença para acompanhar a produção; cursos de alfabetização; dentre outros. “Essa foi a primeira ONG timorense a falar sobre empoderamento econômico, negócio social e mercado inclusivo”⁶⁸. Todas essas práticas procuram alcançar um objetivo maior, a saber, o denominado empoderamento econômico das comunidades e principalmente das mulheres.

Essa forma de atuação não é singular da Empresa Di’ak, tendo percebido esse formato com outros atores locais de governança, como a própria Secretaria de Estado para a Igualdade e Inclusão (SEII). O manejo dos artefatos em direção ao *merkado* – ou seja, a transformação destes em *merkadorias*, agregando ao seu valor de uso local, um outro valor, o de troca, mediada por preço – como uma forma de empoderar e proporcionar melhora de vida às mulheres e,

⁶⁷ Muitas dessas práticas estão relacionadas com a estética de apresentação do produto, adicionando-se etiquetas e embalagens.

⁶⁸ “This was the first timorese NGO talking about economic empowerment, social business and inclusive markets”. Disponível em: <http://empresa-diak.com/our-founders/>. Acesso em 28 de março de 2018.

consequentemente, às comunidades é apresentada, por esses atores, como um dos exercícios necessários para o desenvolvimento e modernização da nação.

Fundada em 2010 por um casal português, Ariana e Filipe, a ONG tem uma ampla atuação em todas as regiões de Timor-Leste. No entanto, a presença da organização em Ataúro é singular. Nesta ilha, a ONG tem um escritório específico, denominado *Sentru Ataúro Di'ak* coordenado pelo Sr. José Marques, que gerencia as atividades da ONG na ilha com certa autonomia para a tomada de decisões. Também são promovidas aulas gratuitas de inglês, computação, dentre outros; cultivada uma horta comunitária de vegetais; criados patos no modelo incubadora; e há um alojamento para membros e voluntários se hospedarem quando se deslocam para a ilha.



Figura 16 - Entrada do *Sentru Ataúro Di'ak*

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Além de não ter acompanhado as ações do escritório da ONG em Díli a fundo, o modo de gestão e o fluxo das atividades em Ataúro eram diferentes. Muitas das dificuldades em termos de infraestrutura, já que a ilha não dispõe de um sistema de energia elétrica, saneamento básico e água potável contínuo interferiam nas ações da ONG. Essas questões não são singulares de Ataúro, sendo enfrentadas em outras regiões de Timor-Leste. Além dessas limitações, a diferença na dinâmica da capital, Díli, frente ao cotidiano e às atividades nas áreas

rurais se ancora na distinção dos tempos e dos modos dos processos⁶⁹. A administração local em Ataúro está ligada diretamente às expectativas e dinâmicas de cada comunidade, o que impôs a delimitação da análise desta monografia apenas ao *Sentru Ataúro Di'ak*.

Na primeira viagem fui recebida por Maria Fróes, jovem portuguesa que estava realizando um trabalho voluntário na ONG há quase quatro meses e que logo voltaria para Portugal. Sr. José Marques, nascido em Ataúro e coordenador do *Sentru*, estava na Igreja, como fazia todos os domingos, e apenas o conheci no final do dia, junto com o Ed, guarda noturno. Eduarda e Martiniana, funcionárias da Empresa Di'ak, Sherry e Matthew, voluntários do Corpo da Paz⁷⁰ que estavam na Empresa Di'ak há dois anos, apenas conheci no dia seguinte. Com todos, exceto Sherry e Matthew, eu poderia tentar falar em português, mas pelo grande desconforto que isso gerava, o inglês e o tétum foram as línguas que mais acionei. Estes são os principais agentes que, na época, faziam o *Sentru Atauro Di'ak* funcionar⁷¹.

Um dos alicerces das práticas da ONG é a tática de trabalho com grupos de produção. Este formato não é exclusivo à Empresa Di'ak, sendo uma tática de governo utilizada por muitos atores. Justifica-se sua utilização pelas seguintes razões: (i) para que os recursos sejam melhor distribuídos; e (ii) para que as comunidades aprendam a trabalhar em conjunto, sabendo lidar com as diferenças. Apesar da ONG ter liberdade para desenhar o projeto a ser financiado, percebe-se nessa tática a influência das agências de cooperação internacionais que financiam as ações de diferentes ONGs e coletivos em Timor-Leste e alhures⁷².

Neste formato, além dos grupos de produção, cada comunidade possui uma pessoa responsável por manter a conexão entre a ONG e os coletivos chamada Ponto Focal. Todo sábado estas pessoas se deslocam para Beloi e se encontram com a Empresa Di'ak para relatar como tem ocorrido o trabalho e possíveis necessidades e/ou dificuldades. Esta é uma tática para manter a conexão e garantir que as informações cheguem para todos os grupos sem que a ONG precise se deslocar mais vezes. Como forma de retribuição, mensalmente são levados um saco

⁶⁹ Ao acompanharmos alguns dias de trabalho no escritório em Díli, as principais atividades são a produção dos relatórios para as agências de financiamento e a gestão financeira e contábil das compras e vendas em cada comunidade com as quais a ONG trabalha.

⁷⁰ Agência federal independente dos Estados Unidos que tem como objetivo levar voluntários estadunidenses para comunidades e regiões carentes do mundo para ajudarem atuando em alguma dimensão social necessária. No caso da Sherry e do Matthew, eles ajudavam tanto na organização administrativa do escritório e dos processos que o *Sentru* possui, como também ofertavam aula de inglês para as crianças da comunidade.

⁷¹ Agradeço a toda a equipe pelo acompanhamento e acolhimento durante o campo. Sem o apoio da Empresa Di'ak esta pesquisa não seria possível.

⁷² TOMAK, da Australian Aid Agency, U.S. Agency for International Development (USAID), The Asia Foundation, Misereor são algumas organizações que financiam projetos e programas com as comunidades em Timor-Leste, sendo a Empresa Di'ak uma das ONGs com maior número de financiadores internacionais.

de arroz, café e açúcar, valor para os créditos do celular e uma ajuda de custo, totalizando em média 48 dólares por comunidade.

A compra dos objetos das comunidades é uma das principais práticas do *Sentru*. A equipe visita as comunidades produtoras uma vez por mês, em dias semanais fixos, à pé, de barco, tuk-tuk⁷³ ou do que é chamado localmente como *truck*. O acesso às comunidades é fortemente impactado pela ausência, em alguns casos, de estradas com condições para meios de transportes motorizados, restando apenas a opção de chegada através da caminhada ou, como no caso de Makili, por barcos locais, geralmente alugados dos próprios pescadores da região. Estátuas, cerâmicas, cestarias e diversos produtos trançados de palha de *akadiro*, artesanatos de madeiras e bambu, sabonetes, bijuterias, café, livros, dentre outros, são alguns dos itens comprados pela ONG.



Figura 17 - *Merkadorias* expostas na loja da Empresa Di'ak

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outra prática que, apesar de não ter sido acompanhada durante o campo, faz parte do conjunto de ações da ONG é a questão de mentoria aos produtos apresentados pelas comunidades. Certa vez, no escritório em Díli, encontrei-me com a diretora geral, Maria Amado, que estava com alguns artefatos de diferentes comunidades expostos. Ela me relatou que os artefatos em questão tinham sido apresentados à Empresa Di'ak recentemente e que ela

⁷³ Meio de transporte presente em Ataúro o qual é composto por uma motocicleta acoplada com uma espécie de carroça ajustada para levar passageiros. O valor do transporte para timorenses e turistas é diferente.

estava trabalhando no aprimoramento para que o produto tivesse uma melhor saída no *merkado*. A ONG argumenta que uma das suas principais preocupações em relação aos artefatos é a qualidade.

A escolha do dia da semana para a visita de cada comunidade depende do contexto local. Em Makili, a população se organiza para o dia do mercado toda quinta-feira, quando famílias de diferentes *sukus* de Ataúro se deslocam para a aldeia Fatulela logo pela manhã e se organizam no espaço público destinado para o mercado. Apenas mantimentos agrícolas são vendidos, como batata, cenoura, feijão, peixe seco, *bua*, *malus*, dentre outros. A ONG se encontra com o grupo no espaço de venda e produção específico dele.

O dia da visita na aldeia Arlo é terça-feira, que diferente de Makili, não condiz com o dia do mercado. Por fazer parte do *suku* Beloi, o mercado da aldeia de Arlo ocorre aos sábados, próximo ao porto. A inviabilidade do encontro ocorrer no sábado tem como principal prerrogativa o fato de que praticamente toda a comunidade se desloca, por uma estrada pedregosa, por uma hora, em direção ao mercado de Beloi para comprar e/ou vender, assim como a ONG está envolvida no encontro com os Pontos Focais de cada comunidade. Dessa forma, escolheu-se terça-feira como o dia para a compra dos produtos de Arlo pela ONG, e para que as mulheres do grupo se organizassem e fixassem este como um dia oficial de produção. O grupo costuma vender apenas para a Empreza Di'ak⁷⁴.

A ONG dispende em torno de 500 dólares mensais para comprar os produtos locais de todas as comunidades em Ataúro, sem incluir os preços referentes ao transporte que se aluga, dentre outras despesas. Considerando o fato de que segundo o Relatório sobre Pobreza em Timor-Leste, do Ministério das Finanças, de 2014, 30.3% da população em Timor-Leste vive abaixo da linha internacional da pobreza, ou seja, menos de \$1.90 dólares por pessoa⁷⁵, e de que a circulação monetária em Ataúro se apresentou limitada durante a minha estadia, encaro esse impulso financeiro gerado pela Empreza Di'ak de grande impacto dentro das comunidades e além delas⁷⁶.

⁷⁴ No final da minha estadia, o grupo relatou ter feito a primeira venda do *sanan rai* diretamente para um turista que fazia uma trilha pela região, percebendo assim uma mudança na relação com a venda.

⁷⁵ Este é um medidor internacional proposto pelo Banco Mundial. Outras informações a esse respeito estão no relatório Pobreza em Timor-Leste (2014) do Ministério das Finanças, disponível no link: https://www.mof.gov.tl/wp-content/uploads/2016/09/012_TL_REPORT_R01.pdf. Acesso em 15 de novembro e 2018.

⁷⁶ Em contraposição à Dili, em Ataúro, quase não se precisava de dinheiro e os dispêndios diários oscilavam entre 10 e 20 dólares, direcionados principalmente para aquisição de algum item a ser levado para as comunidades no mercado local de Beloi, como uma forma de retribuição. Os preços em Beloi eram baixos e poucos alimentos passavam de 1 dólar. Também percebia a limitação quando tentávamos trocar notas grandes (10 e 20 dólares), que eram mais fáceis de serem trocadas nos estabelecimentos privados ou na Empreza Di'ak do que com vendedores locais.

A tentativa de estabilização da identidade de artefatos como mercadoria foi analisada por Tsing (2013) para o caso dos cogumelos matsutake. A autora demonstra como uma das táticas fundamentais nesse processo é o da seleção. A realização destes procedimentos por pessoas que não tem nenhum apeço ou ligação emocional com os cogumelos, bem como a extração dos mesmos de seus contextos de origem são fenômenos que permitem a esses bens circularem, em um momento específico e muito fugaz de suas biografias, exclusivamente como mercadorias. Desta forma, a seleção e classificação são meios de purificar a identidade e a condição de *merkadoria* dos cogumelos (TSING, 2013). Abaixo apresento como ocorre a seleção pedagógica da Empresa Di'ak, concordando com o a ideia de que o capítulo de vida dos artefatos como *merkadoria* precisa ser ativado para se manifestar enquanto tal.



Figura 18 - Mana Ed seleciona os *sanan rai* a serem adquiridos pela ONG

Fonte: Arquivo pessoal da autora

2.2.1 Selecionar para disciplinar

Considero a seleção como a prática pedagógica elementar do processo de transformação dos artefatos em *merkadorias*. Esta seleção é realizada tendo em vista dois objetivos: 1. os padrões estéticos dos artefatos, considerando o quanto eles se aproximam ou não das noções de belo e beleza de seus potenciais consumidores – em geral estrangeiros, turistas ou membros das elites urbanizadas do país; 2. a qualidade do produto final, tendo em conta, também, a

expectativa dos seus potenciais consumidores; 3. o fluxo de saída de cada mercadoria da loja em Beloi; 4. o orçamento disponível em cada visita da Empresa Di'ak aos grupos de produção para compra dos mesmos.

A partir do momento em que os artefatos são selecionados, retirados das aldeias e que, em troca deles, os artesãos ou grupos de produção recebem pagamentos em dinheiro, os produtores perdem direitos de propriedade sobre o que produzem. Seus objetos passam a ser alienáveis. Mesmo que parte da produção, ou quase toda ela, seja produzida como *merkadoria*, essa identidade não está definida *a priori*⁷⁷. Na transição ontológica dos artefatos da *kultura* para *merkadorias kulturais*, é imprescindível o uso da planilha no formato *excel* para manejar a seleção da ONG na hora da visita às comunidades. Como estratégia, estas tecnologias facilitam a contabilidade e orientam tanto o valor a ser pago como o que deve ser adquirido, a fim de evitar que o estoque da loja da ONG se acumule.

Uma das principais mudanças está no modo de nomeação que as *merkadorias* passam a ter ao serem adicionadas na planilha. Estas passam a ser identificadas por códigos que evidenciam a origem, a categoria, o modelo e a medida. Os códigos servem para indicar qual deve ser o valor pago para as comunidades por cada item. Esse procedimento parece ser essencial para a transição como artefatos da *kultura* para *merkadoria* e purificação dessa identidade. As referências passam a ser em relação apenas a estrutura do objeto e ao seu local de produção. Abaixo a explicação dos códigos referentes às estátuas e cerâmicas:

MKL.06.051

MKL: origem de Makili

06: categoria estátuas

05: modelo de estátuas de pares (jacaré, uma imitação do Cristo Rei, um casal, etc)

1: medida (pequeno, media, grande, etc)

ARL.10.010

ARL: origem de Arlo

10: categoria *sanan rai*

01: modelo *sanan rai*

1: medida (pequeno, médio, grande, etc)

A cada código, está definido um preço de compra nas comunidades e de venda na loja, assim como a quantidade presente no estoque da loja em Beloi, mantendo a equipe ciente de quais itens estão em falta quando se deslocam para a comunidade. O acompanhamento da entrada e saída de *merkadorias* gera um balancete anual, utilizado como balizador para as compras realizadas pela ONG. Sobre o processo de precificação, em todas as comunidades o

⁷⁷ Exemplo disso é o fato de que no meu último encontro com o grupo Haburas Homan, ao comprar alguns itens, percebi que em uma das bolsas foi retirado um objeto pessoal de uma das artesãs e me deram de presente um dos *homan* ali expostos.

valor já está pré-definido e foi negociado entre a ONG e a comunidade previamente, no início da relação⁷⁸. Nos casos em que os artefatos produzidos pelas comunidades tenham dimensão diferenciada ou sejam inovações, os preços são negociados no momento da compra. Isso costuma acontecer com os artefatos de madeira e bambu.



Figura 19 - *Merkadoria* codificada na loja da Empreza Di'ak

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os códigos passam a operar em todas as circulações a partir do momento que os artefatos saem das comunidades e são direcionados para a loja. Nos recibos entregues para as comunidades que também são novas táticas de contabilidade, há a comprovação da quantidade do valor pago a cada visita e os códigos são os identificadores utilizados. Nas lojas em Beloi e Díli, são também os códigos que permitem à ONG contabilizar o que entrou e saiu, por meio de uma outra planilha.

Os artefatos *kulturais* têm passado pelo processo de serem alçados à condição de símbolos da identidade nacional (SILVA; SOUSA, 2015) e a roupagem de *merkadorias* para o consumo turístico se apresenta como complementação imprescindível. Em Ataúro e além dela, desde o período colonial, as estátuas de Makili e as cerâmicas de Arlo têm sido manejadas por

⁷⁸ Importante ter em conta que segundo a diretora da ONG, Maria Amado, esses valores sofrem ajustes e podem aumentar a depender das circunstâncias.

meio de vários dispositivos, como o acima descrito, a fim de ganharem duas novas identidades, quais sejam: 1. manifestações artísticas símbolo da identidade coletivas; 2. *merkadorias*.

Tematizo abaixo os dispositivos e tecnologias de governança pelas quais essas novas identidades dos artefatos são negociadas e construídas. Procurarei extrair implicações analíticas de três fatos em particular: 1. as visitas realizadas pela ONGs junto a coletivos de artesãos/produtores; 2. a seleção e compra dos artefatos; 3. o trabalho da ONG junto a grupos – e não individualmente – em cada comunidade. Em todas as visitas oficiais da ONG, fui acompanhada por Eduarda, Martiniana e Sherry.

Em Makili, o grupo vendedor de estátuas de madeira para a Empresa Di'ak é o *Estatua Manukokorek*, composto apenas por homens, que produzem seus artefatos em casa, individualmente, e direcionam-se para a loja nos dias do encontro. O grupo foi formado pela própria ONG, que proveu treinamento sobre formação de grupo e gestão de negócios. A loja onde vendem para a Empresa Di'ak é compartilhada com o grupo *Haburas Homan*, composto majoritariamente por mulheres e que produz os artefatos trançados de folha de *akadiro*⁷⁹. Este último grupo já existia antes da chegada da ONG em Makili e foi incentivado por agentes do governo em 2014, como explicitado em entrevista, e pela ação de dois padres italianos que têm trabalhado em Ataúro há mais de 10 anos, Francesco Moser, conhecido como Chico⁸⁰, e Pierlugi Fornasier, conhecido como Luis⁸¹.

O Grupo *Hakusara*, de Arlo, é o único na aldeia e foi incentivado pela Empresa Di'ak. Este é composto apenas por mulheres, em geral casadas e com filhos. A produção dos *sanan rai* ocorre em conjunto, todas as terças-feiras no terreno da líder do grupo, Sra. Lita. No período da chuva, a produção das cerâmicas cai, já que no processo de produção é preciso tanto do sol, como das folhas e da madeira seca para a queima final. Além dos *sanan rai*, as mulheres também vendem alguns artefatos da folha de *akadiro* e outros a base de bambu, mas estes são confeccionados individualmente nas suas casas.

Em entrevista com o coordenador do *Sentru*, ele contou que antes de começarem a atuar em Ataúro, a Empresa Di'ak buscou, nas diversas comunidades da ilha, grupos que já produzissem algo que a ONG pudesse comprar e aprimorar para o *mercado* - “[estávamos] a

⁷⁹ Este grupo, atualmente, é composto por quatro mulheres e dois homens – maridos de duas das integrantes. A presença masculina é justificada como de extrema importância para o bom funcionamento. Sr. Mário, esposo da líder do grupo e ponto focal de Makili, comentou que o grupo consegue se manter porque as mulheres não precisam pagar pelas folhas de *akadiro*, já que ele e o Sr. Manoel, como membros, colhem as folhas, subindo nas árvores, que em geral são altas. Pelo o que foi observado durante a nossa estadia, essa atividade é, de fato, majoritariamente masculina.

⁸⁰ No momento em que realizei a pesquisa de campo, o padre Chico já não se encontrava mais em Ataúro.

⁸¹ Durante a minha estadia, identifiquei outros grupos que vendem estátuas de Makili para diferentes coletivos e em outros espaços para além do proposto pela Empresa Di'ak.

procura de objetos que poderiam gerar renda para a comunidade”. Em Makili, os grupos já produziam artefatos, tinham relação com a dinâmica de venda e mantinham contatos com outros compradores, o que possibilitou à Empresa Di’ak uma inserção e atuação diferenciada da realizada em Arlo, onde os *sanan rai* e os outros artefatos começaram a ser vendidos a partir da presença da ONG. Há, assim, que se considerar que é possível que a relação com Makili, de manejo da forma de produção dos artefatos, tenha acontecido de forma mais intensa no começo da relação.

2.2.2 A transformação de *merkadorias* em Makili

Makili, comunidade majoritariamente católica, é identificada localmente como habitada principalmente por pescadores e escultores. Pelos deslocamentos impostos durante o período da invasão indonésia, a população hoje vive em uma região mais litorânea, que não possui um solo propício para a agricultura (BICCA, 2011). A horta ainda se mantém nas montanhas e a produção agrícola é praticamente toda para o consumo familiar. O rendimento monetário das famílias, então, é oriundo principalmente da pesca local, da produção dos artefatos como as estátuas, do serviço público e também dos rituais de troca e circulação para reprodução dos vínculos sociais.

A organização da comunidade em torno da produção de algo – seja a pesca, artefato ou outros – para o *mercado* tem na presença dos Pe. Luis e Chico um importante reflexo. Além da prática religiosa, os padres são responsáveis por impulsionarem a formação de coletivos de produção, principalmente femininos, com o intuito de angariarem recursos monetários em troca. Há um grande respeito para com os padres, apesar de estes encontrarem certas dificuldades para implementarem uma adesão geral aos seus projetos.

Bonecas de Ataúro é um dos projetos mais significativos e com expressão no comércio internacional. Reúnem-se hoje cerca de 60 mulheres (em sua maioria de Makili) que produzem bonecas, bolsas e outros acessórios com formatos e expressão estética simbolizadas como identidade timorense. Durante alguns momentos do campo, o sucesso desse projeto era apresentado pela população de Makili como um ponto de referência para a produção de *merkadorias*⁸². Como atores de governança, os padres, Luis e Chico, assim como a Empresa Di’ak, apresentam importante impacto na dinâmica de relação da comunidade com o *mercado*,

⁸² Apesar disso, a taxa de rotatividade é alta. Em conversa com as coordenadoras do projeto, elas informaram que em diversos momentos algumas mulheres deixam de comparecer ao trabalho. Não se sabe ao certo os motivos, mas se estima que tem relação com a sobrecarga de trabalhos em casa e, em alguns casos, com situações de violência de gênero.

incentivando a transformação daquilo que já possui um valor de uso em valor de troca para o *merkado*.

O transporte aquático é o mais usado pela Empresa Di'ak em suas visitas a Makili. Para tanto, contratam-se barcos de pescadores locais, cujos serviços são remunerados com pagamento em dinheiro. Trata-se de uma tática de colocar mais dinheiro em circulação na comunidade. Na visita em que fizemos, o pescador era da família do coordenador da Empresa Di'ak. É comum que optem por pessoas próximas e com relações de parentesco para realizar esses trabalhos pontuais. Frequentemente, as reuniões e diálogos com os grupos se dá no espaço chamado loja, que fica nas adjacências da casa da líder do grupo *Haburas Homan*, Sra. Virginia Soares. Enquanto as mulheres produzem seus artefatos em conjunto naquele local, as estátuas são produzidas em casa e, no dia de venda, os homens se dirigem até lá para vendê-las.

O período entre a chegada e o início do encontro, que culmina na compra dos artefatos, costuma ser rápido. A língua que vigora na relação da ONG com os grupos é o tétum, enquanto entre os membros se prioriza o uso da língua local, *Hresuk*. Em geral, os membros da ONG iniciam questionando sobre como tem se dado o trabalho, dificuldades e possíveis questões que o grupo tenha para relatar.

Na primeira visita, um dos artesãos, que por acaso é aquele que, segundo a ONG, produz uma das melhores estátuas, aproveitou para reivindicar a ajuda para aquisição de um gerador de energia elétrica e de óculos de grau. Os dois itens potencializariam a produção em termos de quantidade e qualidade, já que com a energia poderiam trabalhar durante a noite, e com os óculos, conseguiriam ter um trabalho mais minucioso e melhorar os detalhes. A interação com os membros dos dois grupos é baixa e enquanto as mulheres continuam, em sua maioria, produzindo os artefatos e cuidando das crianças, os homens fumam seus cigarros e conversam entre si, na língua local.

Logo vem o momento de seleção pedagógica do que se levará naquele dia. Esse processo é moroso haja vista a grande quantidade de produtos expostos e o fato da compra dos artefatos do grupo *Estatua Manukokorek* se dar individualmente, com cada artesão, gerando recibos individuais e nominais. Para o grupo *Haburas Homan*, independente de quem produziu, o pagamento é feito mediante apenas um recibo e a líder do grupo é responsável por gerenciar a divisão do pagamento a posteriori⁸³. Isso implica que para o grupo *Estatua Manukokorek*, o dinheiro vai direto para cada artesão, sem passar por um gerenciamento coletivo.

⁸³ Ao identificar essa dinâmica de pagamentos individuais, questionei sobre o argumento da ONG de apenas trabalhar com grupos. Informaram que apesar de pagarem individualmente para os homens artesãos, eles fazem parte do grupo, não sendo, assim, encarado como um problema.

Os preços, previamente negociados entre a ONG e os grupos, já estão definidos na planilha do *excel*. No entanto, no caso de artefatos inéditos, para chegar ao preço final a ser pago aos artesãos, os objetos são observados detalhadamente e os membros da ONG procuram construir entre si um consenso a respeito do valor potencial de cada um deles, tendo em conta os gostos dos turistas e o orçamento da ONG. Como a apresentação de inovações por parte dos artesãos deste grupo costuma ocorrer constantemente, o processo de seleção acaba se tornando ainda mais longo.

Um fato importante marca a relação da Empresa Di'ak com o grupo de produção *Estatua Manukokorek*: para os artefatos inéditos não é a Empresa Di'ak quem estabelece os preços. Eles são apresentados já precificados por seus produtores. O que a ONG faz é averiguar se os valores requisitados pelos produtos respondem ao preço passível de ser pago pelos mesmos tais como classificados em sua planilha para artefatos similares e se há recursos suficientes para comprar todos os artefatos necessários para reposição do estoque. Quando há importantes *gaps* entre o preço atribuído a um objeto pelo artesão e o preço que a ONG pode pagar, negocia-se. Em outros casos, evita-se questionar o preço dos artefatos, por se reconhecer que aquele produto de fato vale aquele preço, mas sua aquisição está além da capacidade financeira da ONG naquela visita. A compra é a finalização da visita àqueles grupos.

Identificou-se que em Makili, inovações nos artefatos são apresentadas pelos próprios produtores, não obstante a ONG tenha ações para desenvolver e adaptar os produtos para melhor inserção no *mercado*. Os artesãos parecem já estar acostumados com possíveis inovações pelo histórico de atuação tanto da Empresa Di'ak, como dos padres, limitando, em certo sentido, o manejo da ONG na produção dos artefatos. As táticas pedagógicas, no caso de Makili, se restringem, além da seleção em si, à inserção de planilhas e documentos de gestão, recibos e listas de presença nas reuniões.

Quando retornam para o *Sentru*, as mercadorias são apenas etiquetadas, precificadas e direcionadas para a loja, não ocorrendo nenhuma seleção a posteriori. Acrescenta-se entre 7 e 83% a mais ao valor pago por cada artefato aos artesãos para construir o valor de venda dos mesmos ao consumidor final.

Outro fenômeno importante a atuar na potenciação do valor e significado principalmente das estátuas no *mercado turístico* diz respeito à intervenção de pesquisadores da Charles Darwin University, da Secretaria de Estado da Arte e Cultura de Timor-Leste e da ONG Timor Aid⁸⁴ na divulgação das mesmas. Em 2017, diferentes modelos de estátuas foram

⁸⁴ Disponível em: <<https://cdu.edu.au/artcollection-gallery/sculptures-atauro-island-public-programs>> Acesso em 18 de junho de 2018.

expostos na galeria de arte da Charles Darwin University. Os produtos trançados também já receberam estudos de atores como esses, apesar de não ter coletado informações a respeito durante o campo. Considero a atuação desses atores como de grande impacto para o processo de transformação desses artefatos em *merkadorias* com teor *kultural*, já que as narrativas museológicas se apresentam como impactantes para o caráter de autenticidade dos artefatos locais, fortalecendo a sua aceitação original no *merkado turístiku*. No entanto, não aprofundarei essa reflexão aqui.



Figura 20 - Mulheres produzem enquanto os produtos são analisados pela ONG

Fonte: Arquivo pessoal da autora

2.2.3 A transformação de *merkadorias* em Arlo

Em Arlo, a atuação da ONG com o Grupo *Hakusara* durante o processo de compra se dá de maneira bem distinta daquela retratada para o caso de Makili. Uma das primeiras evidências para isso diz respeito ao fato de que este grupo foi o primeiro grupo da comunidade e foi impulsionado pela própria ONG. Em 2013, ao encontrarem duas senhoras que ainda detinham os saberes de produção dos *sanan rai*, prática até então tida como extinta e sem reprodução na comunidade, começaram a trabalhar intensamente no reavivamento desse conhecimento, incentivando que as mulheres mais novas também aprendessem.

Durante o campo, encontrei relatórios produzidos a partir dos encontros realizados no primeiro e segundo ano com informações sobre como começou o relacionamento com Arlo. Quando começaram a mapear possíveis artefatos nas aldeias de Ataúro, Arlo, por meio do chefe

de *suku*, indicou que teria interesse em vender os *sanan rai*. A Empresa Di'ak encontrou apenas a Avó Joana e Katharina, com mais de 90 anos de idade cada, produzindo os *sanan rai*, ainda em qualidade abaixo do indicado para a venda no *merkado*. A equipe da ONG começou a acompanhar e a conhecer a histórias delas. Em entrevista com a Avó Joana, ela contou que depois que os *sanan rai* passaram a não ser adquiridos no mercado local, o conhecimento foi deixando de ser passado para as gerações mais novas, que entendem esse trabalho um “trabalho sujo”⁸⁵ e que não remunera monetariamente. Segundo a ONG: “Avó Katharina espera que o conhecimento possa ser passado às novas gerações, as quais não estão mais interessadas em aprender ao menos que isso aprimore as suas vidas”⁸⁶.

No início de 2014, o então chefe da aldeia, organizou algumas mulheres que demonstraram interesse em conseguir renda por meio dos *sanan rai* e a ONG começou a se engajar na estruturação do grupo de produção *Hakusara*. Foram realizadas diversas seções de treinamento para que as mulheres aprendessem com a Avó Joana e Katharina a produzirem os potes. Em todos os relatos, a ONG tirava fotografia dos *sanan rai* e da sua respectiva produtora, indicando como estava a qualidade do produto. Neste início, os valores negociados ainda eram abaixo do preço esperado pelas mulheres, mas a ONG mantinha a compra por ser uma forma de continuar incentivando-as a produzirem⁸⁷. Mesmo que o conhecimento estivesse sendo retomado, a Empresa Di'ak enfatizava no relatório como o controle de qualidade dos *sanan rai* produzidos tinha como medidor o fato deles manterem o estilo e *design* tradicional⁸⁸.

Alguns documentos indicavam os esforços da Empresa Di'ak em mapear, contabilizar e melhor compreender como essas senhoras produziam os artefatos. Além dos treinamentos em si para produzir os potes, a ONG também foi responsável por providenciar o pagamento das ferramentas de produção produzidas pelas próprias mulheres. Como forma de aumentar o valor agregado dos *sanan rai*, a Empresa Di'ak sugeriu às mulheres que produzissem cestos de folha de *akadiro* como suporte, habilidades que elas já detinham, apesar de não ser destinada para a produção de algo para o *merkado*. Em suma, a Empresa Di'ak se tornou uma importante facilitadora do desejo de um grupo de mulheres de retornarem à produção dos *sanan rai* e de comodificação de artefatos da *kultura* já produzidos.

⁸⁵ Expressão utilizada pela própria Avó Joana.

⁸⁶ Trechos dessas entrevistas ficam expostos na loja ONG próximo aos *sanan rai*, como uma forma de contar parte da história daquele artefato.

⁸⁷ Nos relatórios, também eram apresentadas conexões da Empresa Di'ak com outros centros de produção pelo país, como Manatuto, tanto para entender a dinâmica de preço dos *sanan rai* no mercado leste-timorense, como para conhecer o processo de produção desses locais nos quais o conhecimento continuava a ser repassado.

⁸⁸ “O objetivo final é criar obras de arte valorizadas pelo seu valor estético assim como pelo seu fascinante *background* histórico” – informação presente no relatório de agosto de 2014.

Outro mediador importante neste processo foram os trabalhos de arqueólogos e outros cientistas na região, financiados pelo Institut du Recherche pour le Développement (IRD), entidade francesa, com o apoio e autorização do Estado leste-timorense. Jean-Christophe Galipaud, em 2014, em conjunto com a Secretaria de Estado da Arte e Cultura, publicou um livro referente a um estudo amplo sobre a produção dos *sanan rai* em todo o Timor-Leste. “*Sanan rai*. Um patrimônio em extinção em Timor-Leste” aborda a história desses artefatos em diversos municípios leste-timorenses, e, no caso específico de Arlo, a necessidade de que esse saber, concentrado em duas senhoras, seja revitalizado e partilhado, haja vista ser o *sanan rai* um patrimônio em extinção.

Em todas as visitas da Empresa Dia’k a Arlo, dispndia-se um longo tempo tomando café, conversando, observando a prática de produção das cerâmicas, interagindo não só com os artefatos, mas com as mulheres. O grupo sempre providenciou café da manhã, almoço, com peixe geralmente pescado por uma das integrantes do grupo, e coco, retirado na hora pelos seus maridos. Como tática para aumentar a circulação monetária da comunidade, a ONG retribui ao grupo um valor de 10 dólares pela alimentação a cada visita. Nesse momento de sociabilização que é um antecessor importante para a compra, alguns membros da Empresa Di’ak colocavam-se, por vezes, como aprendizes de produção de cerâmicas⁸⁹.



Figura 21 - Mana Ed preparando o *sanan rai* em conjunto com a Avó Joana

⁸⁹ Como a equipe da Empresa Di’ak é falante da língua local do *suku* Beloi, *Rasua*, durante os encontros o grupo se comunicava prioritariamente nessa língua, sendo o tétum utilizado em algumas ocasiões e por algumas mulheres apenas, já que nem todas tinham este conhecimento.

Nesse período, a equipe também aproveitava para acompanhar outros projetos e realizar a compra de outros artesanatos. Além dos *sanan rai*, adquire-se também artefatos trançados com folha de *akadiro*, similares aos comprados em Makili, objetos produzidos de bambu, como canudos e copos, produzidos individualmente, nas suas casas. Diferente dos outros dois, os artefatos de bambu são confeccionados, em sua maioria, pelos maridos de algumas das mulheres do grupo e requerem a utilização de máquinas para o acabamento final. Assim como as cerâmicas, a transformação dos outros dois artefatos em *merkadorias* para o *merkado turístiku* também tem a participação da ONG⁹⁰.

Não obstante a produção dos artefatos de bambu não ser das mulheres, a negociação, o pagamento e o nome no recibo era sempre delas. Em uma das visitas, a Empresa Di'ak não conseguiu comprar uma remessa que já estava encomendada, porque a Sra. Graciana não estava presente. E, quando nos apresentavam esses artefatos, as mulheres sempre se colocavam como as detentoras do conhecimento e do próprio objeto.

Além do tempo, a forma da condução da reunião era um elemento chave de distinção frente ao que se observava em Makili. Apesar de apontamentos semelhantes, como a questão da necessidade de qualidade em detrimento de uma grande quantidade de artefatos, o manejo do discurso e da prática se apresentou como mais sutil e minucioso, com extensa explicação sobre por que, em alguns casos, os *sanan rai* produzidos por elas não podem ser vendidos e, por isso, não eram adquiridos pela ONG.

A planilha, neste caso, não operava como um balizador para a negociação do preço com as artesãs. Ela apenas indicava o valor. Pela negociação previamente realizada com a comunidade, a ONG já tinha os preços determinados para cada tamanho de cerâmica, assim como também pagava, com um valor menor, por algumas daquelas as quais não estavam com qualidade 100% adequada, mas ainda circulariam no *merkado turístiku*⁹¹. Neste segundo caso, o valor não estava na planilha e era definido pela Empresa Di'ak. Não intento sugerir que os grupos não tenham ou não tiveram agência na definição do preço, como mostrei anteriormente, mas indico como existe uma forma de negociação diversificada que está ancorada, dentre outros

⁹⁰ Sherry comentou que perguntaram para as mulheres, no começo do projeto, se elas não teriam outros artefatos para venderem, quando, durante as chuvas, não fosse possível produzir o *sanan rai*. Apesar da negação inicial, a ONG indicou que os trançados da folha de *akadiro* utilizados no cotidiano também poderiam ser vendidos. A partir de então estes artefatos passaram a ser produzidos para a venda à Empresa Di'ak.

⁹¹ Nem todas as cerâmicas são adquiridas pela ONG nas visitas. Sherry comentou que as mulheres questionam o que fazer com os potes que não são comprados, já que não possuem nenhuma utilidade localmente.

possíveis fatores, pela história de relação da ONG com o grupo e pela trajetória dos artefatos antes da atuação da ONG com os grupos.

Entre relatórios analisados e conversas, ficou evidente para mim como além dos encontros mensais, a compra dos produtos mesmo que inadequados para a venda, foi e é encarada como importante para a retomada e manutenção do conhecimento. “Mesmo perdendo dinheiro, nós continuamos comprando para que elas continuem aprendendo e tentando aprimorar”⁹².

Ao invés de apenas realizar a compra, os membros da ONG acionam conhecimentos sobre os gostos e preferências dos consumidores – em sua maioria turistas – sobre o que seria um *sanan rai* de qualidade, com o intuito de justificar o valor monetário e induzir uma melhora na produção para a próxima compra. Indicavam-se problemas decorrentes de um suposto processo de modulação ou queima não tão precisos que impactam na dimensão estética da mercadoria e, conseqüentemente, na venda do produto. Diferente de Makili, em Arlo, era preciso sempre reforçar que a produção não deveria parar, independente de estar ou não 100% adequado, e que a ONG continuaria a adquirir os *sanan rai*.

O que se identificou em campo é que atualmente a Empreza Di’ak tem aumentado o nível de manejo no *design* e nos modelos dos artefatos produzidos em Arlo, diferentemente de Makili⁹³. Propõe-se às mulheres do grupo *Hakusara* novos modelos de cerâmicas, com a possibilidade de uso como porta-velas ou cinzeiros, por exemplo, respeitando, segundo os membros da ONG, a preservação do saber tradicional. A diversificação dos usos e formas dos *sanan rai* tem como objetivo aumentar o potencial de comodificação dos mesmos⁹⁴.

⁹² Fala do coordenador do *Sentru*. Registro do caderno de campo.

⁹³ No caso desta comunidade, além de já ter passado por esse processo com a ONG, a presença dos padres e a maior facilidade de contato com os espaços turísticos, são componentes importantes a serem considerados.

⁹⁴ Para nossa surpresa, no mês seguinte as mulheres já tinham feito um primeiro exemplar do que seria o *sanan rai* em formato de porta vela.



Figura 22 - *Sanan rai* expostos na Empreza Di'ak

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em alguns casos, ao voltarem com as *merkadorias* para a loja, a equipe da ONG realiza outra seleção direcionando algumas cerâmicas para venda e outras para usos locais, servindo como utensílios para depósito de plantas, dentre outros. Em Arlo, além da seleção, temos como prática pedagógica explicações, por parte dos membros da ONG, de como deve ser feita a cerâmica. Ademais, a própria definição e diferenciação do preço por cada cerâmica pela Empreza Di'ak pode ser adicionada como uma prática pedagógica, junto com os dispositivos de gestão – planilhas e recibos – acima descritos.

2.3 Se é para o *merkado*, por que diferente?

As intervenções pedagógicas são melhor compreendidas quando levamos em conta o modo como as populações dão sentido aos artefatos que produzem e o seu valor de uso local. Nesta seção, sugiro que o capítulo da biografia dos artefatos de Makili e de Arlo está condicionado por um longo e complexo processo histórico que os vincula a trajetórias e processos de adesão ao cristianismo diferenciados, entre outras coisas. Os elementos que compõem esse longo processo histórico podem explicar, ao menos em parte, o modo como cada um destes artefatos é gerido de forma particular pela Empreza Di'ak por força da agência das próprias populações locais.

Durante o trabalho de campo junto a alguns artesãos de Makili, o modo de produção original das estátuas foi destacado como fenômeno positivo frente a técnicas modernas de pintura. O chamado processo de fumo⁹⁵, aplicado especialmente na fabricação do modelo de estátuas intitulada ‘o casal’, a ser apresentada no terceiro capítulo, era frequentemente mobilizado para sugerir o valor superior das mesmas diante de outras que eram produzidas com pintura. A técnica do fumo é considerada um saber e legado ancestral cuja reprodução garante a própria continuidade da existência das estátuas e daqueles que a produzem até os dias atuais. As estátuas são identificadas como artefatos legados pelos ancestrais, promotoras de uma conexão e proteção mística de impacto fundamental na reprodução da vida da comunidade⁹⁶.

Ao invés de um domínio autônomo e valorizado pelo poder da invenção individual, a produção de estátuas em Makili é experimentada como uma continuação da atuação dos ancestrais, que têm o poder de transformar e agir no mundo. Neste contexto, quanto maior for a capacidade do artesão em reproduzir formas estéticas por ele consideradas ancestrais, maior será o valor do objeto (SILVA; SOUSA, 2015). O poder agentivo da reprodução é, muitas vezes, sobreposto à inovação, valorizada no campo da arte ocidental e baseada em habilidades individuais. A valorização estética é condicionada a sua conexão com a ancestralidade e, de certa forma, à reprodução.

Neste contexto, a atuação da Igreja Católica na comunidade é um fato importante para dar sentido à manutenção da produção das estátuas bem como do valor religioso, místico das mesmas. Tal como sugere Keane (2007) e, para o caso do Timor Português, Fernandes (2014) entre outros, práticas em prol da conversão ao cristianismo engendradas pela Igreja Católica na região após o concílio do vaticano II tinham como tática o uso de instituições locais como mediadoras para introdução de preceitos cristãos. Assim, as tecnologias e dispositivos para conversão ao cristianismo empregados pela Igreja Católica não tinham como condição necessária o abandono de saberes e práticas locais, embora diferenças entre discurso e prática da Igreja e variações em suas práxis no tempo e no espaço não possam ser esquecidas (ROSA, 2017).

⁹⁵ Neste caso, a cor advém da queima e defumação das estátuas no espaço da cozinha, sem utilização de tinta. Apesar de ser mais demorado, requerendo em torno de três dias a mais, justifica-se a utilização deste em detrimento da tinta, por ser o processo original.

⁹⁶ Adiciono aqui um outro dado de campo sobre a história de venda das estátuas pelos artesãos de Makili: no período colonial e de invasão indonésia, iniciou-se o processo de venda para turistas que, segundo os próprios artesãos, ofereciam altos valores por aquele item. O fato deste significar um alto valor de troca para os visitantes era expresso com orgulho por parte dos produtores. “Os nossos ancestrais disseram que não poderíamos vender aquelas que ali estavam, então, começamos a produzir simulares”, fala de um dos artesãos.

A maior penetração do cristianismo católico em Makili – em comparação com outras regiões de Ataúro – talvez nos ajude a dar sentido à manutenção dos saberes tradicionais ligados à confecção dos artefatos e à continuidade do valor místico dos mesmos. Tais fatos podem ter algum papel na modulação e limitação das intervenções específicas dos atores de governança cujas práticas são voltadas à produção de *merkadorias culturais* do e no país.

Dessa forma, no caso de Makili, sugiro pensar nos artefatos como pertencentes a uma esfera de encantamento. Como demonstrou Silva e Sousa (2015), em geral a apreciação artística caminha em conjunto com ações sociais relacionadas à construção de pessoa, comunicação com os ancestrais e à reprodução da vida.

Certos saberes relacionados à confecção dos artefatos, e principalmente das estátuas, são considerados sagrados, imemoriais. Sendo assim sua repetição é altamente valorizada e alterações nas técnicas de produção podem ser vista como um risco. Ao mesmo tempo, a valorização da perpetuação das formas locais de fabricação permite a reprodução de formas estéticas excêntricas, caracterizadas como típicas da *kultura* local, atribuindo, às mesmas, predicativos de tipicidade e autenticidade. Tais fatos facilitam a transformação dos artefatos de Makili em *merkadorias culturais*, tornando desnecessárias maiores intervenções da Empresa Dia’k em suas dinâmicas de produção.

De outro lado, a produção contemporânea dos *sanan rai* em Arlo é fruto de circunstâncias históricas bastante diversas. Galipaud e Assis (2014) e relatos apresentados por meus interlocutores indicam que, no passado, as cerâmicas eram produzidas por grande parte das mulheres da comunidade e tinham alto valor de uso e grande valor de troca em redes de escambo. As cerâmicas eram trocadas por ferramentas produzidas em outras aldeias, por bens utilizados em práticas de troca para casamentos, funerais, podendo ser transacionadas até mesmo em trocas por terra.

Ao longo do tempo, contudo, vários fenômenos atuaram em sinergia para alteração da produção das cerâmicas. A inserção de produtos feitos de alumínio, ferro e plástico para cozinhar e armazenar alimentos diminuiu o valor de uso das cerâmicas e por consequência, o seu valor de troca⁹⁷. A dificuldade de acesso a dinheiro através da produção dos *sanan rai* desestimulava as novas gerações, que encaravam essa produção como sem valor. Conecta-se, então, o ressurgimento desse conhecimento ao incentivo da troca monetária.

⁹⁷ Como evidenciado por Galipaud e Assis (2014), “esta tradição antiga quase se perdeu recentemente, uma vez que a cerâmica era produzida mas não comercializada; [...] estes potes eram tradicionalmente utilizados para cozinhar arroz e milho” (p. 23-25).

A atividade de produção da cerâmica também sofre uma desvalorização junto à nova geração de mulheres em Arlo, que enxergavam este trabalho como sem prestígio. Essa mudança possui relação com o processo de difusão e formalização do ensino público em Timor-Leste. Em muitos casos, a não participação de mulheres mais jovens era colocado como consequência do fato destas estarem estudando e não terem tempo.

Podemos também aventar que a adesão das populações de Arlo ao protestantismo tenha tido algum impacto na fragilização dos saberes envolvidos na produção dos *sanan rai*. Ao abordar o *modus operandi* das demandas de conversão ao protestantismo na região, Keane (2007) destaca que as denominações protestantes eram sensivelmente menos tolerantes – em comparação com a Igreja Católica – à manutenção de cultos, ritos e saberes locais entre aqueles que se diziam convertidos ao cristianismo. Na prática protestante, demandava-se aos adeptos o abandono de certos saberes locais e das cosmologias que os orientavam. Uma questão fundamental a muitas denominações protestantes tem sido a supressão das mediações, materiais ou humanas, do contato entre homem e Deus.

Galipaud e Assis (2014) sugerem que a olaria, assim como a tecelagem para outros contextos, era classificada como um saber feminino, associado à fertilidade e, portanto, à reprodução da vida, entre várias populações leste-timorenses. Diante deste contexto, podemos supor que os saberes envolvidos em sua elaboração eram também considerados sagrados, legados dos ancestrais, similarmente ao que observamos nos discursos sobre as técnicas de fumo para as estátuas de Makili. É possível supor que a produção de cerâmicas fosse também experimentada como meio de conexão com forças místicas e um meio de garantir a fertilidade e a reprodução do e no mundo.

O desencantamento dos mediadores materiais pelos quais as pessoas se conectavam com o mundo místico tem sido estruturante nas práticas missionárias protestantes na Indonésia Oriental. Diante disso, ficam as seguintes questões: como a adesão ao cristianismo protestante entre as populações de Arlo tem impactado na forma como certos saberes locais foram desvalorizados ou quase extintos e como o desencantamento dos mesmos, produzido como consequência da adesão a certo cristianismo, condiciona o manejo contemporâneo dos mesmos no processo de construção nacional?

Diferente do encantamento dos artefatos de Makili, hegemonicamente católica, percebemos como a secularização dos artefatos aparece em um maior grau em Arlo, haja vista a ausência de uma intervenção ancestral espiritual como a encontrada em Makili. Esta diferenciação em trajetória histórica e religiosa pode ser uma das justificativas para uma maior liberdade de atuação pedagógica por parte da Empresa Di'ak com o grupo *Hakusara*. Não

desconsideramos, nessa liberdade, um local diferenciado que a ONG possui com esta comunidade, tendo em vista seu protagonismo para o ressurgimento e constituição do grupo.

2.4 Considerações finais

Neste capítulo, apresentei as práticas e o modo pedagógico para produção de *merkadorias* da Empresa Di'ak em duas comunidades de Ataúro, Makili e Arlo. Sabendo que essas práticas estão inscritas na pauta de modernização e potencialização do acesso ao *merkado*, também demonstrei a que tipo de *merkado* os produtos têm sido direcionados. Argumento que a roupagem *merkadoria* assumida pelos artefatos da *kultura* quando direcionados para a loja da ONG é construída a partir de diferentes negociações que dependem do processo histórico e religioso de cada comunidade.

Como objetos que transitam originalmente no regime de troca de dádivas, a identidade *merkadoria kultural* precisa ser construída e mantida. O modo como ocorre a tentativa de fixação e purificação desse *status* sugere que um novo espaço de venda precisa ser construído e, nesse sentido, o *merkado turístiku* assume o papel impulsionador da comodificação dos artefatos. O fato de alguns destes objetos estarem presentes no mercado local de sábado, em Ataúro, não implica diretamente na ausência de uma operação de dádiva. Como exposto na seção sobre a dinâmica das viagens para Díli e do mercado da ilha, o mercado é acessado, dentre outros objetivos, para reproduzir relações de dádivas no âmbito das cerimônias da *kultura*.

Como expôs Tsing (2013) no processo de comodificação dos cogumelos *matsutake*, uma das principais táticas para que os objetos se transformem em *merkadoria* é a da seleção. Junto com o ato de selecionar, o de transferir dinheiro em troca dos artefatos é outra tática pedagógica de enrijecimento do caráter *merkadoria*, que implica, dentre outras coisas, desvincular o objeto do seu produtor, retirando dele os direitos de propriedade. Para estabilização da identidade *merkadoria*, as planilhas do *excel*, os recibos, os códigos e as táticas de contabilidade que operam no processo de compra da Empresa Di'ak são dispositivos auxiliares.

Ademais, o ato de construir e de se relacionar com grupos de produção é outro dispositivo que intenta demonstrar como o produzir para o *merkado* é diferente do produzir para outros regimes de troca. Enquanto no regime de dádiva, o direito sob o objeto continua operando mesmo depois da troca, já que é a relação entre as pessoas é o que está sendo negociado, no regime de *merkado*, o dinheiro e os instrumentos tecnológicos de contabilização tendem a quebrar esse contínuo.

Ao mesmo tempo que demonstrei a atuação para que o caráter *merkadoria* dos artefatos opere, apresentei como a dinâmica de inserção a diferentes denominações cristãs, dentre outros fatores, interfere na atuação da Empresa Di'ak. Isso nos sugere que o capítulo biográfico de comodificação dos artefatos está imerso em um complexo caminho histórico e que questões consideradas econômicas estão imersas na dinâmica de organização social das comunidades.

Em Makili, a inserção cristã católica, o maior contato da comunidade com a capital e com os turistas, dentre outros fatores, parece implicar em uma maior proximidade dos produtores com o modo de produção de *merkadorias*, principalmente do tipo *merkadoria kultural*, já que seus artefatos apresentam importante valor no mercado internacional. Isso se demonstra: 1. no modo como os artesãos, atualmente, já encabeçam possíveis inovações nos artefatos; e 2. na menor agência da Empresa Di'ak em precificar as *merkadorias* inéditas, mesmo que a negociação esteja presente. A continuação da relação com os saberes ancestrais de produção e de cerimônias rituais da *kultura* mesmo com a adoção à religião católica por grande parte da comunidade parece ser a principal justificativa para uma relação aparentemente distante por parte da Empresa Di'ak. Neste caso, as narrativas museológicas dos pesquisadores da Charles Darwin University também refletem na potencialização do caráter tradicional dessas *merkadorias* e na sua adequação com as expectativas do *merkado turístiku*.

Em Arlo, a dinâmica religiosa cristã de denominação protestante e os processos de inserção de novos utensílios de plástico, por exemplo, trouxe implicações diferenciadas para o modo como a população se relaciona com a produção de *merkadorias*, principalmente dos *sanan rai*. As pesquisas do grupo de cientistas da IRD indicam que este saber está imerso nas relações e na dinâmica cosmológica de contato com os ancestrais. Entre populações da Indonésia Oriental, a produção de cerâmicas, assim como a tecelagem, evoca o manejo da fertilidade, da continuidade da vida. Em última instância, a fertilidade é, para essas mesmas populações, dádiva da agência dos ancestrais sobre a vida dos vivos – assim como ocorre para os artefatos de Makili. Mas, a partir da adesão ao protestantismo, o local social dessas produções se modificou.

Isso nos sugere que para a produção de *merkadorias*, em especial das cerâmicas, a agência de outros atores de governança, como da Empresa Di'ak e do próprio Estado lestemimorense é necessária. Percebe-se isso: 1. na atuação central da Empresa Di'ak para a formação do grupo *Hakusara*; 2. no constante monitoramento do modo de produção a fim de atingir o nível de qualidade exigido pelo *merkado turístiku*; e 3. na relação de cumplicidade identificada em cada encontro, quando a ONG adquiri cerâmicas consideradas fora do padrão de venda como um meio de continuar estimulando a produção. Assim, aventei que o modo diferenciado

de prática da ONG em Arlo se ancora principalmente na trajetória histórica e religiosa da comunidade.

Pelo acima exposto, nos saberes tradicionais de produção dos diferentes artefatos se ancora a noção de que ao produzir e trocar os objetos, uma relação de dádiva dos ancestrais e para com estes está presente. Outra esfera passou a compor a noção desses objetos ao serem identificados como *merkadorias*. Indico aqui, ancorada em Kopytoff (2008), que a circulação desse objeto em outra esfera – de troca mercantil – pode ter impactado não apenas o artefato em si, como também aqueles que o produzem.

O que esse capítulo buscou evidenciar é como o objetivo transnacional de desenvolvimento nacional pela disseminação da economia de *mercado* se reverbera e é mesclado com as formas locais de singularização dos artefatos, antes de iniciarem o processo de mercantilização. Estar atenta aos modos pelos quais a prerrogativa de um *mercado* para modernização se fazem presente na atuação dos diversos atores envolvidos foi um dos maiores interesses e objetivos aqui traçados.



Figura 23 - Família Pacheco indo para a Igreja em um típico domingo

Fonte: Arquivo pessoal da autora⁹⁸

⁹⁸ Da esquerda para direita: Meldiana, Aleki e Osias e, no segundo plano, Sr. Marcos, Sra. Tomásia e Joana.

CAPÍTULO 03 – (RE)INVESTINDO EM RELAÇÕES

Este capítulo versa sobre a produção de *merkadorias* a partir da perspectiva das comunidades e unidades domésticas⁹⁹ com as quais tive contato durante o campo. O principal objetivo é discutir como se dá o engajamento local nessa produção. Por que investir em produzir *merkadorias*? como as comunidades se engajam nesses discursos e práticas? como a produção de *merkadoria* em um contexto de heterogeneidade e pluralidade econômica tenciona essa heterogeneidade? quais tipos de arranjos, organizações e dinâmicas sociais são necessários? qual o uso que se dá ao dinheiro angariado com a produção de *merkadorias*? como se destina o dinheiro recebido? essas são algumas perguntas que informam este capítulo.

Uma das principais formas de construir relações que me permitissem observar os modos como os artesãos e produtores locais se engajavam com as trocas de *mercado* era perguntar a eles sobre como utilizavam o dinheiro resultante da venda dos produtos. As respostas se repetiam e seguiam um padrão: para os estudos e/ou para aquisição de mantimentos diários. Era isso que também ouvia principalmente das mulheres com as quais a Empresa Di'ak trabalha. Ao longo do campo, fui percebendo que em algumas famílias o dinheiro também era usado para mudanças infraestruturais nas casas, para aquisição de aparelhos eletrônicos, como por exemplo *smartphones*, computador, televisão, dentre outros, e para ser guardado, como uma poupança. O circuito que o dinheiro adquirido das vendas traça e as mudanças na organização doméstica para se inserir nesse circuito financeiro são objetos de exposição e análise neste capítulo.

Apesar da multiplicidade de caminhos percorridos, foi no *suku* de Makili, observando a produção de estátuas e artesanatos considerados legítimos de Ataúro, onde pude explorar melhor as questões acima apresentadas. A possibilidade de ter esse acompanhamento mais próximo se deu pela relação estabelecida com uma das colegas de classe na UNTL, Ingracia de Sousa Pereira, natural de Makili, cunhada de um dos artesãos, Sr. Marcos Pacheco. Com a família Pacheco, da Sra. Tomásia e do Sr. Marcos, me relacionei por dois meses, aprendendo com eles como ocorria a produção para o *mercado turístiku* sob a perspectiva dos artesãos.

Em grande parte dos mercados locais e *kiosques*¹⁰⁰ frequentados durante o campo, as mulheres estavam em maior número. Parecia indiscutível que eram elas as responsáveis pela

⁹⁹ É importante ter em conta que o conceito de unidade doméstica não é sinônimo de família. Em uma unidade doméstica pode ter mais de uma família nuclear.

¹⁰⁰ Os *kiosques* são mini mercados geralmente montados na frente das casas, coordenados em sua maioria por mulheres e que vendem produtos principalmente industrializados e mantimentos básicos, quase todos importados – como leite e café em pó, biscoitos, doces diversos, cigarro, chinelo, lipa, peças de roupas diversas. Vende-se também itens produzidos localmente, a depender de cada região.

gestão financeira familiar, tal como indica Errington (1990). Ademais, o discurso sobre a melhor habilidade feminina em gerir o dinheiro por parte dos atores locais de governança como as ONGs reforçava a liderança das mulheres nesses empreendimentos.

Para a minha surpresa, a dinâmica da família Pacheco do *suku* de Makili não segue esse padrão. O Sr. Marcos é o responsável pela aquisição financeira através da venda no *merkado turistik* de estátuas de Ataúro. Já a Sra. Tomásia se mantém como a cuidadora e gestora da casa, não desempenhando atividade remunerada. Apesar da gestão ser compartilhada pelos dois, as decisões finais são tomadas pelo Sr. Marcos¹⁰¹. Considero essa diferença instrutiva por ser uma dinâmica divergente daquela apresentada na maioria dos discursos oficiais e que, assim, pode nos auxiliar a compreender a que tipos de arranjos sociais o ato de produzir para o *merkado* está sujeito.

Analisarei como a família Pacheco se organiza para conseguir produzir as estátuas e conectarei a organização familiar ao fato do principal investimento monetário ser na educação dos jovens com os princípios de organização social e da própria reprodução da vida em Makili. Argumento que o investimento educacional realizado com o dinheiro das vendas parte da noção de que a riqueza está nas pessoas e nas relações sociais e não necessariamente na aquisição de coisas. Ao financiar os estudos em Díli de parte dos jovens da família, se realiza um investimento a médio e longo prazo¹⁰².

Começo o capítulo aprofundando a apresentação sobre Makili iniciada no capítulo anterior. A maior parte das informações aqui apresentada está ancorada na percepção que eu tive convivendo com a comunidade durante novembro e dezembro de 2017. Junto com as condições infraestruturais do *suku*, discutirei como se realizam as trocas matrimoniais a partir de um estudo de caso. Pressuponho que estes rituais são estruturais nas dinâmicas econômicas locais de modo que sua compreensão é condição para entender tanto o modo como a organização social se dá nesta região (LEVI-STRAUSS, 2003) quanto as seleções de investimentos a serem feitos com o dinheiro advindo das vendas para o *merkado*.

Em seguida, na seção “Conexão pelas trocas”, apresento como conheci o Sr. Marcos e como, pelo contato com a Ingracia, cheguei à sua casa. Nesta seção, que está dividida em três partes, relato o que significa a prática de esculpir para a comunidade de Makili e como ela tem relação com a tradição e as crenças espirituais locais. Apresento também a história do Sr.

¹⁰¹ Em outros conjuntos familiares de Makili, mesmo nas situações em que os homens fossem os provedores dos recursos financeiros, identifiquei que eram as mulheres que tinham o controle da distribuição não só do dinheiro, como dos bens comprados no *merkado*.

¹⁰² Utilizo a categoria investir em sua acepção ampla, compreendendo por isso os modos como recursos de diversas ordens são distribuídos e utilizados.

Marcos com essa produção, contando como a sua situação financeira se modificou com o ofício de artesão e quais são os principais investimentos com o valor recebido. No primeiro contato com o artesão, ele me ofereceu trocar estátuas por um celular *smartphone*. Como transcorreu essa troca é o objeto da terceira seção, “Eu e o Sr. Marcos. O celular e as estátuas”, que em conjunto com a segunda procura demonstrar que na produção de *merkadorias* está imerso também o desejo de aquisição de relações e prestígio (MAUSS, 2003).

Por fim, como é a dinâmica familiar enquanto o Sr. Marcos trabalha, com especial atenção para as atividades e afazeres da Sra. Tomásia, sua esposa, será exposto na última seção, intitulada “E a Sra. Tomásia?”. Indicarei brevemente a importância da presença da esposa em casa para que o marido produza suas estátuas e como podemos interpretar essa divisão de responsabilidades segundo as diferenças de gêneros localmente expressas. Nas considerações finais entrelaçarei o que foi exposto com o objetivo geral do capítulo de compreender por que algumas pessoas se engajam na produção de *merkadorias*.



Figura 24 - Makili durante o período de seca

Fonte: Arquivo pessoal da autora

3.1 Makili

No censo de 2015 (TIMOR-LESTE), Makili foi registrada com 2.062 habitantes, com praticamente 50% homens e 50% mulher¹⁰³ e 361 unidades domésticas¹⁰⁴. O *suku* é dividido em quatro aldeias – Fatulela, Macelihi, Mau-Laku e Mau-meta – e tem como uma das principais atividades a agricultura. Das 361 unidades domésticas, 223 delas possuem pequenas plantações próximas às casas, 125 produzem principalmente para o consumo próprio com poucas vendas e apenas 12 produzem principalmente para a venda com uma parcela para o consumo doméstico. A pesca é outra atividade que tem ampla adesão da comunidade, em especial masculina, mas, assim como a atividade agrícola, é baixa a porcentagem de venda. A criação de animais, principalmente porcos e galinhas, é outra atividade direcionada para o consumo doméstico.

Apesar da ausência de dados estatísticos, em conversas e acompanhando o ritmo da comunidade, identifiquei que uma das principais atividades remunerada na comunidade é o serviço público. Outras formas de trabalho remunerado autônomas, como as atividades turísticas de produção e venda de artesanato¹⁰⁵, guia turístico, a participação nos grupos de produção como Bonecas de Ataúro e motorista de barco são possibilidades paralelas ainda limitadas.

Um dado importante sobre a comunidade diz respeito à adesão dos jovens ao ensino universitário. Apresenta-se que do total de 1.289 pessoas com cinco anos ou mais que recebem instrução educacional, 9 mulheres e 19 homens estão na universidade (TIMOR-LESTE, 2015). De outro lado, o mesmo censo indica que 30% dos jovens com mais de 3 anos não possui escolarização (TIMOR-LESTE, 2015). O que isso nos demonstra é que a educação, em geral, e principalmente a universitária, é bastante limitada.

O cotidiano da comunidade demonstra um pouco como é o acesso a condições infraestruturais básicas. É normal que em todas as refeições seja necessário coletar uma quantidade de madeira para cozinhar. Existe distribuição de água nas casas, porém durante a seca, principalmente durante o segundo semestre do ano, é normal que se tenha que pegar água na fonte mais próxima de cada aldeia, já que o fluxo diminui e fica restrito a apenas um horário

¹⁰³ Do total, 1.028 são homens e 1.034 mulheres. Em termos de faixa etária, 42,8% possuem entre 0-14 anos, 48,5% entre 15-59 anos e 8,5% tem mais de 60 anos (TIMOR-LESTE, 2015).

¹⁰⁴ O termo originalmente utilizado no documento é “*private household*”. Como não encontrei a definição deste termo, preferi por traduzir como “unidades domésticas”.

¹⁰⁵ Como exposto no segundo capítulo, a produção dos artesanatos de madeira, como as estátuas, é um ofício masculino e caseiro. Mesmo fazendo parte de um grupo que venda esses artefatos, não encontrei nenhuma situação em campo na qual essa produção fosse constantemente coletiva e ocorresse em algum espaço compartilhado.

do dia¹⁰⁶. Em geral, as casas costumam ter energia solar que foi providenciada pelo Estado, mas que por ser limitada é usada preferencialmente à noite, para iluminação da casa e para recarregar a bateria dos aparelhos eletrônicos, lanternas, dentre outros.

Desta forma, no cotidiano de Makili quanto maior o número de membros na família, mais fácil é a administração e realização das tarefas. E nesses processos, os jovens possuem um papel importante, principalmente as mulheres que são em geral as responsáveis pelo gerenciamento doméstico. Os homens costumam ficar encarregados de alimentar os animais e coletar as madeiras. Apesar disso, na minha experiência com a família Pacheco, percebia que muitas vezes essas tarefas se intercambiavam entre os gêneros.

Junto com essa realidade infraestrutural, agrego informações sobre a organização social em Makili. Dentre as diversas perspectivas, optei por focalizar na instituição matrimonial e nas suas regras por entendê-la como central para compreender a estrutura social em regiões como da Indonésia Oriental (WOUNDEN, 1968). Seguindo os estudos de Mauss (2003) e Lévi-Strauss (2003), reconheço a troca, na sua modalidade de dádiva na qual impera o princípio da reciprocidade, como o ato fulcral da sociabilidade. Interpretando o matrimônio como uma das trocas fundamentais, partir dele para compreender os investimentos realizados com o dinheiro das vendas em Makili parece um caminho possível.

Na dádiva, negociam-se pessoas, objetos e valores de forma intercambiáveis, prezando pela construção e reprodução de alianças de forma que o que é trocado costuma ser inalienável (SILVA, 2016). Administram-se relações de poder e *status* social e os intercâmbios, mesmo que de objetos, produzem relações matrimoniais, políticas, religiosas, econômicas, jurídicas, etc.

Partindo do exposto, argumento que o modo como a instituição matrimônio opera também reflete na dinâmica econômica e nas decisões de investimento. Apresento o estudo de caso da festa de casamento de Edina e Cipriano, ocorrida no dia 29 de outubro de 2017, na minha primeira visita à comunidade de Makili, para demonstrar como operam as diversas alianças e a circulação de pessoas e objetos. Grande parte da minha observação foi acompanhando a minha colega, Ingracia, que fazia parte do grupo da esposa.

O *suku* se divide em doze *lisan*, termo que designa localmente o grupo de descendência ao qual se pertence. Esta é uma forma de instituição social muito presente em Timor-Leste e por meio da qual se estrutura a reprodução da vida em si, que envolve não só humanos como os ancestrais, os quais possuem agência e interferem nas decisões a serem tomadas por cada

¹⁰⁶ Foi a partir de recursos angariados pelo Padre Luis, com agência de cooperação italiana, que a distribuição de água e a construção de banheiros externos às casas ocorreu em 2010.

grupo. O casamento é o selo de aliança entre duas *lisan*, sendo necessário, assim, que seja entre grupos diferentes. Ao se casar, a mulher troca de *lisan*, passando a agregar a *lisan* do marido, que deve retribuir aos pais e avós da noiva por essa troca.

A festa de Edina e Cipriano era a celebração da aliança entre a *lisan Hatudalas* (resuk¹⁰⁷) e *Solu'an* (resuk), respectivamente. Como é comum entre várias populações dessa região cultural, o conjunto de práticas para firmar o compromisso matrimonial consiste em ofertar, para o grupo da mulher, um conjunto de valores a ser definido como uma forma de retribuir a saída da mulher do seu grupo¹⁰⁸. Mesmo a mulher passando a integrar e pertencer à *lisan* do marido, isso não significa que a relação com sua família deixa de existir.

Em Makili, caso o casamento seja entre pessoas do *suku*, ao desejar se casar com alguma mulher, o grupo familiar do homem deve oferecer um número de *tais* e *surik*¹⁰⁹, a ser definido entre as partes, para os pais da mulher. É importante que os *tais* sejam da região oeste do país e apenas se aceitam *surik* feitas em Makadade, um dos *sukus* de Ataúro. Quando o casamento se dá entre um homem de Makili e uma mulher de outra região do país, os termos da troca que costumam prevalecer são os da região da mulher. Caso seja a situação contrária, é possível que, ao invés da *surik*, oferte-se outro objeto ou dinheiro, enquanto os *tais* estão sempre presentes¹¹⁰.

O uso do dinheiro, como me foi exposto por Ingracia, só é aceito na condição de “*kulturas* diferentes”. Quando não se consegue a *surik* é possível que o *barlake* envolva dinheiro, mas nos diálogos esta aparecia como uma das últimas opções. A partir do casamento, as duas *lisan* iniciam uma relação duradoura e contínua de troca, em que ora uma está em débito, ora outra, já que é preciso do tempo para ocorrer a retribuição. Essas trocas se apresentavam não só em momentos cerimoniais – como nascimento e falecimento – como também no cotidiano.

Durante os dias pré e pós casamento, a Ingracia se manteve bem atarefada, ajudando na organização da festa. Em uma das vezes que questionei onde ela estava, responderam: “ela está ajudando, porque é o casamento da *lisan Hatudalas*, que ela faz parte”. O movimento em torno do casamento era intenso e percebia como tanto jovens e adultos, mulheres e homens, se engajavam nos preparativos. Além da circulação de pessoas, os objetos também entravam nesse fluxo. Praticamente todos os utensílios utilizados durante o evento – pratos, talheres, panelas,

¹⁰⁷ Indicarei entre parênteses quando o termo for da língua maternal.

¹⁰⁸ É comum essa prática ser conhecida como o preço da noiva. No entanto, neste trabalho decidi por não usar o termo para evitar que essa prática se confunda com a ideia de que se está comprando a pessoa.

¹⁰⁹ *Surik* significa espada em tétum.

¹¹⁰ Quando me explicavam quais eram os objetos necessários para o *barlake*, sempre enfatizavam que esta é a *kultura* de Makili e que os outros casos podem ser negociados a depender das partes.

dentre outros – tinham as iniciais dos donos marcadas e depois da festa observei o retorno dos objetos às suas casas.

Além da prestação obrigatória do *barlake* envolvendo os pais e avós do casal, para realizar a festa as duas *lisan* acionam suas redes de relações. Segundo Ingracia, a festa é uma forma de marcar a saída de Edina da sua *lisan* e enfatizar o início do novo ciclo e, e deve ser oferecida pela *lisan Solu'an*, do Cipriano, marcando as boas-vindas. Ao mesmo tempo, este também é o momento no qual as *lisan Hatudalas* e *Hnuale'en* (resuk) – *lisan* original da mãe de Edina – oferecem presentes para a mulher. Doa-se o que ela precisará para formar a nova casa – milho, roupa, prato, dentre outros – e é importante que sejam itens que ela costuma ter em casa¹¹¹. As *lisan* também podem ofertar dinheiro, mas ocorre em um momento separado, no final da festa, e me foi explicitado que não se deve misturar junto com os outros presentes.

O início da festa é marcado pela entrega desses presentes, que chegam, de forma performática, com cantos e dança, dentro das cestas tradicionais, trançadas de palha. Depois se inicia a cerimônia com um longo protocolo, que é finalizado com o jantar seguido da abertura para a dança, momento mais esperado pelos jovens. Em diversas ocasiões, a festa foi definida para mim como “o ato de comer e beber juntos”, o momento de celebrar a união das duas *lisan*.

A festa sintetiza um momento da troca interessante, no qual o que está em jogo é o *status* e a posição de poder de cada *lisan*. A *lisan Solu'an* precisa oferecer o melhor para as *lisan* da Edina – *Hatudalas* e *Hnuale'en* – enquanto estas também precisam demonstrar que se importam, doando o que podem para o futuro da mulher na nova casa. Enquanto a primeira demonstra, por meio da preparação e organização da festa, que a mulher e o casamento têm valor, as duas últimas reforçam esse valor da mulher por meio do oferecimento dos presentes. É um jogo no qual a performance, os gestos, a fala, interferem e impactam.

Em suma, no casamento definido segundo o esquema do regime de troca da dádiva, o que está em jogo é a riqueza em pessoas e relações. Por mais que o dinheiro tenha um local importante principalmente para a *lisan* do homem, que precisará oferecer a prestação matrimonial¹¹² e a festa, quanto maior o número de relações que se pode acionar nesses momentos cerimoniais, maior o êxito para conseguir angariar tudo. É por meio das relações que se demonstra a posição e o *status* social; é o que se consegue angariar, por meio dessas relações, que importa.

¹¹¹ Quando perguntava o que poderia ser doado, a primeira resposta era: “o que se tem”. Em uma das conversas com o chefe de *suku*, Sr. Júlio, ele foi enfático sobre a necessidade de que os itens estejam dentro do padrão de necessidade do cotidiano da comunidade.

¹¹² Como Makili não produz *tais* nem *surik*, o comum é adquiri-los com dinheiro, desembolsando em torno de 150 e 200 dólares. Os *tais* são orçados entre 50 e 100 dólares e a *surik* entre 70 e 10 dólares.

O fato da mulher ser aquela que sai e propõe o elo entre as *lisan* a coloca, na verdade, em posição de imenso valor e este homem em constante débito com o grupo da mulher, sendo necessário, ao longo da vida, retribuir por isso. Não é apenas o homem que está em débito, mas a *lisan*, já que na maioria das situações o que ele pagará ou receberá é distribuído entre as unidades domésticas da *lisan*¹¹³. É importante ter conta que o *barlake* é uma instituição que está em constante processo de mudança. A sua configuração é diversa a depender do local em que as pessoas vivem e de sua história de relação com o Estado colonial e expansão do capitalismo.

Analisar como tem sido a entrada do dinheiro por meio das vendas de *merkadorias culturais*, ao meu ver, não pode deixar de lado esta dimensão. O investimento em rituais e em ajuda para o pagamento de prestações diversas é algo que permeia as decisões das famílias e, inclusive, faz com que parte deste dinheiro seja poupado para casos emergenciais, como me expressou alguns artesãos e artesãs.

Apesar de não ser nos termos de poupança bancária, encontrei algumas famílias, inclusive a do Sr. Marcos, que tinham certo dinheiro reservado para eventuais situações e que em alguns momentos comentavam que tiveram que ajudar tal pessoa por causa de alguma situação da *kultura*. Diferente do discurso comum dos atores locais de governança, de que a prática da poupança não existe, o que identifiquei é que não existe a ética capitalista de poupar para reinvestir em mais capital monetário. O ato de guardar, de poupar e de investir, está ancorado no principal anseio de angariar relações e de manter as alianças já firmadas. Isso reforça como a noção de riqueza está nas pessoas em regiões como a de Makili. Mesmo existindo a busca por dinheiro e condições financeiras mais favoráveis, não é o lucro em valor monetário que norteiam os investimentos tanto financeiros como de energia e esforço.

3.2 Conexão pelas trocas

Parte do início do meu campo se deu nas lojas de *merkadorias culturais* e *souvenirs*, tanto em Ataúro como em Díli. Antes de adentrar em algo específico, tinha a ânsia de saber como os artefatos eram apresentados quando se tornam *merkadorias* – o que muda, como muda e se muda. Nestes momentos, minha condição de estrangeira e turista parecia ficar em evidência, ao contrário da de pesquisadora, e confesso que usava desse artifício como uma forma de experimentar e perceber o que torna aqueles artefatos, em específico, as *merkadorias culturais* potenciais para o desenvolvimento econômico das populações.

¹¹³ Agradeço ao Alberto Fidalgo por ter me auxiliado na compressão dessas relações e utilizo sua fala para melhor explicar o que significa essa concepção de riqueza: “você recolhe e oferece em capital (monetário ou não) o que se investiu em relações humanas”.

No espaço do *ecoresort Barry's Place*, no *suku* de Beloi, em Ataúro, o Sr. Marcos Pacheco trabalha geralmente às quintas, sextas e aos sábados ajudando na limpeza, no serviço de atendimento aos clientes e como vendedor das esculturas do grupo Cultura de Ataúro, o qual ele formou em conjunto com outros artesãos do *suku* de Makili. Diversas modalidades ficam expostas e cada artesão costuma ter um estilo específico de estátua que produz. Apenas o Sr. Marcos é o representante do grupo no Barrys, como o espaço é chamado localmente.

Na minha primeira sexta-feira em Ataúro, no dia 15 de setembro de 2017, o encontrei no *ecoresort* e enquanto observava as estátuas na estante, ele se aproximou falando em inglês comigo. Aquela situação foi excepcional já que a maioria dos vendedores com quem tinha tido contato até então falavam apenas tétum, a língua da região materna e o bahasa indonésia. Ademais, também tinha conhecimentos básicos de português e conseguimos conversar, parte do tempo, sem problemas.

Adquiri um dos óculos de nadador tradicionais da região de Makili como uma forma de estabelecer a relação e por serem artefatos com uma característica excêntrica e representativos, segundo ele, do modo de pesca local. As peças ficam expostas cotidianamente e me relatou que aproveita a oportunidade de estar no Barrys para fazer contatos com os turistas e ajudar em outras tarefas. O preço dos artefatos é colocado pelos próprios artesãos e o valor é repassado para eles sem cobrança de taxas pelo espaço.

Logo no começo, relatou que o dinheiro recebido pelas vendas é importante para a manutenção da casa e para sustentar os estudos universitários dos jovens em Díli. Expressou que por ter que prover essa ajuda, não sobra dinheiro para adquirir outros itens como um celular *smartphone*, com bom acesso à internet e que possibilite manter contato com colegas internacionais, principalmente australianos. E então, fez a seguinte proposição: “você não conhece ninguém que tenha um bom celular e poderia trocar por duas esculturas grandes?”.

Apesar da negação inicial, o pedido ressoou em mim: por que trocar estátuas por um celular? O que essa escolha me dizia sobre os regimes e modos de circulação e troca daquela comunidade? Qual seria o padrão de comensurabilidade utilizado para a troca dos bens? Que implicações essas operações teriam para minha relação com o Sr. Marcos? Essas perguntas ficaram guardadas como algo que dificilmente eu poderia responder, já que naquele momento a perspectiva de realizar pesquisa sobre as estátuas era bem distante. Retornarei como se desenrolou essa troca à frente. Por enquanto, contarei como retomei o contato com o Sr. Marcos.

Em outubro de 2017, realizei uma viagem para o município de Manatuto com a turma da matéria “Meio Ambiente e Desenvolvimento” do curso de Desenvolvimento Comunitário da UNTL. Foi um momento fundamental para o meu entrosamento entre os estudantes leste-timorenses. Até então, o meu relacionamento com eles era limitado às aulas e tinha pouca perspectiva de receber qualquer convite para encontros sociais ou viagens, bem comuns entre eles. Como parte do dinheiro recebido das vendas das *merkadorias culturais* com os grupos os quais tive contato era direcionado para o sustento educacional dos filhos, aproveitei a viagem para melhor compreender como era a estrutura familiar de alguns colegas – onde e com quem moravam, como se sustentavam, dentre outros.

Dentre as várias fotos da viagem postadas, Ingracia, de 24 anos, comentou que uma delas foi vista por um dos seus familiares que me conhecia e que estava me convidando para passar o feriado de finados, 02 de novembro, com eles, em Makili. Descobri que era o Sr. Marcos e logo me lembrei da proposta de troca do celular pelas estátuas. Ele é casado com uma das irmãs mais velhas da Ingracia, Sra. Tomásia. Parecia que as duas pontas da pesquisa estavam se conectando naquele momento – a venda de *merkadorias* e a inserção dos jovens no ensino superior. Ingracia e Lúcio, seu irmão mais novo que também faz ensino superior, moram em Díli e alugam um quarto cada um. O sustento advém, além do Sr. Marcos, do irmão Alcino que também mora em Díli – em casa separada – e que trabalha produzindo estátuas aprendidas com o cunhado.

No dia 28 de outubro, fomos para Makili eu, Ingracia e Lúcio. Este feriado simboliza o retorno para a região natal da maioria dos leste-timorenses que migraram internamente no país. O porto para pegar o barco de Díli para Ataúro estava intensamente movimentado e povoado não só por pessoas, como por objetos. Ingracia me explicou que a maioria das cargas seriam direcionadas para o casamento, como bebidas, comidas, dentre outras.



Figura 25 - Jovens durante a viagem de Díli para Makili

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao chegar em Makili, conheci parte da família de Ingridia¹¹⁴, o Sr. Calistro e a Sra. Domingas, seus pais, e a Filomena e a Natalia, suas irmãs. Além dos quatro – Filomena, Natalia, Lúcio e Ingridia – o casal possui outros seis filhos: Tomásia, Alda, Norverta, Alcino, Carlos e João. Além de Ingridia, Lúcio e Alcino, João e Alda também não moram em Makili¹¹⁵. Alcino, com a produção de estátuas, é um dos principais provedores de ajuda financeira para a família em Makili e sempre envia insumos básicos como arroz, café, sal, açúcar, dentre outros que costumam ser mais baratos em Díli¹¹⁶. Mesmo sendo destinados para os pais, sempre se distribuiu entre os filhos o que é enviado e quem é responsável por essa divisão é a Sra. Domingas.

Nesse primeiro contato, não sei se por uma ansiedade minha ou por vontade deles, o assunto que mais imperou foi sobre a família e a *kultura* de Makili. Com muito orgulho, Sr. Calistro contou onde estavam e qual a ocupação de cada um dos filhos. Em diversos momentos pedia ajuda para os mais novos para explicar algo em tétum, já que esta não é a sua língua de fala frequente. Comentaram também que poucas são as pessoas que comem carne de porco,

¹¹⁴ Em Makili, o idioma que eu mais utilizava era o tétum. Entre eles, fala-se *resuk*, a língua materna.

¹¹⁵ João se casou com uma mulher do distrito de Lospalos e se mudou para essa região do país e Alda, também por causa do casamento, mora em Díli.

¹¹⁶ Enquanto conversávamos, Sra. Domingas e Filomena teciam uma esteira. Perguntei se elas sabiam fazer os cestos e potes que eu via sendo vendidos na Empresa Di'ak de grupos de Makili e elas confirmaram: “todos sabem fazer, mas poucos vendem, porque não compensa”.

vaca ou frango diariamente, mas que é necessário criar esses animais para oferecer para outros familiares. Em outras visitas, constatei que esse oferecimento se dá em momentos cerimoniais e de rituais e que esses animais, em situações emergenciais, podem ser vendidos por um preço elevado.

Em seguida saímos da aldeia Fatulela e fomos para a casa do Sr. Marcos e da Sra. Tomásia, na aldeia *Mau-Laku*, que fica nas montanhas. A caminhada dura em torno de 20 minutos. Diferente da Ingracia, que ainda pertence à *lisan Hatudalas*, a Sra. Tomásia e seus filhos, devido ao casamento, pertencem à *lisan Lulopun*. O casal possui sete filhos: André, de 17 anos, Jonas de 14 anos, Joana de 13 anos, Levita de 11 anos, Meldiana de 9 anos, Ozias de 8 anos e Aleki de 4 anos; Adita, de 16 anos, que também estava presente quando cheguei foi apresentada como filha, apesar de, na verdade, ser sobrinha do Sr. Marcos. Ela ajudava bastante a Sra. Tomásia nas atividades domésticas da casa, como cozinhar, lavar roupa, cuidar das crianças, cuidar da horta etc. Esse tipo de situação e de trânsito de crianças é bem comum¹¹⁷. Exceto Aleki, pela idade, todos os filhos estão matriculados no ensino público.

Como era um sábado, o Sr. Marcos estava trabalhando no Barrys e apenas chegou a noite. Tive que conter a minha ansiedade do reencontro e aproveitei para observar como era a casa com a sua ausência. Mesmo quando ele está em casa, a grande responsabilidade em torno da gestão doméstica é da esposa e dos filhos. Pela quantidade de afazeres, a presença da Adita ou mesmo da Ingracia é de extrema importância para a Sra. Tomásia. Depois de o dia fora, ao chegar, o Sr. Marcos continuou produzindo as estátuas. A sua participação em outras atividades é excepcional. A depender da época, até a prática agrícola fica dificultada pelo serviço com as estátuas.

Os seus momentos de produção eram os principais para as nossas conversas e poucas foram as situações que eu o vi realizando outra atividade. Com seu cigarro, uma faca, martelo ou outra ferramenta, sentado em uma cadeira de plástico, levemente curvado, modelando a madeira. Entre tragadas, batidas e falas, conversávamos. A Sr. Tomásia sempre ao lado, com o seu filho mais novo, Aleki. Apresento agora o Sr. Marcos Noronha Pacheco e as estátuas.

¹¹⁷ Diversos são os motivos para esses deslocamentos. Levita, por exemplo, passava parte do tempo na casa dos avós, na aldeia Fatulela, por ser mais próximo da sua escola.



Figura 26 - Sr. Marcos fabricando uma estátua

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Esculpir é uma prática tradicional e antiga em Makili que antes de ter o foco para o *merkado*, era praticada principalmente segundo os princípios de organização social da comunidade. Segundo Barrkman (2017), a arte de esculpir tem suas raízes no sistema de crenças espirituais, o qual prima pela manutenção do contato com os ancestrais, agradecendo, pedindo proteção, saudando, em diversas etapas da vida, que continuam de certa forma até hoje.

Baku-Mau e *Lepu-Hmoru* são esculturas representativas das divindades ancestrais da fertilidade masculina e feminina respectivamente e ficam localizadas em Makili, na região de Mau-Bonok, distante de onde hoje a população se instalou. Repostas de tempos em tempos, as estátuas possuem em torno de 2 metros e o local onde estão localizadas é utilizado para realização de atividades cerimoniais até os dias atuais para pedir fecundidade para o futuro da comunidade, por mais que a frequência seja menor (BARRKMAN, 2017, p.18)¹¹⁸. O dualismo do masculino e feminino representado em conjunto nas esculturas indica um dos conceitos centrais para a organização social da comunidade – a dualidade complementar (BARRKMAN, 2017).

¹¹⁸ Um modelo de cada estátua, datados do final do século XIX, está exposto no Musée du Quai Branly–Jacques Chirac.

Os espaços sagrados de cada *lisan* para realização de cerimônias da *kultura*, chamados localmente de *uma lulik*¹¹⁹, também possuem, até hoje, esculturas estocadas no seu interior denominadas *itara* na língua materna, *resuk*. Esta escultura representa o ancestral fundador da linhagem (BARRKMAN, 2017, p. 18) e nas casas sagradas são postas em duplicidade, sendo uma representando o feminino e outra o masculino. A vigia e a proteção tanto física quanto dos descendentes de cada grupo de descendência é a principal justificativa para a presença dessas esculturas.

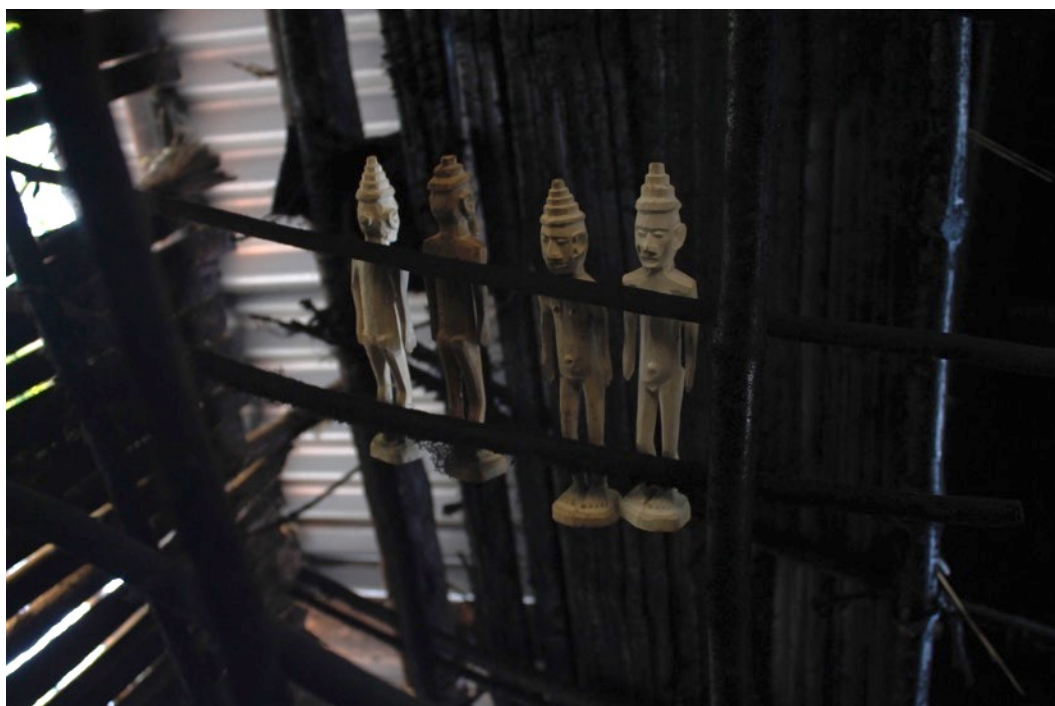


Figura 27 - Estátuas 'o casal' durante o processo de fumo de definição de cor

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os estudos de Barrkman (2017), em conjunto com a Universidade Charles Darwin, atores estatais e agências de financiamento australianas, demonstram como essas estátuas em específico são as bases principais para os modelos que se desenvolveram. Um dos modelos de estátuas que tem grande adesão no *merkado turístiku* é a comumente identificada como ‘o casal’ e que possui raiz na *itara*. Assim como nas casas sagradas, ‘o casal’ é o conjunto de duas estátuas, uma feminina e outra masculina, atadas por um cordão. A junção das duas, na dimensão cosmológica, traz a ideia de balanceamento da dimensão masculina e feminina

¹¹⁹ *Uma* significa casa, em tétum, e *lulik*, pode ser traduzido como sagrado, entre outros sentidos.

(BARRKMAN, 2017, p. 19). Atualmente, os diferentes modelos também expressam o cotidiano da comunidade – peixes, barcos, crocodilos, dentre outros.



Figura 28 - Sr. Marcos finalizando as estátuas 'o casal' com o fumo

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Sobre as estátuas ‘o casal’, Barrkman (2017) afirma que estas refletem

antigas noções de dualidade e práticas consuetudinárias, sugerindo que, embora os escultores esculpam cada vez mais para acomodar aos clientes leste-timorenses da classe média e as preferências dos visitantes estrangeiros, suas esculturas continuam a refletir aspectos de sua cultura e identidade Atauro (p. 31 – tradução nossa).

O modelo ‘o casal’ é a principal produção do Sr. Marcos, nascido em fevereiro de 1980 em Makili e pertencente à *lisan Lulopun* (resuk). Com 9 anos, Sr. Marcos perdeu o seu pai, o que modificou a sua história. Mudou-se e viveu em outras cidades do país, como Atambua e Baucau, até a época do referendo, em 1999, quando retornou para Makili. Teve bastante dificuldade para terminar o ensino secundário sem o apoio da família, recebendo ajuda financeira de outros estudantes. Sempre que comentava sobre esse período da sua vida, afirmava que “neste tempo, [ele] era pobre”.

Ao retornar para Ataúro, casou-se com a Sra. Tomásia em 2000 e aprendeu a fazer as estátuas com o seu irmão mais novo, Leonardo¹²⁰, que em 1995 começou a esculpir sendo guiado pelo seu tio, Sr. Antônio. Este é um conhecimento que tem sido passado de geração a geração, apesar das mudanças na prática em decorrência, principalmente, da adesão ao cristianismo em todo o país¹²¹.

Tanto o Sr. Marcos como o Sr. Leonardo ligavam a produção dos artesanatos à busca dos estrangeiros e turistas e ao valor monetário que esses artefatos geravam. A chegada de diversos internacionais no período entre o referendo até a independência foi um ponto central para começarem a se engajar cada vez mais na produção. Em entrevista com o Sr. Leonardo e Sr. Vicente, contaram-me que a primeira vez que foi ofertado dinheiro em troca de alguma das estátuas foi no tempo indonésio.

Essas trocas, durante o período da década de 1970 e 1980, envolveram as estátuas originais presentes nas casas sagradas. Apesar dessas remoções – e a adesão ao cristianismo – a prática de esculpir declinou consideravelmente (BARRKMAN, 2017) não só em Ataúro, como em todo o país, mas alguns escultores continuaram a produzir. A aparição das estátuas no mercado de arte internacional e a demanda pelos estrangeiros residentes no país com a instauração da UNTAET confluíram em um aumento na quantidade de escultores em Ataúro (BARRKMAN, 2017). Produzidas em Makili, as estátuas viajavam até Díli e eram vendidas nos espaços com bastante presença turística, próximos aos hotéis e na beira da praia na região do Lcidere. Hoje as estátuas também são vendidas em Ataúro, principalmente em Beloi.

¹²⁰ A relação do Sr. Marcos com o irmão é bastante próxima. Este possui um *kiosque*, gerido pela sua mulher, Sra. Maria, e o trânsito das crianças entre a casa do Sr. Marcos e o *kiosque*/casa do Sr. Leonardo eram intensos durante o dia, tanto para buscar algum item que estava em falta na casa, como para ajudar na venda.

¹²¹ As práticas da *kultura*, como manutenção da relação ancestral, sofreu forte repressão com o cristianismo, impactando também no ato de esculpir. Para informações sobre o impacto da adesão religiosa para a prática de esculpir, ver “*The Sculptures of Atauro Island*” (BARRKMAN, 2017).



Figura 29 - Modelo de estátuas modernas do Sr. Leonardo produzidas com tinta¹²²

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Voltemos à história do Sr. Marcos depois do regresso para Ataúro, do casamento com a Sra. Tomásia e do trabalho como escultor. Não descobri como adquiriu habilidades com a língua portuguesa e inglesa, mas pelos relatos, isso foi devido às relações que desenvolveu durante o período fora de Ataúro. De qualquer forma, como exposto, tais habilidades linguísticas possibilitaram e continuam possibilitando ao Sr. Marcos uma inserção no *mercado turístico* diferenciada. Diversos artesãos me relatavam como ele possuiu “colegas” e conseguia vender porque consegue se comunicar.

O Sr. Marcos já participou de algumas exposições nacionais, promovidas pela Secretaria de Estado da Cultura, e já teve suas estátuas expostas em museus na Austrália. Também relatou que em 2007 e 2008 realizou uma exposição junto com outros quatro artesãos do grupo Cultura de Ataúro de Makili – Leonardo, seu irmão, Antônio, Mario e Vicente – em parceria com pesquisadores brasileiros, que lhe rendeu o dinheiro com o qual construiu a sua casa e a do seu irmão. Essa participação em eventos nacionais e internacionais faz com que ele seja um dos artesãos procurado por agentes do governo, de ONGs, dentre outros¹²³.

¹²² Segundo o Sr. Leonardo, a opção por usar a tinta, ao invés do fumo, se dá em decorrência do fato da tinta manter a cor intacta independente de muito sol ou chuva.

¹²³ Em uma das minhas estadias, ele recebeu uma ligação solicitando quatro estátuas de porte médio para serem entregues em dois dias. Apesar de ter contado com a ajuda de um dos colegas do grupo, ele foi o maior responsável pela produção.

Não há como determinar em qual momento a situação econômica da família Pacheco modificou. Depois de relatar sobre as exposições, sobre a construção da casa, o Sr. Marcos afirmou: “agora eu não sou mais pobre; agora eu tenho casa, mas porque eu trabalho”. Construir a casa e auxiliar financeiramente alguns entes da família, seja nos estudos, na realização de cerimônias, dentre outros, foram apresentados durante diversos momentos de diálogo como fatores de ascensão e distinção social.

O que chamou a minha atenção para a casa foi a centralidade desta, na fala do Sr. Marcos, como um indicador de riqueza. Não obstante a casa física da família não seja tão diferente das outras, especulo que a riqueza a qual o Sr. Marcos se referia está relacionada com o local social da casa para as suas relações, entendendo, assim, riqueza como riqueza em pessoas e relações.

Em termos de dimensão, a casa do escultor não se diferenciava tanto das outras. O que aparecia como destoante era o fato da casa ser pintada tanto por dentro como por fora em um tom similar ao que entendedores de palhetas de cores chamariam de azul piscina. O chão não era de terra batida, como de costume; já possuía o cimento. E apesar de a maioria dormir no chão, em esteiras, existiam camas para todos os moradores. Esses pontos, por mais básicos que possam parecer, no contexto de Makili, demonstram uma diferenciação social e financeira, frente ao restante da comunidade¹²⁴.

De certa forma, as diferenças estruturais da casa do Sr. Marcos se juntavam com o fato deste espaço ser apresentado como propício para os estudos. A casa e o acolhimento pelos estudos contribuíram para que alguns dos irmãos mais novos da Sra. Tomásia morassem lá em algum momento durante a juventude: Alcino, Ingracia, Lúcio e Natalia¹²⁵. Mas, como um acordo pré-determinado, era preciso retribuir, ajudando nos afazeres de casa¹²⁶, situação comum em Timor-Leste, como expresso acima no caso da Adita.

¹²⁴ Em conversa com o Sr. Padre Luís, ele me alertou para como essas questões de pintura, cama e cimento são raras nas casas de Makili.

¹²⁵ Exceto Alcino, que decidiu seguir o trabalho como escultor, e Natalia, que ainda estava no ensino secundário, os outros dois recebem auxílio do Sr. Marcos para se manterem na universidade em Díli, assim como o cunhado, João, já recebeu.

¹²⁶ Durante alguns momentos do campo com os estudos em Díli, encontrei situações nas quais as mulheres morando de favor na casa de algum parente tinham uma sobrecarga de tarefas, diferente da situação de alguns homens. No caso exposto, não consigo afirmar como isso se configura, mas é algo que me era relatado: a quantidade de tarefas que muitas meninas precisam exercer nas casas dos parentes que as recebem em Díli acaba impactando no desempenho delas na universidade. O artigo da Therese Tam (2018) ainda no formato de *working paper* “Women’s income-generating activities, challenges and policy implication in Timor-Leste” apresentado no Simpósio Internacional Economic Dynamycs nd Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste pode apresentar maiores contribuições sobre essa questão.

A casa também era relatada como objeto de inveja pelos vizinhos. Durante algumas noites, a família ficou acordada, rezando, por que supostamente alguém, por inveja deles, da casa, estava jogando bruxaria que estava afetando uma das suas filhas, Joana. Já tinham ido nos médicos e aparentemente não era nada. Os casos de inveja relacionados com bruxaria eram relatados em diferentes momentos. Conectando esses rumores de bruxaria com o fato da sua casa ter uma das melhores estruturas em decorrência do seu trabalho com *merkadorias*, podemos aventar a produção de *merkadoria* potencializa a inveja; potencializa o questionamento da diferenciação social por parte do restante da comunidade, que aparentemente não aceita a desigualdade¹²⁷. Se a institucionalização Estado instaura também a produção de classes sociais (CLASTRES, 2003), pode-se indicar que a bruxaria seria um modo de trabalhar contra a diferenciação social.

De toda forma, os relatos sobre os investimentos na estrutura física da casa se complementa com os discursos sobre como ali já havia morado outros irmãos, primos, etc. Entendo que investir financeiramente na casa, enquanto estrutura¹²⁸, receber os jovens, e apoiá-los nos estudos universitário, é demonstrar que possui condições de investir nas relações, e consequentemente elevar o seu *status* social. O regime de troca de dádiva e a agência da dívida podem auxiliar para compreender o caminho traçado com o valor monetário recebido do trabalho com as estátuas. Explicarei o que quero dizer.

Não pretendo afirmar que os trânsitos de membros das famílias entre as casas estão condicionados às condições materiais e ao recurso monetário adquirido. Na verdade, identifiquei que ao investir na casa e posicioná-la como um espaço diferenciado para os jovens que desejam estudar, além de ter a compensação imediata da ajuda na gestão doméstica, a longo prazo, esses jovens deverão retribuir de alguma forma. E isso acontece nos mesmos termos para o auxílio financeiro destinado para a estadia universitária em Díli dos jovens da família.

Como cheguei a essa reflexão? Na noite do dia 24 de novembro de 2017, depois da janta, estávamos eu, Sr. Marcos e Sra. Tomásia, tomando o nosso café noturno, e enquanto ele trabalhava nas estátuas, eu tirava dúvidas, perguntava sobre a sua vida e contava um pouco da minha realidade no Brasil. Saber como é a minha família, se tenho irmãos, o que comemos, é algo que os interessava. Caímos no assunto sobre os estudos universitários dos jovens da família.

¹²⁷ Em “O diabo e o fetiche da mercadoria”, Taussig (2010) apresenta um argumento similar, qual seja, que em alguns contextos o enriquecimento de algumas pessoas era explicado como consequência de algum pacto com o diabo, indicando assim uma crítica moral a grandes diferenças.

¹²⁸ Não desconsidero, aqui, o desejo de aprimoramento das condições infraestruturais da casa em si.

O irmão da Sra. Tomásia, João, também recebeu ajuda do Sr. Marcos para os estudos. No entanto, ao se casar, abandonou o curso. Quando comentou este fato, o Sr. Marcos demonstrou um descontentamento com a atitude do João. “Pode casar, mas precisa estudar primeiro, para conseguir ter um bom futuro”. Ele sabia exatamente qual o valor monetário tinha investido nos estudos do jovem e perguntei: “e você espera que ele devolva esse valor?”. A sua resposta foi interessante: “não; eu não preciso desse valor porque não preciso de estudos; eu apenas quero que no futuro eles possam ajudar os meus filhos a estudarem, e para isso precisam ter condições financeiras”. É a retroalimentação do investimento; é investimento a longo prazo¹²⁹.

Esses jovens estarão em débito com o Sr. Marcos. Circunscrevendo essa relação no regime da dádiva (MAUSS, 2003), a visualização da retribuição não está no dinheiro em si. Como exposto na organização do casamento, quanto maior o número de relações, alianças e de dívidas que se consiga angariar, maior o *status* social. Ao meu ver, seria esta a maior motivação das trocas e dos investimentos relacionados à produção de estátuas. Avento, assim, que a produção de *merkadorias*, a busca por recursos monetários, esteja ancorada, dentre outros fatores, no desejo de estender o raio de relações, assim como o *status* social.

Poderia parar por aqui e entender essa relação do Sr. Marcos principalmente com os cunhados como um investimento de desejo pessoal, o que não é descartado. No entanto, como exposto na primeira seção, o casamento e o modo como este interfere na dinâmica cotidiana me faz estender essa compreensão e especular se algo da dinâmica matrimonial, ancorada no regime de troca de dádivas, não tem agência nesses investimentos.

Ao casar-se com a Sr. Tomásia e firmar a aliança entre a sua *lisan*, *Lulopun*, e a *Hatudalas*, a primeira, representada pelo Sr. Marcos, se apresenta em constante situação de dívida/débito com a família e *lisan Hatudalas*. Esse débito, que interfere na posição de poder do Sr. Marcos, é pago durante toda a vida – e além dela – o que torna a retribuição da aliança firmada nos casamentos entre as *lisan* um importante elemento na contabilidade financeira familiar¹³⁰. Como um dos princípios da dádiva é a reciprocidade, esta situação de débito não ocorre apenas em uma direção, já que a *lisan Hatudalas* também precisa retribuir o fato da mulher ter sido recebida pela *lisan Lulopun*.

¹²⁹ Infelizmente, investimento, assim como outros termos, são demasiadamente carregados no sentido econômico capitalista. Em concordância com a Profa. Teresa Cunha, deixo aqui o nosso convite para que tenhamos mais criatividade epistemológica que nos ajude a desconstruir essa suposta homogeneidade capitalista que se impõe inclusive no domínio linguístico.

¹³⁰ Em momentos de conversas passageiras com outras pessoas, homens e mulheres, em Makili, eles me relatavam a importância do dinheiro advindo das produções para o *mercado* para auxiliar nas obrigações cerimoniais da *kultura*.

O que essa dinâmica organizacional indica, é que, em geral, o esposo se posiciona subordinado à família da mulher. Avento, assim, que os auxílios financeiros, para além daqueles “obrigatórios” em cerimônias, surgem como uma forma de aumentar o *status* de poder e a posição social do Sr. Marcos, diante da família da Sra. Tomásia. E a opção por priorizar a ajuda na dimensão escolar dos jovens da família aparece como uma forma de garantir que terá o retorno deste investimento.

Em resumo, explorei aqui como a organização social de Makili e as regras de matrimônio que, no limite, posicionam o homem em situação de poder inferior diante da casa de origem da mulher impactam nas decisões de investimento do dinheiro recebido pela venda de estátuas, no caso do Sr. Marcos. Ao investir parte do dinheiro no futuro dos jovens, seja os recebendo na sua casa ou pagando parte dos seus estudos, o Sr. Marcos está buscando legitimar e aumentar o seu *status* na relação com a família da esposa. Mostrar que consegue manter e aumentar seu raio de relações, assim como investir em dívidas de longo prazo – como no caso dos estudos – é de suma importância para alcançar maior prestígio.

3.3 Eu e o Sr. Marcos. O celular e as estátuas

No *merkado*, a troca se orienta pela independência entre as partes, equivalência de valor entre os itens trocados, e retribuição instantânea (SILVA, 2016). Pode-se dizer que o objetivo da troca está em conseguir angariar mais recompensa material. A dinâmica da dádiva, com a sua dependência contínua entre as partes, a necessidade do tempo para retribuir, fundamenta os investimentos no objetivo de angariar relações.

A partir da experiência com a família do Sr. Marcos, posso sugerir que se por um lado a prática de produzir *merkadorias* para o *merkado*, principalmente *turístiku*, na dinâmica de troca de *merkado*, tem relação com o desejo de aquisição de dinheiro, por outro, esse desejo não segue os princípios de investimento que se espera neste regime de troca. O círculo que este dinheiro percorre transita entre *merkado* e dádiva. Adquirido, muitas vezes, como uma troca de *merkado*, ele pode ser reinvestido em troca de dádivas.

Abordar a dinâmica econômica como algo separado da organização social, do parentesco e de outras dimensões sociais pode tornar incompreensível algumas utilizações do dinheiro e decisões de investimento. Além do acima exposto, a experiência de troca das estátuas pelo celular, também corrobora para o que estou sugerindo. Abordo aqui como ocorreu essa troca.

Devido à hospitalidade e por um desejo pessoal de estreitar os laços com esta família, retomei com o Sr. Marcos a sua proposta de trocar estátuas por um celular *smartphone*. Não parecia um mistério, ao meu ver. As estátuas, que possuem um valor monetário em torno de 15 e 20 dólares, seriam trocadas por um celular com um valor equivalente à quantidade de estátuas definida. Afirmiei o meu interesse em adquirir as estátuas ‘o casal’, independente do celular, por ter a intenção de levá-las para o Brasil, como presentes. Além de realizar pesquisa, eu também circulava como turista naquele contexto.

Quando o informei desse desejo, ele me questionou: “quantas estátuas você quer?”. Esperando que ele mensurasse o valor das estátuas, perguntei “quanto o senhor acha que é válido pelo celular? qual é o valor de cada uma?”, na tentativa de, assim, fazer um cálculo equivalente entre celular e estátuas. A sua resposta foi mais uma surpresa – ele disse “*konforme*”. Nesse momento, a dúvida se aquela troca estava inscrita apenas no regime de *merkado* ou se outras lógicas estariam sendo negociadas começou a me acompanhar. Apesar da angústia, deixei a situação como estava e levei o celular na visita seguinte. A entrega ocasionou uma turbulência no cotidiano da família. As crianças e os jovens, a partir daí, passaram a se entreter e usar o celular até com maior frequência que o próprio Sr. Marcos.

O pagamento ou retribuição (MAUSS, 2003), a depender de qual regime se está localizado, levou um tempo que, no modo do *merkado* e de *merkadorias*, não é recorrente: um mês. Apesar da agonia, já tinha aceitado que existia a possibilidade de retornar para o Brasil sem nada. Duas semanas antes da minha partida, a entrega foi feita.

Para o meu espanto, a quantidade e valor monetário eram muito maiores do que eu esperava pelo valor pago no celular. Em uma conta direta, eu esperava em torno de quatro a cinco peças. No entanto, o que eu recebi foi um compilado de artefatos, contendo, cinco casais de estátuas do modelo ‘o casal’, um *luhu*¹³¹, um *lafatik*¹³², e outros artesanatos que também são vendidos nos mercados turísticos – seis imagem do crocodilo de diferentes tamanhos, uma estátua no modelo pensador, um barco que representa a pescaria – uma das atividades econômicas principais da comunidade – e cinco mini máscaras. O débito no qual aparentemente eles estavam comigo, foi transposto: a sensação era a de que, depois daquela retribuição, quem estava em dívida era eu.

¹³¹ No formato de uma pequena cesta, trançado com palhas das palmeiras locais, esse objeto é muito utilizado nos rituais da *kultura* em Timor-Leste. Assim como as estátuas, é um item muito presente nas lojas de *souvenirs* por todo o país.

¹³² Produção similar ao *luhu*, este é geralmente usado para selecionar o arroz antes do cozimento e também serve como peneira em alguns casos.

Eu esperava que apenas as estátuas identificadas como ‘o casal’ fizessem parte da troca, por terem sido os principais modelos os quais eu observava o Sr. Marcos produzindo. Quando me entregaram os itens, fizeram questões de explicar porque o barco, as máscaras, os crocodilos e os outros itens também estavam incluídos. Cada artefato era um pedaço de Makili e exceto as estátuas ‘o casal’, produzidas pelo Sr. Marcos, o restante tinha sido adquirido de outros artesãos e artesãs do *suku*.

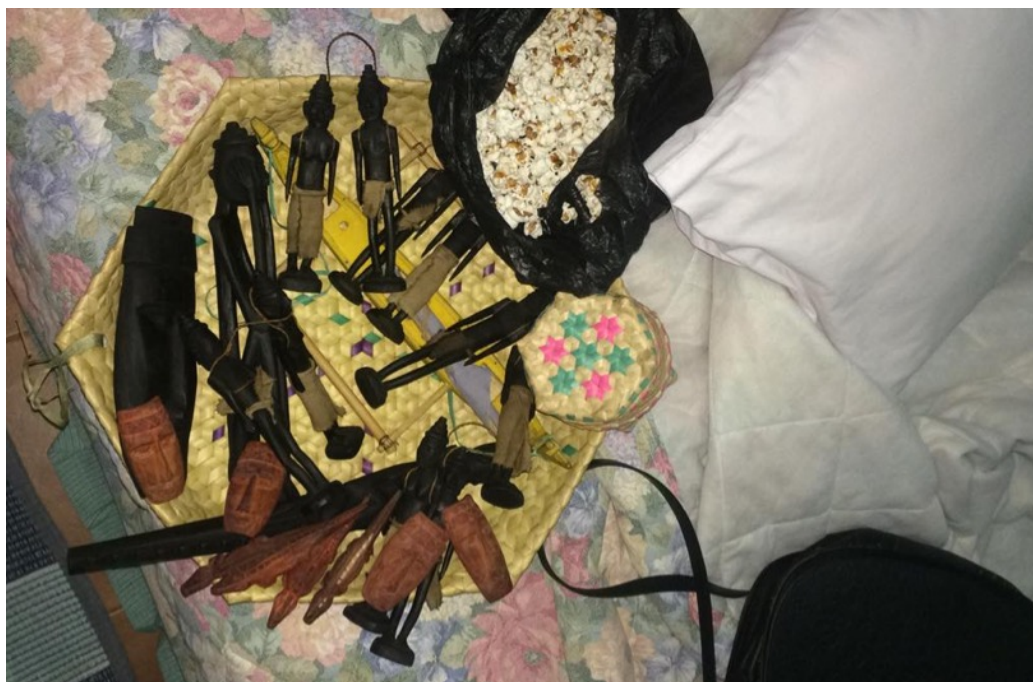


Figura 30 - Compilado de presentes recebidos em troca do celular

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Esta foi uma situação que também me alertou para como a dádiva é um dos regimes prioritários de troca no cotidiano. Ao devolver muito mais do que eu esperava um mês depois e essa situação ter ocorrido no último final de semana, percebi que a motivação em se engajar naquela troca atípica com estrangeiros e turistas estava em manter a relação comigo, mesmo que eu retornasse para o Brasil. E não só o Sr. Marcos, como toda a família Pacheco estava envolvida nessa troca. O artifício de postergar essa devolução até o último momento me colocou em situação de dívida – que se estende até hoje.

3.4 E a Sra. Tomásia?

Até o momento, pouco comentei sobre o cotidiano da Sra. Tomásia, apesar de ter expresso que a sua maior responsabilidade está na gestão da casa. Como parte final do capítulo,

exponho a sua importância para o trabalho com as estátuas do Sr. Marcos. Com ela aprendi muito e foi no espaço da cozinha, próximo ao local de trabalho do Sr. Marcos, que mais a ouvia e refletia. Acessar o espaço da cozinha a ponto de conseguir ajudar era sempre um desafio durante o período que vivi com a família Pacheco, em Ataúro. Como estrangeira, este era um espaço proibido, pelo incômodo que a fumaça e os respingos poderiam me causar. Mal sabiam eles que era ali onde eu me sentia mais confortável.

Aos poucos, fui “burlando” as regras e demonstrando interesse em aprender mais sobre a culinária, algo que pessoalmente me atrai muito. No começo, apenas observava e perguntava, como uma criança. Depois, já estava lavando a louça pós-almoço. Na última visita, aprendi a fazer um dos pratos que eu mais gostava. Esses eram os momentos que tinham as melhores conversas, risadas e reflexões principalmente com a Sra. Tomásia e as crianças. Era quando estava supostamente apenas como Ana, sem o foco nas estátuas, que as histórias e o que era importante para eles surgia. Foi o ato de “sair do campo” que me fez acessar o campo.

Primeiro, gostaria de indicar ao leitor que entendo gênero segundo o conceito de Errington (1999): um sistema cultural de símbolos com implicações tanto para homens quanto para mulheres e que pode nos informar como cada um acessa as fontes de poder, prestígio e status social¹³³. A autora busca entender como a diferença entre os gêneros opera no sistema de prestígio local na região do sudeste asiático. Poder e prestígio, então, são impactados por conceitos de masculino e feminino (ERRINGTON, 1990).

Assim como Barrkman (2017), a autora demonstra como a organização social e o poder¹³⁴, nas ilhas onde se encontra Timor-Leste, estão ancorados no dualismo e que este se expressa no tipo hierárquico, pela idade, e no complementar, pela diferença sexual. No segundo caso, apesar da fratura, as duas partes – homem-mulher/irmão-irmã – nada mais são do que segmentos que formam o todo da potência (ERRINGTON, 1990). De um lado, o feminino está ligado ao interior, que é espiritualmente mais potente, enquanto o masculino, dimensão exterior, costuma ter a oratória como uma habilidade e ser espiritualmente menos potente. Em geral, são as atividades que se pratica e se engajam que definem as diferenças e não exatamente o sexo.

A explicação conceitual do termo gênero e a centralidade do dualismo e da complementariedade para compreensão do poder na região é uma forma de indicar que o fato da mulher, em alguns casos, não estar envolvida em atividades públicas; ou não ter algum

¹³³ A autora discorda dos discursos comuns de gênero que costumam relacionar gênero apenas às mulheres

¹³⁴ Errington (1999) utiliza o termo potência, para diferenciar da forma ocidental que liga poder à força, algo que não pode ser generalizado, já que na região estudada, o poder se expressa na não necessidade de impor força, mas na acumulação de prestígio (p. 45).

trabalho que a remunere financeiramente, não significa que ela está em submissão ao homem ou que esteja desprovida de poder, como muitos atores de governança afirmam¹³⁵. Indicar que a mulher em casa significa ausência de poder pode ser uma grande violência. A conversa com a Sra. Tomásia me alertou sobre essa questão.

Durante a semana, as crianças, exceto o Aleki, se direcionam para a escola. A Sra. Tomásia acorda cedo e junto com as próprias crianças, ajuda a organizar o café da manhã. Na ausência da Ingracia ou da Adita, as crianças auxiliam a mãe, que fica muito consumida pelo filho mais novo. Todos estudam de manhã e apenas o André, filho mais velho, à tarde.

O período entre a saída das crianças e o retorno é quando a Sra. Tomásia trabalha na horta, organiza a casa, dentre outros afazeres. O almoço costuma estar pronto quando as crianças retornam. Durante este período, o Sr. Marcos produz as estátuas. O período vespertino segue um pouco a mesma dinâmica, com o restante das crianças em casa, ajudando a Sra. Tomásia a lavar a roupa, e etc. Em suma, todas as atividades relacionadas à manutenção do espaço da casa passam por ela e mesmo quando o Sr. Marcos era o responsável pela decisão final – como os casos que envolvem dinheiro – ela era consultada primeiro, como por exemplo nas situações em que as crianças pediam para ir para Díli.

Em uma das nossas conversas, a Sra. Tomásia proferiu a seguinte frase que me impactou: “para ele [o Sr. Marcos] trabalhar, eu preciso estar em casa, por que eu que cuido da casa”. Em outro momento, ela disse: “eu gostaria, mas não posso trabalhar fora como outras mulheres porque eu preciso cuidar da casa; tenho sete filhos”. Ela comentou sobre os grupos de produção organizados pelo Padre Luís, mas que a principal dificuldade é o fato de não poder estar em casa. Ou seja, para o Sr. Marcos produzir as estátuas, ele precisa que a sua mulher concorde em ficar em casa, sacrifique alguns desejos. Os dois negociam. Era frequente, nas nossas conversas, a sugestão de que o fato do Sr. Marcos conseguir trabalhar se dá em razão da opção da Sra. Tomásia de trabalhar em casa nas atividades de produção e reprodução doméstica.

Ao mencionar a dificuldade de trabalhar fora do espaço doméstico, a Sra. Tomásia trouxe um novo ponto: como nesse processo de produção de *merkadorias*, para alguns casos, significa também uma nova gestão do corpo e da energia. Pensando nas concomitâncias da produção de *merkadoria*, tem sido difundido uma nova dinâmica para as mulheres, que são motivadas pelos diferentes atores a trabalharem em grupos e em um espaço específico. Se separa o espaço doméstico do espaço de produção – o privado do público – como no caso das

¹³⁵ Não desconsidero os casos de violência física que acometem as mulheres em Timor-Leste, mas acredito que a compreensão dessa questão precisa levar em conta a diversidade e complexidade das noções de gênero e pessoa que norteiam as decisões dos papéis os quais homens e mulheres assumem no cotidiano.

produções via cooperativa – Empresa Di’ak e Boneca de Atauro. A divisão entre o doméstico e o público, assim como o entendimento de ser o último o espaço de empoderamento, pode também destituir as mulheres dos seus espaços de poder e dos seus conhecimentos.

Ao expressar um certo orgulho em ser a gestora e dona da casa; em ser aquela que é imprescindível para a reprodução da família, a Sra. Tomásia me demonstrava com a ideia de empoderamento pela produção de *merkadorias* é uma forma particular de encaixar o poder. O fato desta se manter mais presente no espaço doméstico não me pareceu ser uma forma de submissão ou ausência de poder na tomada de decisões. Pode ser que em termos de investimento monetário, o Sr. Marcos tenha maior agência, mas, por outro lado, as decisões do que se deve investir e oferecer nos momentos de cerimônias da *kultura* – quanto de milho, café, açúcar, dentre outros será doado – está nas mãos da Sra. Tomásia.



Figura 31 - Eu e a Sra. Tomásia preparando o prato Tuku Bela

Fonte: Arquivo pessoal da autora

3.5 Considerações finais

O conceito de investimento foi a questão principal que analisei neste capítulo. As pessoas produzem *merkadorias* para investirem na melhoria das suas vidas, para conseguirem ascensão social, para aumentarem as possibilidades e visões de futuro daqueles a sua volta. Neste ponto não discordo dos principais discursos dos atores de governança em Timor-Leste sobre investimento, que focam na necessidade de melhoria das condições básicas das famílias;

da casa; do estudo dos jovens. Algumas ONGs e coletivos acompanhados sugerem que o dinheiro deve ser reinvestido na família e no próprio trabalho dos artesãos, garantindo a continuidade da produção. No entanto, espero ter demonstrado que nem sempre é a lógica de um reinvestimento financeiro e monetário lucrativo que norteiam as decisões de produzir e de onde direcionar o dinheiro. Além do que, a própria ideia de investimento na família precisa levar em conta o modo de organização local. O investimento é uma estratégia de reprodução e o ato de reproduzir não pode ser naturalizado como algo necessariamente monetizado.

Percorri diversos espaços que pareciam ter relação com o discurso que enaltece a produção de *merkadorias* como uma das principais formas do desenvolvimento econômico do país. Conheci diversos grupos. Encontrei diversas mulheres e ouvi suas histórias sobre como começaram a produzir e por que produzem. Relataram como a produção tem uma importância singular, que possibilita às novas gerações diferentes opções de vida. Conheci diversos jovens que tinham a oportunidade de estudar, pelo dinheiro que as famílias recebiam por produzirem algo para o *merkado* – *turístiku* ou não.

Em nenhum desses momentos esperava que o reencontro com o Sr. Marcos fosse ocorrer e, muito menos, que este fosse ser o eixo central de análise que comporia a minha monografia. Com a sua família e a inserção na comunidade de Makili, pude observar como os investimentos realizados com o dinheiro advindo das estátuas tem muito a ver com os princípios de organização social ancorados no regime de troca de dádiva. O *merkado* e a sua dinâmica é um espaço de extrema importância, já que nele se consegue também angariar riquezas. No entanto, ele não aparece como o fim último de motivação para a produção. Não é a troca instantânea e equivalente, que evita o débito, o estimulante para o trabalho com as estátuas.

Argumento que o dinheiro recebido no regime de troca do *merkado* é investido na troca de dádivas. Encarar a economia como heterogênea, sendo permeada por diferentes regimes, pode ser mais frutífero para compreendermos como as mudanças e mobilidades sociais têm ocorrido. O regime de mercado e de dádiva não são impermeáveis, e assim como demonstrou Valeri (1994); trocas que comecem como dádiva podem se encaminhar para o modelo do *merkado* e vice-versa. Estou sugerindo que o *merkado* é encapsulado pela lógica do regime da dádiva, na hora de realizar o investimento. Nos contextos aqui analisados, meus interlocutores reinvestem o que produzem para o *merkado* na produção de pessoas e na relação entre elas, com a expectativa de um investimento a longo prazo. Na expectativa de reprodução das relações.

O Sr. Marcos, orgulhoso do seu trabalho, era orgulhoso das relações que ele com o dinheiro conseguia angariar. Era orgulhoso das conexões internacionais que já realizou

produzindo estátuas; das pessoas e turistas que ajudou por falar português e inglês; dos locais onde suas estátuas estão; dos familiares que já conseguiu ajudar com o dinheiro. Parecia que ao produzir as estátuas, uma parte sua se encaminhava junto com aqueles que adquiriram, como a troca de dádiva nos mostra: as estátuas representam as relações que ele construiu, as que conseguiu manter e as que ainda poderá construir. Segundo o esquema de prestações matrimoniais, a sua posição de poder em relação à família da Sra. Tomásia é inferior; conseguir ajudar seus cunhados no ensino, demonstrar todas essas conexões e possibilidades é uma forma de elevar o seu *status* social e conseguir poder por outros meios.

Apesar de mudanças no sistema de crenças espirituais em decorrência da adesão ao cristianismo (BARRKMAN, 2017), o fato da comunidade ser principalmente católica permitiu que a produção dessas estátuas continuassem, diferente de contextos protestantes¹³⁶. A procura de turistas por artefatos originais e locais das comunidades também é um fator importante para a difusão da prática de esculpir em Makili. Quiçá uma revalorização dos saberes locais envolvidos na produção de estátuas e outros artefatos possa decorrer do incremento do turismo no país.

Essa possibilidade tem suas limitações. Pela maior responsabilidade feminina na gestão da casa, e o espaço interior da casa estar relacionada diretamente às mulheres em Makili, a possibilidade de produzir algo para o *mercado* não é tão ampla como para alguns homens. São poucos os casos de mulheres, com a estrutura familiar similar à da Sra. Tomásia, que conseguem ter a jornada de trabalho fora de casa ou que conseguem se ausentar das tarefas domésticas para produzir.

De toda forma, também não são todas as mulheres que enxergam o trabalho de produção para o *mercado* fora do ambiente doméstico como um espaço de empoderamento. A Sra. Tomásia, tinha o desejo de se engajar em outras atividades produtivas além daquelas necessárias para a reprodução doméstica de sua família, como costurar, por exemplo. Mas a sua prioridade eram as atividades domésticas. A casa é comandada por ela e é onde está o seu poder. Encará-la como desprovida de agência, de poder, por não estar produzindo para o *mercado* ou não ter atividade em espaço público, é desconsiderar que poder não é um conceito universal. Ele se constitui de diferentes formas a depender do contexto (ERRINGTON, 1990). E, no caso de Makili, tendo a sugerir como hipótese que o fato do seu casamento gerar frutos para os seus irmãos, como a possibilidade de estudar, possa coloca-la com mais poder.

¹³⁶ A discussão mais detalhada sobre essa diferença está presente no segundo capítulo.

Desta forma, percebe-se que não existe apenas um caminho para o desenvolvimento econômico; para a seleção de onde e como investir. Os discursos indicam um caminho econômico, mas o que sugiro é que a heterogeneidade econômica, a pluralidade e diversidade (GIBSON-GRAHAM, 1996) permeiam o cotidiano das comunidades e deve ser considerada. Assim como não existe apenas uma forma de se empoderar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver economicamente o país e a sua população é um projeto que alimenta práticas de governo diversas em Timor-leste e alhures. Busquei demonstrar nesta monografia como as pautas e propostas de mudanças econômicas estão inseridas, imbricadas e de certa forma condicionadas ao modo de organização social, à *kultura*, à prática religiosa, à infraestrutura e possibilidades de locomoção das comunidades, às noções e papéis sociais locais de cada gênero, aos desejos individuais, à dinâmica doméstica das famílias, dentre outros fatores. Transformar as populações economicamente implica negociar com essas várias dimensões da vida.

Compreender a economia dessa forma mais ampla é um desafio não só na Antropologia como nos estudos das Ciências Econômicas. Como indicado na introdução deste trabalho, a categoria economia é permeada por diversas compreensões do senso comum que dificultam a expansão do termo. Quando decidi me engajar na área da Antropologia Econômica, percebi em mim essa dificuldade. Considerar a economia como um processo acerca da reprodução social – para além de material – da vida, permeada por diferentes variáveis, é um constante questionar a si mesmo; é um constante policiamento para não julgar, *a priori*, a relação das pessoas com suas decisões de investimento cotidianas.

Para me auxiliar no propósito de desmembrar e expandir o conceito de economia, além dos autores explicitados ao longo dessa monografia – Gregory (1982), Gibson-Graham (1996), Strathern (1992), Silva (2016), Karim (2011) dentre outros – reservei para esta conclusão a explicação teórica de Stephen Gudeman (2001). Quando comento sobre a organização social, a forma como são geridos os recursos materiais e humanos para realizar as trocas cerimoniais, pareço fugir, para alguns, um pouco do enfoque econômico. Será?

Se pensarmos na esfera econômica como regendo apenas questões de produção, distribuição e consumo de objetos¹³⁷ ou como uma “análise de como recursos escassos eram alocados a fins competitivos” (HANN, 2018), muitos dos apontamentos feitos durante esta monografia podem parecer desconectados. No entanto, gostaria, com as perspectivas analíticas de Stephen Gudeman (2001), desafiar a compreensão do senso comum da economia.

Em contraposição aos preceitos da economia clássica, Gudeman (2001) propõe a definição de economia como uma dimensão a qual pertenceriam dois domínios de valores, a

¹³⁷ Sahlins (1972), ao comentar sobre o mercado industrial, nos apresenta também uma boa representação do que seriam algumas das preocupações econômicas recorrentes: “O sistema de mercado industrial institui a escassez de modo jamais visto em qualquer outra parte. Onde a produção e distribuição são organizadas através do comportamento dos preços, e todos os meios de vida dependem de ganhar e gastar, a insuficiência dos meios materiais torna-se o ponto de partida explícito e calculável de toda atividade econômica” (p. 3).

saber, o da comunidade – que envolve “associações locais [e] solidariedades imaginadas que as pessoas experienciam” (p. 1) – e o do mercado – indica as trocas anônimas e de curto prazo – que possuem valores próprios. Nas palavras do autor:

De um lado [da comunidade], economia é local e específica, constituída através de relações sociais e valores definidos contextualmente. Do outro [do mercado], é impessoal, até mesmo global, e abstrata do contexto social; esta dimensão consiste em agentes separados, mas interativos (2001, p. 1 – tradução nossa).

Ao propor essas duas perspectivas na sua obra, Gudeman (2001) intenta desconstruir a noção corrente de que a economia envolveria apenas as dimensões mercadológicas ou da reprodução material. A relação desses dois domínios – comunidade e mercado – é complexa e resulta em uma tensão constante. Em algumas circunstâncias podem estar separados e opostos, enquanto em outras, se conformarem como mutualmente dependentes e interativos. É mais próxima dessa interpretação que empreguei o termo economia nos capítulos precedentes. E isso implica dizer, ao meu ver, que estudar a economia é estudar também como ocorre, por meio da produção, da troca, da distribuição e do consumo, a reposição e reprodução de objetos, pessoas e valores.

Entender as regras e os valores que regem as relações entre e nas comunidades – como por exemplo, as regras de parentesco e das trocas matrimoniais – e estar atenta às motivações por trás desses engajamentos significa descentralizar a ideia de economia relacionada ao movimento do mercado e dos preços. Analisei a economia no seu sentido amplo e local, percebendo e dando atenção aos valores e conceitos locais que mobilizam a produção, as trocas e a própria reprodução social das comunidades em geral e saindo da ideia de universalidade globalizante do sistema econômico capitalista (SAHLINS, 1972; HERZFELD, 2016; GUDEMAN, 2001; GIBSON-GRAHAM, 1996).

O que se faz fulcral na análise econômica deste trabalho e permeou todos os capítulos foi a noção de que os processos econômicos estão imersos e são influenciados pelos modos de sociabilidades presentes nas relações. Sim, estou chamando atenção para a primazia da relação social e do contexto cultural (SAHLINS, 1972; GUDEMAN, 2001; POLANYI, 2000) para considerar os movimentos de desenvolvimento econômico nacionais. Entendo que a pauta econômica como posta atualmente nas relações financeiras transnacionais, esquece-se que ao prever as expectativas do mercado, da demanda e da oferta; ao impor taxas de juros – ou retirá-las – na expectativa de que aquilo reflita em certo investimento, está projetando atitudes de pessoas que estão imersas em contextos e relações sociais baseadas, muitas vezes, em outros

preceitos que não aqueles do que é chamado pelo campo das ciências econômicas como “homem econômico” (COUTINHO, 1993).

Fazendo *merkadorias* para expandir o *mercado*

Os discursos contemporâneos em Timor-Leste, presentes no Plano Estratégico de Desenvolvimento (TIMOR-LESTE, 2011), no Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Gênero (TIMOR-LESTE, 2017), na Rede Feto e Empresa Di’ak, dentre outros, têm se pautado cada vez mais na transformação econômica nacional; no fortalecimento da economia por meio de mudança na relação das populações com os seus saberes e modos de organização locais. Argumentei que as mudanças propostas por parte dos atores – intensificação da produção de objetos como *merkadorias* e da relação com o *mercado* – tem na base das ações a pressuposição de que a economia desenvolvida é aquela a qual as pessoas se reproduzem, principalmente, por trocas com o *mercado*.

Nos discursos, analisados no primeiro capítulo, se demonstra como o principal eixo argumentativo para o desenvolvimento nacional está relacionado com a “mudança de mentalidade de subsistência para a de mercado”. Para a suposta mudança de mentalidade – que entendo como mudança na forma pela qual as comunidades investem seus recursos monetários, tempo, conhecimentos, dentre outros – é indicada a necessidade de deixar de apenas consumir e gastar, atitudes ligadas à dimensão da subsistência, e passar a priorizar a produção e a poupança – o que ocorreria de forma efetiva na dimensão do *mercado*.

Com a definição teórica das duas dinâmicas econômicas – subsistência e mercado – apresentada no primeiro capítulo (PRADO JR, 1979; FURTADO, 1970), identifiquei que uma das transformações importantes para essa suposta transição está na forma de valorar os artefatos produzidos localmente. Supõe-se que o valor de uso vigora como único valor na dimensão da subsistência, enquanto o valor de troca – principalmente monetário – estaria presente na economia de mercado. Como indicado por Narotzky (2004), são nas sociedades de mercado que o valor de troca está relacionado diretamente à dimensão monetária por meio do preço.

Em contextos como os de Timor-Leste, em que a economia de mercado está em processo de expansão e se relaciona com outras dinâmicas econômicas, supor que o fato de não trocar com o mercado implica em uma economia de subsistência é desconsiderar formatos locais de produção e reprodução. O preço e o dinheiro, como resultados da troca, é uma dentre as possibilidades. Existem regimes de troca, como o de dádiva, em que os objetos possuem valor de troca não-monetário. Considerando a condição ontológica da mercadoria como uma das

possíveis identidades dos objetos (KOPYTOFF, 2008), demonstrei quais são alguns mecanismos através dos quais os atores de governança têm impulsionado essa roupagem nos artefatos.

Com a análise dos grupos de produção selecionados pela Rede Feto, observamos uma dimensão importante do processo de disseminação da roupagem *merkadoria* aos produtores: a estética. O processo de embalar e etiquetar os produtos, que ocorre tanto com os grupos da Rede Feto, como com os da Empresa Di'ak se apresenta como uma etapa importante para a produção de *merkadorias*. A prática da ONG internacional *PARC Interpeoples' Cooperation* (PARCIC), apresentada no primeiro capítulo, assim como da Empresa Di'ak, faz com que por meio da embalagem e etiqueta, os produtos mudem a sua identificação: passam a ser as *merkadorias* da ONG.

Já no segundo capítulo, demonstrei como a roupagem *merkadoria* é incentivada pedagogicamente pela Empresa Di'ak nos artefatos das comunidades de Ataúro, Makili e Arlo, especificamente. Os códigos, meio pelo qual os artefatos passam a ser identificados ao serem adquiridos pela ONG em troca de dinheiro aos produtores, são meios de fixar a roupagem *merkadoria*, o valor de troca monetário deste objeto, e de disseminar a ideia de que o artefato deve ser produzido priorizando o seu preço e a sua inserção no *merkado*. Por meio dos códigos, os artefatos se tornam *merkadorias* e são adicionados pela ONG em uma planilha que demonstra: 1. o preço o qual a ONG deve pagar pelo artefato; 2. o preço o qual a ONG deve vender o objeto em sua loja; e 3. a quantidade de *merkadorias* daquele modelo presente no estoque.

No limite, percebe-se que o processo de codificação, seleção e mudança estética dos artefatos são artifícios utilizados para desconexão do objeto com o seu produtor, para retirar o objeto de outra possibilidade de troca que não aquela mediada pelo dinheiro, importante definidor de valor dos objetos na economia de *merkado*. Estes são mecanismos para intensificar que as trocas sejam, principalmente, com o *merkado*, que no caso da Empresa Di'ak está relacionado com o turismo, e para potencializar o valor de troca monetário e a identidade de *merkadoria* dos artefatos (TSING, 2013). Desta forma, demonstrei que a condição ontológica *merkadoria*, difundida pelos planos e programas de governo, precisa ser construída e gerida por atores de governança.

As análises também indicaram outro ponto importante de como tem se dado o processo de expansão do *merkado*: mudança na organização e estrutura de produção dos artesãos. Não basta produzir os artefatos, é necessário que haja uma certa organização administrativa em grupos de produção, os quais tenham alguém como presidente, vice-presidente, tesoureiro(a),

secretário(a), etc. Essa proposta de organização dos produtores se demonstra interessante por estar associada a ideia de que o espaço de produção deve ser distinto do ambiente doméstico.

Em muitos casos, como demonstrado no terceiro capítulo, a produção seja de *merkadorias* ou não, se dá no próprio espaço doméstico, em meio às atividades cotidianas de gestão da casa. Com a Sra. Tomásia e o Sr. Marcos, percebi que era muito mais possível a ele produzir as estátuas para o *merkado turístiku* por esta ser uma atividade que pode ser realizada em casa, modelo de produção que se mantém desta forma desde gerações anteriores. Por outro lado, a Sra. Tomásia relatava constantemente a sua dificuldade em produzir *merkadorias*, como as outras mulheres que se engajam em projetos similares ao Bonecas de Ataúro, devido a importância de sua presença cotidiana na casa. Investigar as diferentes conjunturas e estruturas familiares que propiciam que algumas mulheres se engajem em produções fora de casa, enquanto outras não, é um importante ponto para a análise do processo de engajamento destas na dinâmica de produção de *merkadorias*.

O espaço público como o lugar para a produção, assim como para a expressão do poder, são percepções cosmológicas não universalizáveis, como propôs Errington (1990). Acredito que esta é uma reflexão que atravessa não só os teóricos como as próprias militantes feministas – o que também me inclui. Em diversos casos, eu me questionava em campo: por que supor que o fato de o espaço doméstico ser o principal meio de atuação feminino é um fator de desmerecimento ou uma condição negativa para se alcançar o empoderamento? Noções de poder e de realização pessoal, ao meu ver, não podem ser teorizadas e definidas como universais e a compreensão dessas diferentes formas de expressão, a depender do sistema cultural regente, importa ao se propor mudanças no formato e no modo de produção cotidiano das comunidades.

Outro ponto que eu gostaria de melhor explorar nesta conclusão é a divisão entre gastar – subsistência – e poupar – relacionado ao mercado – presente nas práticas de governança da economia que circulam em Timor-Leste. Nesses dois atos, está se considerando como as populações realizam seus investimentos, principalmente monetários. Infelizmente, não encontrei, em tempo hábil, reflexões antropológicas acerca do conceito investimento que no senso comum econômico atual está ligado principalmente ao mercado financeiro¹³⁸. Com isso, mantive a minha análise compreendendo o ato de investir como algo que se realiza em todas as

¹³⁸ Ao procurar a definição do termo no dicionário online Michaelis, das seis descrições, três estão relacionadas à dimensão econômica. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQoea>> Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

dimensões da vida a fim de obter algo: pode-se investir tempo, pessoas, recursos naturais ou monetários, energia, etc.

Espera-se que, ao intensificar o envolvimento das comunidades com o *merkado*, por meio de *merkadorias*, estas realizem novos direcionamentos do dinheiro adquirido. Isso significa, dentre outras mudanças, que se diminua o depósito do dinheiro nas cerimônias da *kultura* e passe a depositá-lo como poupança para que se reinvesta novamente no *merkado*, na produção das *merkadorias*, na modificação das estruturas básicas da casa, dentre outros (SILVA, 2016). Na perspectiva dos atores de governança, para aumentar a riqueza das populações e do país, as comunidades devem deixar de investir o dinheiro recebido na realização das cerimônias de trocas rituais que perpassam diversas dimensões da vida cotidiana dos leste-timorenses (TRAUBE, 1996) e devem passar a poupá-lo para utilizá-lo na reprodução material da vida. A vida parece necessitar cada vez mais da moeda para ser reproduzida.

Desta forma, segue-se do investimento um outro conceito, a saber, o de riqueza. Ao invés de tomar como universal a noção que relaciona riqueza com ganhos monetários, decidi engatar em outra perspectiva, que nos demonstra que, assim como valor de troca não está relacionado apenas ao preço do objeto (NAROTZKY, 2004), riqueza também não significa apenas quanto se possui em termos monetários.

A expansão do mercado a favor da centralização das trocas monetárias, nos moldes do regime de troca de mercado, sugere que se angarie riqueza monetizada, apesar desta não ser a única forma de se definir riqueza. O regime de troca de dádiva sugere que riqueza também pode ser um conceito que se ancore na quantidade de relações sociais angariadas, expressa em muitos casos pela quantidade de pessoas em débito com você. Estar em dívida com alguém ou, da outra perspectiva, ter crédito com alguém, também são formas de se relacionar economicamente e de definir a riqueza (GRAEBER, 2016).

Segue-se disso, como exposto no terceiro capítulo, que na dinâmica de organização social de Makili, permeada por trocas rituais entre as pessoas e destas com os ancestrais (TRAUBE, 1986), riqueza aparece como relacionada a relações sociais as quais a pessoa possui. O que espero ter demonstrado, principalmente no terceiro capítulo, é que a circulação do dinheiro advindo das *merkadorias* vendidas no *merkado turístiku* pode ter fins que não estão relacionados diretamente à dinâmica do mercado. O Sr. Marcos produz as estátuas como *merkadorias*, mas o trajeto que o dinheiro realiza depois de retornar para Makili não está enrijecido com o *merkado* e com esse regime de troca. Ao investir nos estudos de alguns irmãos, primos e cunhados, ou ajudar monetariamente em rituais da *kultura* da sua *lisan*, não é o valor monetário investido que norteia a decisão, mas a relação de débito criada e, assim, o retorno a

longo prazo que este investimento trará não exatamente a ele, mas aos seus filhos. O conceito de lucro e o envolvimento do tempo nesse processo poderiam ser, desta forma, repensados em termos de relação sociais e não em dinheiro¹³⁹.

Foi na observação cotidiana do circuito local do dinheiro e nos relatos de que em momentos urgentes eles tinham um dinheiro reservado para auxiliar familiares na realização de rituais da *kultura*, seja do *barlake* ou de outros, que eu percebi que a poupança está ali presente¹⁴⁰. O fato de outros produtores também me relatarem que o dinheiro era importante para “*la’o lia*”¹⁴¹, ou seja, para realizar as práticas da *kultura*, me fez questionar a ideia de poupança como uma prática apenas centralizada nas relações bancárias. O gastar contraposto a poupar, desta forma, não parece se fundamentar no contexto de Timor-Leste – e imagino que em outras partes do mundo. A expectativa de que com a economia de mercado venha a poupança reflete a percepção de atores de governança de que os investimentos realizados na *kultura*, nas trocas rituais que intentam reproduzir as relações sociais, não retornam riqueza e, logo, não desenvolveria economicamente a população e o país.

A comunidade e o mercado: uma relação tática

Com o que está exposto até aqui, espero ter conseguido propor que reflitamos sobre como o senso comum da economia clássica que permeia os conceitos de economia nos impossibilita, em muitos casos, perceber as decisões de investimento das pessoas como relacionadas a expectativas e a desejos não necessariamente monetários. Não estou propondo que o dinheiro e a dimensão monetária não são importantes. Na verdade, entendo, como Gudeman (2001), que esta é uma das partes que faz com que a economia se desenvolva. A dimensão comunidade da economia, na qual estão imersas as relações sociais, as regras locais de reprodução da vida, também é uma parte a ser considerada.

No segundo capítulo, demonstrei como o modo pedagógico de atuação da Empresa Di’ak na transformação dos artefatos em *merkadorias* é mediada por diferentes trajetórias de adesão ao cristianismo em diferentes comunidades que impacta como cada uma delas se relaciona com seus saberes. A conversão ao catolicismo, em Makili, e ao protestantismo, em Arlo, produziram implicações diversas para os modos como as populações destas localidades se relacionam com artefatos produzidos para ser *merkadorias*.

¹³⁹ Agradeço à Profa. Teresa Cunha que me alertou como no regime de troca de dádiva o tempo não é dinheiro, como muito se diz nas dinâmicas capitalistas.

¹⁴⁰ E o ato de poupar pode ser melhor pensando como agregação e não acumulação.

¹⁴¹ Em tétum, *la’o* significa caminhar e *lia* significa língua. A expressão, no entanto, está relacionada com reproduzir os rituais da *kultura*.

Em Makili, a atuação dos Pe. Chico e Luis e o maior contato com a capital e os anseios turísticos que dela emanam, facilitam a transformação de artefatos locais em *merkadorias* e a commodificação desses artefatos. Makili aparece como tendo uma maior proximidade com a dimensão do mercado (GUDEMAN, 2001) da economia e podemos indicar, assim, que neste caso, a versão mercado e comunidade da economia, se mantém, de certa forma, mais relacionadas. Ainda que sob a identidade de *merkadorias*, isso significou, como exposto por Barrkman (2017), para o caso das estátuas de Ataúro, que o saber não se perdeu e a relação ancestral é mantida, mesmo que sob novos formatos, mantendo as estátuas e, possivelmente outros artefatos, na esfera do encantamento. Ainda há a justificativa de que aquelas *merkadorias* representam a *kultura* “deles”.

Em Arlo, a atuação protestante implicou, junto a outros fatores, em uma diminuição e quase extinção da produção do principal artefato local, *sanan rai*. Não só a prática foi diminuindo, como a relação das comunidades com os seus saberes tradicionais e locais se modificou. Keane (2007) demonstrou que no caso de comunidades convertidas ao protestantismo, os saberes e a própria organização social local perdem o local central no cotidiano das famílias, pela defesa do abandono dessas práticas por parte da instituição religiosa. Sugere-se que a relação com o mundo espiritual, com os ancestrais que se fazem agentes por outros meios, seja extinta. Como indiquei, no limite, essa mudança tem implicado, principalmente, em um processo de secularização de diversos âmbitos do cotidiano das comunidades.

A produção dos *sanan rai* parece ter sofrido o impacto dessa secularização. Como Galipaud e Assis (2014) indicaram, a olaria pode ser considerada uma prática sagrada, legada pelos ancestrais e que reflete a reprodução da vida, a fertilidade. Desta forma, a mudança na relação da comunidade com a organização local a partir da adesão ao protestantismo parece ter corroborado com o processo de extinção.

O recente retorno da prática por meio da presença da Empresa Di’ak, assim como de outros atores, tem acarretado em uma negociação das características estéticas das cerâmicas a fim de transformá-las em *merkadorias culturais* para o *mercado turístico*. Diferente dos artefatos de Makili, que já estavam no *mercado* antes da Empresa Di’ak, os *sanan rai* precisam da agência da ONG para se transformarem em *merkadorias*. Surge desta diferença a hipótese de que é possível que a secularização, em Arlo, no domínio de valor da comunidade, definido por Gudeman (2001), tenha impactado negativamente o domínio de valor do mercado, mostrando uma certa cumplicidade entre esses dois segmentos – comunidade e mercado.

Os dois casos nos demonstram como a reprodução da relação com o mercado, a intensificação desta dimensão da economia, tem relação direta com a organização social e os valores que a orientam (GUDEMAN, 2001). Parte da produção dos artefatos hoje identificados principalmente como *merkadorias culturais* tem suas raízes de produção na relação cosmológica com os ancestrais e no regime de troca de dádivas. Como sugeri ao expor sobre o processo de negociação das prestações matrimoniais em Makili, diversas etapas da vida dos leste-timorenses envolvem rituais de troca de objetos, animais, direitos sobre pessoas, dentre outros. Os *tais*, os cestos produzidos com folhas de *akadiro*, o bufálo, o peixe são alguns exemplos de itens que entram nessas trocas. No caso do casamento em Makili, por exemplo, a *lisan* do homem precisa retribuir à *lisan* da mulher, com itens negociados a depender das partes. Não é a ideia de compra, como em um regime de mercado, que norteia a troca, mas sim de firmar e reproduzir a relação entre as partes envolvidas. Antes de serem produzidas para o *merkado*, a maioria desses objetos já circulavam e eram trocados como dádivas.

As estátuas de Ataúro, produzidas em Makili, são apresentadas como representantes dos ancestrais originários das *lisan*. A presença delas nos espaços sagrados indica tanto respeito para com esses ancestrais, como um pedido de proteção e fertilidade. Neste caso, é uma relação de troca com os ancestrais espirituais que está em jogo. Nas pesquisas sobre a cerâmica em Timor-Leste (GALIPAUD; ASSIS, 2014), também há a indicação de que estes artefatos tenham uma relação cosmológica de troca com os ancestrais, indicando fertilidade.

Dito isso, como sugerido por Gudeman (2001), os domínios de valor mercado e comunidade da economia se correlacionam de forma fluída e em alguns contextos podem se conformar em tensão, enquanto em outros em total sinergia. Acredito que uma das chaves para compreender parte do processo de fortalecimento do Estado nacional leste-timorense por meio da modernização e expansão do *merkado* esteja encaixada na exposição e aprofundamento da compreensão de como ocorrem as formas locais de reprodução das relações sociais, por meio das trocas, e como esses valores também impactam na transposição de parte dos objetos para o domínio do mercado.

A expansão do mercado, principalmente em contextos pós-coloniais, tem levado à atuação de atores de governança para a comodificação da produção de diversos objetos e dos objetos em si. O argumento desses atores gira em torno da percepção localizada na expectativa de que o ganho monetário através da comodificação, principalmente da *kultura* – por meio dos artefatos – modifique desde as infraestruturas da casa, a alimentação, até as relações de

violência de gênero. Sugeri que a relação direta e linear de recebimento do dinheiro com mudanças nessas questões não parece se sustentar.

No primeiro capítulo, com base em Yúdice (2006), demonstrei como a cultura tem se tornado cada vez mais objeto de manipulação nos discursos com o intuito de que esta seja encarada como um recurso importante para a “salvação” dos países que buscam o desenvolvimento. No entanto, ao longo da monografia, pretendi indicar que não é só a cultura que passa por esse processo de fetiche: o dinheiro também está embutido, nas práticas dos atores de governança, na ideia de ser um potencial transformador cultural e social.

Por que esse fetiche do dinheiro? Segundo Bloch e Parry (1989), ao mesmo tempo em que existe uma dualidade moral nas relações que envolvem o dinheiro – ora encaradas como libertação, ora como pecado – muitas das práticas de expansão do mercado e das relações monetárias de troca se ancoram na expectativa do dinheiro ser o potencial modernizador dos países e das relações entre as pessoas. Sucede-se desta afirmação a ilusão de que em sociedades nas quais a monetização não é a principal forma de relação econômica, o dinheiro não estivesse presente. No entanto, os autores demonstram que o dinheiro não é um recém-chegado nas relações de troca da maioria dessas sociedades e que mesmo com o dinheiro, estas não deixaram de se relacionar de formas não mercadológicas.

Ao indicarem que a presença do dinheiro nas trocas não leva diretamente a uma relação monetária de mercado, os autores me propuseram refletir qual seria o local do dinheiro para as famílias com as quais eu tive contato durante o campo. Estas pareciam ter consciência que mesmo que o dinheiro estivesse presente em alguma cerimônia ritual de troca da *kultura*, isto não tornava a relação como de mercado. Por ora, sugeri que o estímulo à produção de *merkadorias* para expansão do *merkado* e fortalecimento nacional, está ancorado na expectativa de que o dinheiro transforme as formas locais de gestão econômica; de investimento do valor recebido; de acúmulo de riquezas, que refletem em mudança na forma como as comunidades se relacionam entre si. Se o dinheiro levaria a uma transformação e modernização mais intensa, segundo os modelos de expansão capitalcentrados, é uma questão para um próximo trabalho...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Cia das Letras. São Paulo. 2008.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 15-88.

BARRKMAN, Joanna. **The Sculptures of Atauro Island**. Darwin, Charles Darwin University Art Gallery, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. As Estruturas Elementares do Parentesco, de Claude Lévi-Strauss. **Campos**, 8(1):183-189, 2007 [1949].

BICCA, Alessandro. **A diferença entre os iguais**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 247, 2011.

BLOCH, Maurice; PARRY, Jonathan. **Money and the Morality of Exchange**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p.122-155.

CARVALHO DE FRANÇA, Genauto. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, vol. 7, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 155-174.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

COUTINHO, Maurício Chalfin. As Origens da Economia Política Clássica. In:_____. **Lições de Economia Política Clássica**. São Paulo, Hucitec, 1993, p. 15-37.

DEL HOYO, Juan José García; MADARIAGA, Celeste Jiménez. Teorías del Valor: coincidencias y divergencias en la economía y la antropología social. **Revista de Economía Institucional**, vol. 17, n. 33, 2015, p. 109-131.

DUMONT, L. **O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ERRINGTON, Shelly. Recasting sex, gender and power: a theoretical and regional overview. In: ATKINSON, Jane; ERRINGTON, Shelly (orgs.). **Power & Difference: Gender in Island Southeast Asia**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

ESCOBAR, Arturo. **Encountering Development. The Making and Unmaking of the Third World**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

FERNANDES, Alexandre Jorge de Medeiros. **Em searas do Timor Português: um estudo sobre as práticas de mediação da Diocese de Díli no período colonial (1949-1973)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia (DAN)/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília, p. 170, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 15ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 79 p.

FOX, James. **The paradox of powerlessness: Timor in historical perspectiv. A paper presented at the Noble Prize symposium on East Timor**. University of Oslo, December 9, 1996.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 10 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

GALIPAUD, Jean-Christophe & ASSIS, Cecilia. **Sanan Rai. Um patrimônio em extinção em Timor-Leste**. Díli: Secretaria de Estado de Arte e Cultura, 2014.

GIBSON, K. & GRAHAM, J. **O fim do capitalismo (como nós o conhecemos). Uma crítica feminista de economia política**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

GRAEBER, David. **Dívida: os primeiros 5.000 anos**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

GREGORY, Christopher. A. **Gifts and Commodities**. London, Academic Press, 1982.

GUDEMAN, Stephen. Community, Market e Culture. In: _____. **The Anthropology of Economy. Community, Market e Culture**. Malden, Blackwell Publisher Ltd, 2001, p. 1-24.

HANN, Chris. Economic Anthropology. In: CALLAN, Hilary. **The International Encyclopedia of Anthropology**. John Wiley & Sons, Ltd, 2018.

HERZFELD, Michael. **Antropologia: Prática teórica na cultura e na sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2016.

HICKS, David. Indexing Social Space: a market place in Timor-Leste, 1966/2007. **Bijdragen tot de Taal-,Land-en Volkenkunde**, 168 (1): 55-73, 2012.

KARIM, Lamia. Demystifying Micro-Credit. The Grameen Bank, NGOs, and Neoliberalism in Bangladesh. **Cultural Dynamics**, 20(1), 2008, p. 5-29.

KEANE, Webb. **Christian Moderns. Freedom & Fetish in the mission encounter**. Berkeley: University of California Press, 2007.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (org) **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 89-121.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LEVI-STRAUSS, Claude. "Introdução à obra de Marcel Mauss". In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Editora Vozes, 1976.

MARX, Karl. A mercadoria. In: MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013, pp. 113-158.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. **A nação**. Trad. Dorothée de Bru- chard. Org. e introdução Marcel Fournier e Jean Terrier. São Paulo, Três Estrelas, 2017. 359 pp, 2017.

MURPHY, Michelle. **The Economization of Life**. Durham, Duke University Press, 2017.

NAROTZKY, Susana. **Antropología Económica. Nuevas tendencias**. Barcelona: Editorial Melusina, S.L., 2004.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. — Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. O Dito e o Feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NuAP, 2001.

POLANYI, Karl. **A grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro, Campus. 360 p, 2000.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Diversidade Cultural enquanto Discurso Global. **Avá, Posadas**, n. 15, 2009. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942009000200001&lng=es&nrm=iso> Acesso em 20 de outubro de 2018.

ROSA, Frederico Delgado. “Temor e orgias”: dimensões antissincréticas no arquivo missionário novecentista (Timor Leste, c. 1910-1974). **Anuário Antropológico**, Brasília, 2017, v. 42, n. 2: 31-56.

SAHLINS, Michael. The Original Affluent Society. In: _____. **Stone Age of Economics**. Nova York, Aldine de Gruyter, 1972. Tradução: Betty M. Lafer. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/231855/Marshall+Sahlins+Sociedade+afluente+original.pdf>> Acesso em 25 de outubro de 2018.

SANTOS FILHO, Miguel Antonio. **A Conformação de uma Sociedade Civil e a Consolidação da *violensia domestika***. 2016. 161 p. Monografia de graduação. Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Kelly. **As Nações Desunidas, Práticas da ONU e a Estruturação do Estado em Timor-Leste**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. Administrando pessoas, recursos e rituais. Pedagogia econômica como tática de governo em Timor-Leste. **Horiz. antropol. [online]**. 2016, vol.22, n.45, pp.127-153.

_____. Managing persons and rituals. Economic pedagogy as government tactics. In: VIEGAS, Susana de Matos; FEIJO, Rui Graça. **Transformations in independent Timor- Leste: dynamics of social and cultural cohabitations**. Nova York: Routledge.

_____. O governo da e pela *kultura*. Complexos locais de governança na formação do Estado em Timor-Leste. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2014, p. 123-150.

_____. 2017. Parasitando a *kultura*, produzindo mercados? Etnografias de práxis de governo da economia em Timor-Leste. **Projeto de pesquisa de pós-doutorado**. Mimeo. 2017

SILVA, Kelly; FERREIRA, Andreza Carvalho. A objetificação da cultura para construção nacional em Timor-Leste. Perspectivas a partir de coleções de tais. **Veritas**, v. 4, p. 43-59, 2016.

SILVA, Kelly; SIMIÃO, Daniel. Negotiating culture and gender expectations in Timor-Leste: ambiguities in post-colonial government strategies. In: Sara Niner (ed.). **Women and the Politics of Gender in Post-Conflict Timor-Leste: Between Heaven and Earth**. Londres: Routledge, 2016.

SILVA, Kelly; SOUSA, Lúcio. Art, Agency and power effects in East Timor: provocations. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, nº 1/2015, pag. 3-16.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas Miudinhas: ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros**. Rio de Janeiro: Morula editorial, 2013.

SOUSA, Lúcio. The colonial bazaar in Portuguese Timor: the taming of the “savage marketers”. Anais do **Simpósio Internacional Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste** (prelo). 2018.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. **Gestar e gerir. Estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

STOLLER, Ann. L. **Capitalism and Confrontation in Sumatra's Plantation Belt, 1870-1979**. The University of Michigan Press, 1995.

STRATHERN, M. Quali ed value: the perspective of gift exchange. In: HUMPHREY, C.; HUGH-JONES, S. (Ed.). **Barter, exchange and value: an anthropological approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 169-191.

TAM, THERESE. Women's income-generating activities, challenges and policy implication in Timor-Leste. Anais do **Simpósio Internacional Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste** (prelo). 2018.

TAUSSIG, Michael T. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

TRAUBE, Elizabeth. **Cosmology and Social Life. Ritual Exchange among the Mambai of East Timor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

TSING, Ann. Sorting out commodities: How capitalist value is made through gifts. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, 3:1, 2013, 21-43.

VALERI, Valerio. Buying women but not selling them: gift and commodity exchange in Huauilu alliance. **Man: New Series**, London, v. 29, n. 1, p. 1-2, 1994.

WOUNDEN, F. A. E. **Types of Social Structure in Eastern Indonesia**. Hague, Martinus Nijhoff. 1968.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WORTHEN, Holly. Women and microcredit: alternative readings of subjectivity, agency, and gender change in rural Mexico. **Gender, Place & Culture**, p. 1-18, 2011.

YÚDICE, George. **A Conveniência da Cultura – Usos da Cultura na Era Global**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

YANG MEI-HUI, Mayfair. Putting Global Capitalism in Its Place: Economic Hybridity, Bataille, and Ritual Expenditure. **Current Anthropology**, Vol. 41, No. 4 (August/October 2000), pp. 477-509.

Documentos e Websites

EMPRESA DI'AK. **Site Oficial**. Disponível em: <<http://empresa-diak.com/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

MAPA DE ATAÚRO. Disponível: <https://www.researchgate.net/profile/Marthen_Welly/publication/312552471/figure/fig5/AS:452506330374148@1484897324272/Map-of-Atauro-Island-District-of-Dili-Timor-Leste.png> Acesso em 10 de março de 2019.

MAPA DE TIMOR-LESTE. Disponível em: <<https://media1.britannica.com/eb-media/33/61833-073-93A0087A.gif>> Acesso em 10 de março de 2019.

MICHAELIS. **Dicionário - Artefato**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/artefato/>> Acesso em 15 de setembro de 2018.

MISSION AVIATION FELLOWSHIP. **Site Oficial**. Disponível em: <<https://www.maf.org/>> Acesso em 15 de janeiro de 2018.

MICHAELIS. **Dicionário – Investimento**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQoea>> Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

ONU. **Criative Economy: a feasible development option**. 2010. Disponível em: <https://unctad.org/en/docs/ditctab20103_en.pdf> Acesso em 16 de março de 2019.

PARCIC. **Site Oficial**. Disponível em: <<https://www.parcic.org/english/>> Acesso em 15 de agosto de 2018.

TIMOR-LESTE. **Plano de Ação Nacional sobre Violência Baseada no Género 2017-2021**. Publicado pela Secretaria e Estado para o Apoio e Promoção Socio-Económica da Mulher, 2017.

_____. **Plano de Ordenamento do Território da Ilha de Ataúro**. 2015. Disponível em: <<https://www.zeesm.tl/tt/plano-de-ordenamento-do-territorio-compressed/>> Acesso em: 15 de maio de 2018.

_____. **Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030**. 2011. Disponível em: <http://timor-lete.gov.tl/wp-content/uploads/2012/02/Plano-Estrategico-de-Desenvolvimento_PT1.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

_____. **Programa do VI Governo Constitucional**. Disponível em: <<http://timor-lete.gov.tl/?cat=39&lang=pt&bl=11688>> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

TOMAK. **Gender Equality and Social Inclusion Analysis**. 2016. Disponível em: <<http://tomak.org/wp-content/uploads/2016/11/TOMAK-gender-and-social-inclusion-analysis.pdf>> Acesso em 20 de julho de 2018.

_____. **Site oficial**. Disponível em: < <http://tomak.org/>> Acesso em 20 de outubro de 2018.